



Órgão Oficial do Centro Acadêmico «Oswaldo Cruz»
Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo

REFLEXIONE, COMPANHEIRO

O C. A. O. C. exige de você um associado autêntico, isto é, consciente

A vida do estudante de Medicina, enquanto tal, não deve desenvolver-se em torno a um centro, a Faculdade, mas sim, em relação a dois centros: a Faculdade e o Grêmio Estudantil. Aquele que desconhece este último, além de descuidar de seus próprios interesses e direitos, falta ao seu dever e esquece sua responsabilidade, e, com um critério integral, não pode ser considerado um bom estudante.

Cremos que esta afirmação, que pode lhe parecer obscura e incorreta, colega leitor (esperamos mesmo que assim seja, pois então é precisamente a você que dedicamos este artigo), é perfeitamente demonstrável.

Analisemos juntos o caso do "bom estudante" que cumpre perfeitamente todos seus deveres. Admitamos que você esteja nesse caso. Você assiste às práticas, mesmo as teóricas, prepara os exames conscienciosamente, às vezes colabora na docência e na investigação até que, um belo dia, recebe o título profissional.

Podemos considerá-lo um "estudante integral"? Cumpre "todas" suas obrigações? Evidentemente, cumpre os deveres que lhe impuseram como preço de um título. E inclusive você poderá chegar (ou não) a ser um "bom profissional".

Porém, com todo o valor que isto possui, assim isolado, não nos permite reconhecer nenhum mérito na projeção universitária e mesmo humana de sua personalidade.

Porque existem outros deveres, que talvez você não haja ainda descoberto, porque nunca lhe foram impostos, e que são, sem embargo, tão importantes como os anteriores. Perguntêmo-nos: "Que colaboração trouxe com seu pensamento a ação na definição e solução de idéias e problemas coletivos, de toda natureza, em que se jogavam interesse e direitos comuns a todos companheiros, e que, por sê-lo, se interceptavam necessariamente com os seus?"

Até que ponto seu trabalho individual se integrou com o dos seus colegas na luta pelos ideais estudantis, e que uma vez materializados, você também disfru-

tou, e dêles até se orgulhou? Onde ficou sua responsabilidade quando o Centro Acadêmico precisou definir atitudes em campos os mais amplos? Ninguém pode negar que as situações coletivas aqui mencionadas (que você pode converter em exemplos concretos lendo este número ou outro qualquer anterior, e pensando nas múltiplas assembleias) são uma fonte constante para esse dever coletivo.

Também é certo que este dever não é compulsório objetivamente, nem é sancionável, mas, não por isso, deixa de ser mais real e verdadeiro... É muito estreito o critério daquele que vê o dever através de uma sanção, e é nulo o daquele que só o cumpre ante a coerção de penalidade.

Desde muitíssimo tempo, antes mesmo que fora afirmado, é certo que o homem é um ser social. E isto não quer dizer que ele goste de conversar, colega!! Significa que é, ao mesmo tempo, indivíduo e integrante de algo que transcende, que é muito mais que uma soma de indivíduos, e que chamamos Sociedade.

E será tanto mais perfeitamente humano aquele que mais harmoniosamente desenvolver sua personalidade nestas duas dimensões. E isto depende do esforço de cada um, e só dele.

Porém a Sociedade, — assim com S maiúsculo, — é uma coisa abstrata, e aquele que para ela dirige seus esforços de superação os verá perder-se, com toda probabilidade, no vazio do ima-

→ Conclue na 4.a página

NESTE NÚMERO

Entrevista do Prof. Cunha Motta

Ensino Médico
As Assembleias

Descendo a Lenha: —
Tenha Paciência, Dr. Franklin.

A Fôlha Acadêmica.
Zé Bronquinha.

A Greve.
Vamos dar uma Nota aos Professores

Falam os professores: —
Colaboração do Prof. Junqueira

Um fato em foco: as transferências.

A OPINIÃO DOS QUE SE FORMAM

Discurso de formatura da turma de 1953

Não imaginamos início mais auspicioso para esta seção, anunciada e prometida em número passado.

Isto porque pudemos trazer não somente a opinião de um ex-aluno, mas da maioria, se não de todos os doutorandos de 1953, através da verdadeira profissão de fé contida no discurso de formatura, pronunciado por seu representante, o Dr. Walter Campi Laus.

Que os conceitos elevados, que os fatos alarmantes, que as considerações sensatas, que as graves acusações, que a posição firme e a orientação sadia assumida pelos médicos de 53, levadas ao papele e à tribuna no estilo vigoroso e incisivo do seu orador, sejam uma fonte de profundas meditações para cada um de nós.

Se problemas como a precariedade de educação, saúde de nosso povo, o marasmo políti-

co-econômico do país, o desmando dos governantes, a tragédia das zonas rurais, os gastos das Forças Armadas, a escassez de cambiais, a falta de bom senso e moral pública, são trazidos a baila, não podendo ser silenciados, mesmo numa data festiva como é a de formatura, é porque, caros colegas, atingimos uma situação excepcionalmente grave.

A aprovação que esse discurso mereceu dos doutorandos, os aplausos que o entrecortaram e coroaram em 23 de dezembro de 1953, são a melhor apresentação deste trabalho que aqui vai transcrito, não por formalidade (pois que formalidade não pretende mais existir no "O Bisturi"), mas para levar os colegas a meditar na responsabilidade que cada um de nós, jovem, universitário, e por isto mesmo entusiasta e capaz, tem de bata'har, para que, na sua

própria formatura, o orador da turma, não tenha que voltar a estes temas.

Eis, na íntegra, o discurso do Dr. Walter Campi Laus, orador da turma de 1953, pronunciado na solenidade de formatura, no Teatro de Cultura Artística, no dia 23 de dezembro de 1953:

Magnífico Reitor da Universidade de S. Paulo.

Exmos. Srs. Representantes das altas autoridades.

Exmo. Sr. Diretor e demais.

Exmos. Srs. Membros da colenda congregação da Faculdade de Medicina de São Paulo.

Querido paraninfo.

Exmas. Sras. Meus Senhores.

Caros colegas:

Todo fim de ano se repete esta festa! Ela representa, para muitos dos que aqui vêm, o término de uma luta, a concretização de um objetivo. E' como se fôra o acordar de um sonho ou o fim de um romance que acabou bem.

E nesse romance, os personagens são inúmeros: como heróis, num primeiro plano, estão os doutorandos, os jovens médicos, em cujas fisionomias se pode advinhar um misto de tristeza alegre, uma mistura de pezar e satisfação.

A tristeza é consequente aos primeiros pruridos de saudade que já começam a sentir dos anos que viveram juntos.

Seis anos são passados desde nossa entrada na Faculdade e, parece-nos, foi ontem cedo que os petulantes e sádicos veteranos nos tingiram os cabelos e nos obrigaram a usar gravatas borboleta e alparcatas brancas. Perambulávamos então, medrosos, pela Escola e em cada canto tínhamos um algoz em potencial.

A alegria é fruto da vitória que acabamos de alcançar. No espírito de cada doutorando brotou um dia a idéia de se formar em medicina. Desde esse instante uma tragédia se iniciou na vida de cada um dêles.

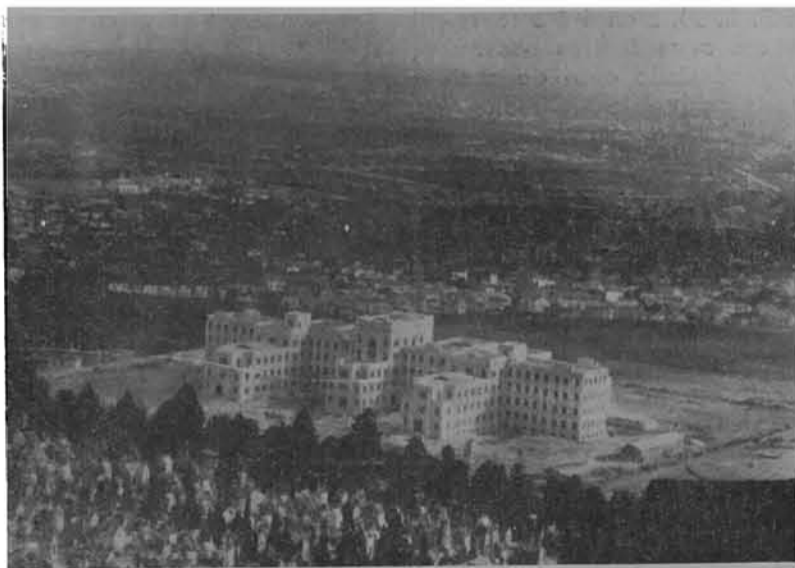
País pobre em escolas como é este, principalmente pobre em boas escolas, boas e baratas, é difícil, para muitos mesmo impossível, ingressar numa boa Faculdade. Esforços quase sobrehumanos têm que dispendir o estudante para conquistar um lugar nesta Escola. Um de nós o tentou seis vezes consecutivas. E' uma tragédia! E hoje, depois de tudo por que passaram, estão recebendo o diploma. Daí advém a alegria que se vê estampada em seus semblantes.

Num segundo plano, heróis também, mas perdidos no seio do povo que superlota este recinto, estão os progenitores dos doutorandos. Sentem-se orgulhosos de seus filhos e recebem com êles a recompensa dos sacrifícios dispendidos na sua criação desde o momento em que tiveram ciência de que viriam ao mundo.

→ Continua na 6.a página

FLAGRANTES DO PASSADO

Término das obras de um gigante



Apresentamos nesse número de Maio, como uma sincera homenagem, um aspecto da conclusão da nossa Faculdade no ano de 1931; iria, em breve futuro, projetar-se como um padrão de eficiência e trabalho entre tôdas as suas congêneres do mundo. Essa fotografia foi tirada às vésperas da sua inauguração, que se deu no dia 15-5-1931, quando ainda não haviam as avenidas Dr. Arnaldo, Rebouças e Ademar de Barros atuais; ao seu redor existia quasi só mato e o local onde se ergue hoje o Hospital das Clínicas era um simples terreno baldio.

Construída às custas de um idealismo são, tornou-se a esplendorosa realidade que hoje desfrutamos e que devemos respeitar e honrar com o maior de nossos esforços. Tanto mestres como alunos, têm obrigação moral de lutar para seu maior aperfeiçoamento pondo de lado o pernicioso egoísmo que muitos (professores e estudantes) lançam mão, na atualidade, para resolver seus graves problemas, frutos de um extraordinário desenvolvimento alcançado em tão pouco tempo.

DESCENDO A LENHA

"FÓLHA ACADÊMICA"

VESTE LUTO A UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Há "cidadãos menos avisados que prepararam a cova da Faculdade, que hoje tem seu nome achavascado ("grosseiro" "tôco", conforme o Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa: P.D.B.L.P.) pela impetria dos condutores do seu Centro Acadêmico, que lhe permitem o naufrágio, em degradante imoralidade.

Nesta fúnebre situação só nos resta apresentar condolências a esta estática diretoria e apeniguada (sectária, protegida-segundo P.D.B.L.P.).

Rebaixam nosso padrão, desviam para uma Faculdade sem nome e tradição uma quota que nos cabe...

Assiste-se impotente, à chacinca.

Somo covardes!

A Faculdade agoniza; já tiraram-me à fétida vala do desprezo!

Três outras moléstias corroem-lhe as entranhas: uma trinca de transferências. Recepciona-se o transferido com manifestações de amizade canina.

Alguns diretores, amesquinçados em sua estulta jactância e acintosa megalomania, defendem ostensivamente as transferências como sua pseudo-cachimonia (popular, — cabeça, capacidade; P.D.B.L.P.).

Se não barrarmos os achambantes (grosseiro, deslegante P.D.B.L.P.) casos, estaremos neste lutuoso 1954, cuspindo no nome digno de uma Faculdade, em lúgubre festim, que findará em algum prostíbulo onde se beberá o sangue da velha megera (mulher de mau gênio, mãe desnaturada — P. D. B. L. P.) morta, que um dia foi à Faculdade, da qual os filhos irresponsáveis profanaram a honra e o nome!

Aquêle título e estas linhas são a "nata" de um artigo assinado por Plessmann, e publica-

do no 1.º número de um "jornal" intitulado "Folha Acadêmica" o qual indica no cabeçalho: Faculdade de Medicina da U. S. P., como se dessa fosse órgão.

Caros colegas: analisem bem o conteúdo das linhas acima transcritas e comparem a gravidade das acusações com a positividade, a existência real, dos fatos e argumentos apresentados.

Examinem os termos usados. Avaliem bem a intenção agitada e demagógica do autor, ou a sua estrondosa "infelicidade" na redação. (A minha boa vontade vai longe).

Imagine a impressão de um aluno da Politécnica ou Escola Paulista ao ler este "artigo"

Medite sobre a autoridade moral do autor, que é 2.º anista e nunca trabalhou um minuto sequer pelo C. A. O. C., para fazer as acusações que faz, no tom que emprega, e com os fatos e argumentos que apresenta (ou melhor, não apresenta).

Com que direito cita uma verba para outra Faculdade da U.S.P. e a existência de 3 transferidos, para dizer que somos covardes, que assistimos à chacinca da Faculdade, que a lançamos à vala do desprezo... que lhe beberemos o sangue em algum prostíbulo.

Há coerência? Há bom senso? Há equilíbrio? Há espírito construtivo nessas linhas?

Após várias leituras e uma análise serena do artigo, à procura de um mínimo de justificativas, de uma nesga de construtividade e boa intenção nas suas palavras, só pude chegar à conclusão de que a única maneira de respondê-lo é "descendo a lenha", atacando e reprovando de rijo esta atitude, infeliz ou maldosa, para a qual toda complacência é covardia.

Não compreende o colega que criticar não é xingar, que apontar erros não é atirar lama nas mais prestigiosas instituições, que lutar pela elevação de nossa Faculdade e nosso C. A., não é exagerar-lhe e distorcer-lhe maldosamente as falhas, nas páginas de um pasquim (jornal ou folheto-difamador — P. D. B. L. P.), mas é inscrevendo-se em suas fileiras construtivas, produzindo algo de positivo e elogiável, para adquirir o direito à crítica sadia, justa e construtiva.

Que "O Bisturi" não é covarde, não pretende usar de "política de panos quentes", não tem medo de dizer a verdade, não precisa ser proovado. Leia-se nosso Editorial de abril, número apresentação. Analisem todos os lembretes e artigos desta edição, e definam-lhe a orientação: é um jornal de crítica, mas de crítica profunda, sobre fatos evidentes, com argumentos irrefutáveis, e antes de tudo, é construtivo: procura sugerir, auxiliar na solução dos pontos falhos. E para adquirir o direito de crítica "O Bisturi" mantém seções unicamente construtivas, para provar que é capaz de produzir também, e se submeter a crítica dos outros.

De modo que estamos perfeitamente à vontade para "descer a lenha" no lamentável artigo, por ser contrário aos princípios elementares de objetividade, moderação, documentação nas acusações, idoneidade dos autores e veracidade de afirmação, que regem a nossa orientação.

TENHA PACIÊNCIA, PROF. FRANKLIN!

Dentre os absurdos da última reforma sobressaem os desdobramentos de algumas Cadeiras do nosso Curso Médico como por exemplo a Anatomia, a Psiquiatria, Medicina Legal, etc. pois que isso, ao invés de melhorar o ensino, veio apenas sobrecarregar o estudante sem qualquer proveito prático. Entre os Departamentos que deveriam merecer essa atenção está a Fisiologia que, afinal de contas, é uma matéria importantíssima e fundamental para a formação do futuro médico e para o bom entendimento das aulas que o estudante terá mais tarde, nas várias clínicas do Hospital.

Acontece porém que, a Fisiologia que se aprende atualmente no respectivo Departamento da nossa Faculdade, não é nem sombra daquilo que precisamos pois que, devido a u'a má orientação, ensinam-se ali coisas antiquadas e sem interesse, cuja aplicação futura não existe. Basta darmos uma rápida olhadela nos cadernos de Fisiologia de um segundoanista para vermos o erro citado, e nos certificarmos do pouco caso com que são tratados os assuntos de maior necessidade que,

Estes primeiros números do "O Bisturi" só pretendem mostrar que, com sua nova orientação, poderá vir a ser um bom jornal acadêmico e uma grande força para defesa dos alunos, para divulgação de opiniões e o progresso de toda Faculdade.

—oOo—

Não falte com o mínimo de contribuição ao seu grêmio: pague a anuidade do C.A.O.C..

quando "citados" caracterizam-se por uma lamentável desatualização. A maior prova disso está no fato de que os estudantes ainda estudam para os exames por apostilas publicadas há quasi vinte anos já que elas não diferem quasi em nada do que se ensina nas aulas de hoje.

Prof. Franklin, o sr. acha que isso está certo? Será que o que está naquelas apostilas de aparelho respiratório, de Circulatório, de Digestivo não está já bastante antiquado? E a Fisiologia Renal, tão importante hoje na Clínica, não merece mais do que as minguidas aulas que são ministradas a todas as turmas? Ao invés do sr. se etender tanto na Fisiologia Geral, cuja importância é tão pequena, porque não dá mais tempo ao Dr. Ciro Nogueira para que dê melhor e mais completo o seu curso de Endocrinologia, uma das poucas coisas verdadeiramente boas que se aprende nesse Departamento?

Não há dúvida que a Fisiologia é importantíssima. Porém é uma matéria que vive em franca evolução não podendo permanecer quasi estacionária em teorias e leis antiquadas cujo interesse já ficou para a História da Medicina e que hoje só servem para confundir o aluno. O resultado disso é que as Clínicas Médicas são obrigadas a ensinar tudo de novo, como prova insofismável da perda de tempo que é esse extenso curso de fisiologia tão crivado de leis, de noções gerais e disseções de sapos. Tenha paciência Prof. Franklin de Moura Campos!

Fernando Proença Gouvêa

SOLIDARIEDADE

Em reunião de Diretoria, no dia 24 de Maio, o Centro Acadêmico "Oswaldo Cruz" aprovou a resolução de se enviar à "Associação Brasileira de Imprensa" e à imprensa em geral, a solidariedade dos estudantes desta Faculdade em face da morte do cronista Nestor Moreira. Deliberou também apresentar seu voto de protesto pelas arbitrariedades e violências policiais pelas quais foi vítima o aludido cronista.

Como é de conhecimento geral, Nestor Moreira, quando em prática de sua atividade profissional, foi vítima de espancamentos por parte da polícia do Rio e veio a falecer em consequência desses fatos.

Aquêles que guardam silêncio ante a injustiça são em realidade cúmplices dela.

H. Y. LASKY

O ar a luz curam, o repouso cura, mas o melhor bálsamo, é um coração bondoso.

Embaraços



— Como é, doutor? Já estou esperando faz 1 hora.

"O BISTURÍ"

Órgão Oficial do Centro Acadêmico "Oswaldo Cruz" da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo

Fone: 52-1729 — São Paulo Av. Dr. Arnaldo, n.º 1

Diretor: Fernando Proença de Gouvêa.

Redator-Chefe: Willy Kenzler. Secretário: Schlioma Zaterka.

Conselho de Redação: Maria José Machado, Linneu M. Linardi, Carlos de Souza Dias, Jamil José, Alberto Levy, J. Crispim Noronha, José Knoplich, Alberto de Lucca, Friedrich Simon, Antonio Lopes, Nelson Proença.

Desenhistas: Pericles Patti, Anoi Cordeiro, Wilmes Roberto.

Fotógrafo: Manlio Speranzini.

Datilógrafos: Friedrich Simon, Gabriel Ruiz, Akira Nakadaira e David Michalewicz.

A Direção não é responsável nem necessariamente solidária com as opiniões contidas nos artigos assinados, ou com pseudônimo. Não se publicam colaborações que não tenham autor responsável.

Este jornal é distribuído gratuitamente a todo o corpo discente e docente da FMUSP e aos médicos do Hospital das Clínicas; é enviado a todas Faculdades do país, algumas do Exterior; a várias Bibliotecas e Poderes Públicos.



terapêutica pelo

ASCORBATO FERROSO

mais

VITAMINAS

C

B1

B2

medicação eletiva nas ANEMIAS

ASCORBIRON

LABORATORIO XAVIER

JOÃO GOMES XAVIER & CIA. LTDA.

Rua Tamandaré, 984 — São Paulo

Vamos dar uma nota aos professores

Procurando repetir o sucesso da enquete apresentada no número de Abril aqui estão as notas dadas por 46 colegas do atual 4.º ano do Curso Médico aos seus professores de 1953. Tentamos tornar mais construtivas as críticas que os números por si encerram, incluindo também uma síntese dos comentários apresentados pelos votantes.

Eis as notas obtidas:
 Para Anatomia Patológica — Thales, 8,0; Montenegro, 7,0.

Para Clínica Médica — Décio, 8,5; Ary Lopes, 2,2 (?); Reinaldo, 5,5.

Para Microbiologia — Prof. Carlos Lacaz, 9,5; Floriano de Almeida, 5,5; Aulas práticas de microbiologia, 5,7.

Para a Parasitologia — Samuel Pessôa, 8,5; Dácio Amaral, 9,5; Prática de Parasitologia, 8,4.

Para a Farmacologia — Charles e colaboradores, 6,5; Prática de Farmaco, 6,1; Física Médica, 7,0.

Para Clínica Cirúrgica — Zerbini, 7,0; Prática de Clínica Cirúrgica, 5,5.

E aqui vão alguns comentários que sintetizam a opinião da maioria:

ANATOMIA PATOLÓGICA

A dupla Thales-Montenegro obteve boa cotação — objetividade na orientação do curso, didática apreciável, organização e planificação de aulas ótimas. Thales mais cotado provavelmente por maior receptividade e interesse pelo aluno.

CLÍNICA MÉDICA

Décio, com a média mais alta — aulas boas, bem preparadas, objetivas, interesse pelo aluno bom.

Ary — o menos cotado de todos os nossos mestres do ano passado. Demonstrou interesse nulo pelo aluno, separando-se dele totalmente falhando naquele aspecto fundamental de camaradagem que deve haver no curso médico nas relações professor aluno. Além disto muito cioso em exibir conhecimentos e títulos. No entanto de maneira geral achou-se que suas aulas eram bem preparadas. Teoricamente admitia qualquer pergunta por parte dos alunos; na realidade sem demonstrar reprovação ou irritabilidade, talvez tenha respondido a uma ou duas questões durante o ano inteiro.

Reinaldo Marcondes — suas notas variaram muito; talvez por dois aspectos: a eficiência de suas discussões de caso e a qualidade relativamente boa de suas aulas teóricas, e por outro lado a irascibilidade característica dos mestres do passado.

MICROBIOLOGIA

O professor Carlos da Silva Lacaz foi quem contou maior número de notas 10. Isto demonstra o êxito deste mestre.

O curso teórico ministrado foi excelente ressaltando sempre os aspectos clínicos das doenças dentro de um plano didático interessantemente sistematizado, indo de encontro às necessidades do aluno. O interesse pelo aluno foi grande manifestando-se em diversos setores. Tem a seu favor a inauguração do sistema de consulta de opiniões dos discípulos que no final das contas são os maiores interessados no curso.

Quanto ao curso prático dividiu-se em duas fases distintas: no primeiro semestre desorganizado e ineficiente, tivemos o

principal responsável pela nota relativamente baixa; contou com grandes erros como o de apresentação de relatórios que jamais atingiram sua finalidade.

No segundo semestre ainda que se tenha sentido o pulso forte de uma orientação segura, as notas dadas aos diversos assistentes não foram tão boas como era de se esperar. Dêmos tempo ao tempo...

Floriano de Almeida — média baixa comparada à do seu sucessor. Talvez preocupado com o concurso à Cátedra, e sabendo iniciar-se dentro em breve uma nova fase dentro do Departamento, tenha desleixado o curso.

PARASITOLOGIA

Samuel Pessôa — cotação muito boa. Seu Dpto. foi aquele que teve as médias mais uniformes. A direção muito boa dando um curso interessante e muito objetivo. Grande eficiência do aprendizado sendo grande parte dele realizado e sedimentado durante as aulas práticas.

Merece capítulo à parte Dácio Amaral que juntamente com Carlos Lacaz obteve a média mais alta. Dono de sistema pedagógico excelente, e de uma simplicidade desusada em nosso meio, dá ao aluno um amparo que é e muito raramente recebe durante o curso médico.

Quem sabe se não seria bom aos nossos professores passarem pelos benéficos bancos de uma Escola Normal?... A parte prática pecou pela falta de manuseio de material de exame parasitológico, coisa tão necessária, principalmente àqueles que vão para o interior.

FARMACOLOGIA

As notas atribuídas a todos aqueles que ministraram aulas teóricas de Farmaco foram mais ou menos uniformes de sorte que resolvemos englobá-la em uma só. A cotação não foi das melhores. Talvez isto reflita a necessidade do aluno no sentido de um melhor método de ensino de uma matéria que depende tanto de memorização.

Ainda nesse sentido deveríamos ter tido um curso prático mais objetivo através de um aprendizado mais direto. Só por este meio teríamos uma idéia real dos fatos a serem memorizados.

Cumprir notar o grande número de menções especiais a Papaterre Limongi, pelo seu interesse e dedicação ao aluno.

CLÍNICA CIRÚRGICA

Jesus Zerbini como professor e orientador da cadeira teve cotação regular. Suas aulas de modo geral muito boas e bem documentadas. A nota será devida provavelmente à falta de aprendizado prático do aluno dentro da enfermaria, manifestação localizada do Grande Mal estudado de todas as maneiras que é a péssima situação do acadêmico de Medicina dentro do H. C. Realmente o curso prático apresentou falhas sensíveis; restringiu-se a observações, muitas vezes post-operatórias, exames físicos feitos por e diante de muitos alunos provocando reações plenamente justificáveis por parte dos doentes; quando não isto, ia o aluno assistir operações, através de vidros microfones, ou em salas entupidas de equipes cirúrgicas, colegas, post-graduados e observadores acidentais. Os vários assistentes receberam notas que variam den-

tro de média boa e que aqui não foram transcritas por serem elas em número excessivamente grande. Menções especiais a Vitor Spina pela eficiência do curso de plástica, pelo interesse demonstrado, e pela oportunidade de participação no ato cirúrgico.

FÍSICA MÉDICA

De todas a cadeira mais discutida. Todos os assistentes receberam as notas mais diversas possíveis.

Tentemos explicar este fato. A favor do curso temos aulas bem planejadas, sempre acompanhadas de uma introdução muito interessante do patologia; documentação ampla e satisfatória.

Contra o curso apontaríamos a falta de participação do aluno na aula sendo isto perfeitamente exequível e desejável; ao lado disto administração muito parca de conhecimentos sobre técnica radiológica.

Os "grandes ausentes" não foram perdoados e portanto ganharam nota mínima. Os alunos sentir-se-iam lisonjeados em contar a presença dos professores Ulhoa Cintra e Correa Netto.

PÁSCOA DOS UNIVERSITÁRIOS

Estão convidados todos os colegas à participarem da "Páscoa dos Universitários" que terá lugar na Catedral de São Paulo, dia 6 de junho, às 18,30 horas.

Sugestão do Mês

PARA O DR. AIDAR LÊR

AO C. A. O. C.

José Knoplich

Todos nós sabemos que o Departamento de Neuroanatomia tem por responsável um homem de capacidade reconhecida, esforçado, que tudo procura para o bem do aluno — Dr. Aidar.

Entretanto, apesar de toda a sua reconhecida boa vontade, talvez não tenha êle verificado uma pequena falha em seu Departamento, falha essa representada pelas suas explanações durante a aula prática.

Ora, as explicações dadas no decorrer da Aula Prática tornam-se intrufiteras por um único motivo: os alunos não têm conhecimento do assunto; estão, por assim dizer, virgens, e o aproveitamento da referida explicação é, na verdade, mínima.

Essa pequena falha pode, no entanto, ser perfeitamente corrigida, bastando apenas que o Dr. Aidar apresente, no correr da aula prática, explicações referentes a um dos capítulos já lidos pelo aluno, pois assim êles estarão aptos a receber os esclarecimentos, e tornar o mestre ciente das dúvidas suscitadas no decorrer da leitura do referido capítulo.

Medita nêsse pequeno ítem, Dr. Aidar, e concordará conosco.

Schlioma Zaterka.

Dentre as inúmeras atividades do Centro Acadêmico «Oswaldo Cruz», uma que impressiona todo aquele que ingressa nesta Faculdade, é funcionamento das Ligas (sòmente conhece a da Sífilis, mas já ouvi referências a outras).

Elas são grandiosas em sua idealização formidáveis em sua realização, mas eu sugeriria uma inovação para que sua atuação fosse mais perfeita.

Reparei que a maioria dos pacientes que frequentam tais Ligas são analfabetos, subnutridos, além de doentes. Acho que pouco adianta fazer uma medicina anafilática sem fazer uma outra profilática. E isto sòmente conseguiremos alfabetizando este povo. E' claro que não proponho formação de um curso de alfabetização, mas da conversa com paciente, dentro das perguntas formais para diagnóstico, poderemos saber de sua alfabetização. Poder-se-á, depois, encaminhá-lo para os diversos cursos já existentes.

E além do mais, existe um serviço estadual de saúde (SNES), que distribui folhetos mantêm educadoras.

Os alunos que farão viagens para o Interior poderão levar consigo, além da boa vontade de distribuir noções médicas, mais esta atribuição.

Ao apreciarmos o doente devemos lembrar que, ao lado do caso clínico, existe o homem. E muitas vezes este é que precisa de maior ajuda.



...Voltamos aos exames

Stenamina Lepeetit

porque

sustenta o tono neuro-circulatório, estimula as atividades cerebrais, aumenta a resistência ao cansaço, vence os enjoos das viagens, tira a as-tenia, vômito, a náusea.

REFLEXIONE, COMPANHEIRO

Conclusão da 1.a pág.

ginário, e posteriormente evolucionará para o utopismo, e logo para a desilusão e individualismo, agora secundário.

É muito diferente, em troca, a situação e a experiência dos que contemplam e analisam nas sociedades — com s minúsculo — em que vivem, os problemas concretos que se apresentam, em atitude permanente de discriminar entre os variados direitos, interesses, deveres e responsabilidades ligados ao "individual" e ao "coletivo" Aquêl que vive nesta atitude participa na consciência de sua individualidade e de uma consciência coletiva mais ampla. E mais ainda, aprenderá naturalmente a coordenar ambos sistemas, hierarquizando valores e logrando uma linha de conduta honrada e útil para si e para o grupo.

Com êste ponto de vista podemos focalizar a situação de cada um de nós como estudante de Medicina. A Faculdade centraliza nossa atitude individual; O Centro Acadêmico centraliza nossa atitude coletiva, e isto está implícito na idéia do C. A., pois êste é precisamente a objetividade e organização de nossa consciência coletiva.

E por isto é que afirmamos a tese inicial.

É obvio que esta identificação entre Faculdade e vida individual e C. A. e vida coletiva só é válida, se não a interpretamos rigidamente. É apenas um esquema do qual fogem vários exemplos em contrário, como o nosso interesse pela Faculdade e seu progresso como "nossa casa", e o fato do estudante que recorre ao C. A. O. C. para fazer valer seus direitos individuais lesados de qualquer forma.

Avancemos um passo mais na análise dos deveres gremiais. Precisamos reconhecer que o grupo humano que constituímos, tem também, dentro do conjunto das sociedades, a sua individualidade, e também integra como tal, agrupações mais extensas.

Em nosso caso, por exemplo, a União Estadual dos Estudantes pode figurar nesse plano, e mais além a União Nacional dos Estudantes, ambas congregando os universitários, para sua representação, sua colaboração organizada com o resto da Sociedade, e sua defesa.

E nessa "colaboração com resto da Sociedade" inclui-se a focalização dos problemas sociais e ainda políticos, nacionais e internacionais, que atingem a coletividade maior, a Pátria ou a Humanidade, da qual os estudantes universitários constituem uma parte (... e uma parte, — tenha bem presente —, caracterizada pelos benefícios que recebe do conjunto e pelo nível cultural elevado, o que aumenta suas responsabilidades).

Claro está que é imprescindível atuar com critério e forças próprias e eliminar positivamente todo desvio por ingerência de natureza política, econômica, ideológico-partidária, ou que quer que seja.

E desta forma se poderá apreciar também como aquêl, que é integrante responsável da sociedade — com s minúsculo — poderá chegar, a projetar sua personalidade na Sociedade — com S maiúsculo — porém, de maneira muito concreta, e o fará em benefício dela, saindo êle próprio, beneficiado.

Por todo o considerado, é que afirmamos com inteira responsabilidade a tese inicial, e o convidamos o colega leitor, que era unicentrista, a que dirija seus esforços de auto-educação para tornar-se bipolar.

Não esqueçamos que o CAOC, como a Faculdade, está aberto a todos, porque é essencialmente aberto a todos.

Há de ser por algo que existe essa "associação de estudantes de Medicina"

E finalmente, você deve ficar sabendo que trabalho gremial não lhe faltará, e com certeza você há de encontrar um campo de ação, interessante e fecundo.

Tudo isto vai escrito, para que o colega o leia numa atitude de boa vontade e compreensão. Não pretendo mudar o imutável: não é para o individualista consolidado, é para o gremialista potencial. O primeiro oferece uma patologia já muito avançada para ser curado com esta terapêutica; o segundo, ao contrário, oferece uma normalidade embriológica que só necessita estímulos para o desenvolvimento harmônico de suas forças internas.

Para êstes vão dedicadas estas linhas e confiamos que sejam de utilidade.

Atividades do Departamento Científico do Centro Acadêmico "Oswaldo Cruz"

REVISTA DE MEDICINA

a) Graças ao auxílio da atual equipe de colaboradores da Revista, já foram publicados os n.os de Fevereiro e Maio de 1954.

b) Iniciou-se a venda de assinaturas da Revista entre os médicos, visando sua maior divulgação e melhoria de situação econômica.

c) Providência também a regularização da situação da Revista junto ao Sindicato das Empresas Proprietárias de Jornais e Revistas do Estado de São Paulo, afim de importarmos papel "couchê", que custará mais barato que o atual papel nacional (tipo jornal) em que a Revista é impressa. Esperamos ainda êste ano publicar a Revista com um papel de qualidade superior.

REUNIÕES ANATOMO-CLÍNICAS

Até o momento o D. C. patrocinou realização de 15 reuniões anatomo-clínicas com a colaboração dos Drs. Thales de Brito e Dra. Darcy Machione Monteiro bem como de médicos internos do Hospital das Clínicas. Estas reuniões consistem na apresentação de um caso clínico, seguida de discussão pelos acadêmicos sob a orientação de um médico interno.

Posteriormente tem-se a apresentação macro e microscópica do material patológico do caso discutido.

CURSOS

Foram realizados pelo Departamento Científico em colaboração

deste com outros departamentos ou clínicas, os seguintes cursos:

- a) — Curso de Alergia, pelo Dr. Ernesto Mendes;
- b) — Colóquios sobre Anestesiologia, pelo Dr. Charles E. Corbett;
- c) — Semiologia Cárdio Respiratória, pelo Dr. Geraldo Merlini;
- d) — Semiologia pelo Dr. Paulo Carvalhaes;
- e) — Bactérias Intestinais, pelo Dr. José Toledo Mello;
- f) — Curso de Cirurgia Abdominal de Urgência, pelo Dr. William Saad Hossne;
- g) — Curso de Eletrocardiografia, pelo Dr. Renato A. Godoy;
- h) — Propedêutica Física e Funcional do Abdome, pelo Dr. Sharif Kurban e
- i) — Curso de Patologia do Sistema Bílio-pancreático, pelo Dr. Plínio Bove.

NOVAS INSTALAÇÕES

Preocupou-se a atual diretoria em levantar fundos que permitissem ao D. C. instalar-se condignamente nas salas que atualmente ocupa no saguão de entrada da Biblioteca da Faculdade.

O problema financeiro do D.C. não está ainda resolvido, contudo o apoio irrestrito que nos foi dado nessa tarefa de remodelação é animador. Oportunamente publicaremos o movimento financeiro do D. C. durante o corrente ano.

Ddo. Antonio Sesso

AGRADECIMENTO

O Departamento Científico agradece aos colegas Mildred Chaves, Antonio Ribas Cunha, Gustavo Murgel que demonstrando elevado espírito de solidariedade acadêmica, obsequiaram a nova sede do D.C. com objetos de uso diário.

Nosso comentario — Parabéns D. C.

Em tempo: E a Semana de Debates, como vai? Não é bom lembrar os colegas que será logo na 1.a semana do 2.o semestre: 1 a 8: de Agosto? E que devem colaborar?

Sociais

ANAGOGIA

Numa bela tarde de maio realizou-se no D.F. a "Anagogia" dos doutorandos de 1954.

O ambiente florido (5 moças para cada rapaz) apresentava como complemento, palmas penduradas na parede, dando ao quadro um matiz especial.

Era visível no semblante dos dançarinos a satisfação, e o que mais contribuiu para isto foi talvez, o verde de uma "Jungle" onde se instalava um "oásis" perdido num canto do porão.

Tão agradáveis momentos passamos, que esperamos ansiosamente uma nova "Anagogia"

VIAGEM A PIRACICABA

Um grupo de colegas visitou a Faculdade de Agronomia Luiz de Queiroz. Dizem que por lá muita coisa boa aconteceu. Aguarde o relato minucioso a ser publicado no próximo Bisturí.

BAILE DO CLUBE 51

O 51, não desmentindo sua tradição de há já 3 anos, continua com seus bailes. O último realizou-se dia 25 de Abril e se caracterizou pelo grande número de convidadas, particular esse extremamente agradável aos nossos colegas, pelo ambiente alegre e simpático.

Parabéns 51. Esperamos novas reuniões como essa.

E houve também o pic-nic dos "pancadas", do 2.o e 3.o anos. Ótima turma, chácara notável, muita alegria por parte de todos. Um lago magnífico, que deu azo a demonstrações de saltos ornamentais, aqualoucos, etc. (principalmente etc....) Hospedeiros amabilíssimos e 100% "ligas" A nota alta foi dada pela "bandinha" que animou a tarde. E pelo Cruz, que perdeu o ônibus na volta.

LEMBRETES

Você acha que «O Bisturí» poderia ser melhor?

Nós concordamos; concordamos plenamente com a idéia de que a sua colaboração virá melhorar o nosso jornal.

Lembramos aos colegas que «O Bisturí» está ainda em fase de reorganização: muitos dos seus redatores escrevem pela primeira vez, ainda há incompreensão, desconfiança ou descaço por parte de alguns dirigentes, professores e mesmo alunos; não há experiência, não há rotina, não há tradição de trabalho.

Só o tempo vencerá tudo isso. O tempo e o apóio, moral e efetivo de você, amigo leitor.

Não critique; ajude.

Ajude a criar a Congregação Acadêmica.

Prepare sua tese ao XVII Congresso Nacional dos Estudantes.

RELATÓRIO DA TESOURARIA DO CENTRO

Parece-nos perfeitamente satisfatório o relatório do colega Cinelli, tesoureiro do Centro. Afirma êle que o déficit apresentado é fictício por razões aparentemente justas. Esperamos que o próximo relatório venha confirmar o que diz o colega.

ENTRADAS:

	Cr\$
Snoocker	340,00
Devolução recebida do pagamento do empreiteiro na construção do muro (Dada pelo Centro a quantia de Cr \$ 1.500,00; empreiteiro: Cr \$ 1.325,00 cf. recibo)	175,00
6 carteirinhas	120,00
6 caixas	750,00
Dentista	180,00
Aluguel da Editora Guanabara	1.500,00
Prestação de recibo do Centro	100,00
Recibos de médico	1.075,00
Prestação de recibos de alunos	700,00
98 recibos de estudantes	14.700,00
TOTAL DE ENTRADAS	19.640,00

SAIDAS:

Pagamento de funcionários	4.300,00
Despesa de materiais	485,50
Despesas da diretoria social para o Baile dos Calouros	50,00
Taxi para o caso Amós	20,00
Light	147,70
Liga de Combate à Tuberculose	100,00
U. E. E.	2.400,00
Impressos da tese apresentada na U. E. E.	150,00
Baile	24.400,00
TOTAL DAS SAIDAS	32.053,20
DEFICIT DO MES DE ABRIL	12.413,20

NOTAS EXPLICATIVAS — O deficit supra-citado não deve assustar a ninguém e explica-se facilmente por 3 razões:

- 1) Porque foram incluídos, nas saídas do mês de Abril, Cr \$ 24.400,00 referentes a despesas com o Baile dos Calouros, despesas estas feitas antes do dia 30 de Abril;
- 2) Porque dinheiro que retornou do Baile dos Calouros, não entrou no balancete do mês de Abril, pois as contas só foram feitas no dia 2 de Maio, segunda-feira.
- 3) As contribuições obtidas das anuidades dos calouros não constam do presente relatório, porque poucos eram os que haviam quitado os seus recibos até dia 30 do mês passado e preferi então deixar para lançar o total dessas contribuições no próprio mês.

Mario Cinelli Junior — 1º Tesoureiro.

RESPONSÁVEIS IRRESPONSÁVEIS

Apesar da insistência dos redatores do "O Bisturí", não nos foi entregue o Relatório do Depto. de Ensino Médico, que tem como diretor responsável o colega Pedro Nahas. Só conseguimos, a princípio, uma esquiva, e finalmente, uma negativa formal. As atividades dêste Depto. são tão proeminentes que o Prof. Junqueira, um dos mais integrados no Centro, propõe em seu artigo "Parabéns, "O Bisturí", a criação de um Depto. de Ensino Médico dentro do C.A.O.C.!

Ao esforçado Pedro, sugerimos que organize futuramente um relatório para que os colegas fiquem a par do que se passa em

tão importante setor do CAOC.

Procurados por nossos representantes, os "Diretores" do Depto. do Câncer, colegas H. W. Pinotti e Joamel B. de Mello, declararam não estarem cientes de sua nomeação para o cargo. E a Diretoria do C.A.O.C. nem ao menos sabe que os nomeados não se consideram como tais...

Assim, as realizações dos Departamentos acima, se resumem, pelo que podemos julgar, no quadro abaixo:

?

O QUE ÊLES ESTÃO FAZENDO

Os diretores, seus relatórios e suas gestões

No último número apresentamos os diretores do C. A. O. C. e seus Departamentos, num artigo intitulado: "Vamos ver o que eles farão": aqui está continuação daquela Seção em que visamos através da apresentação dos relatórios, da análise das atuações dos responsáveis pelos diversos setores do C. A. O. C., estimular os bons dirigentes, e condenar, obrigando mesmo à desistência, os ineptos ou relapsos.

Compete a você, colega, completar finalidade desta seção, procurando os dirigentes aqui apontados, discutindo com eles os problemas que aqui apontam, levando-lhes sua sugestão, seu apóio, seu elogio animador ou sua crítica objetiva. É u'a maneira eficiente de colaborar com o C. A. O. C. e com a coletividade: auxiliar, aplaudir ou criticar, e vigiar os diretores.

DIRETORIA DA SEDE

Nada menos que 10 (dez) páginas datilografadas, em espaço mínimo, recebemos do colega Persio Osorio Nogueira, em que esse colega dá um exemplo belíssimo do que significa trabalhar metódica produtivamente para o Centro, e do que é um relatório desta atividade.

Após um levantamento completo das condições atuais, passa a fazer diferentes propostas de medidas urgentes, de reformas parciais e reformas totais, todos acompanhados do orçamento exato, condições de exequibilidade e desvantagens.

Num 2.º relatório, dá conta das realizações com uma meticulosidade impressionante especifica as despesas efetuadas, a proeminência do dinheiro, as notas comprovantes, etc. etc.

Dentre as inúmeras, realmente inúmeras idéias e planos contidos no relatório, muito já realizados, resumimos os seguintes:

- a) verba da Diretoria da Faculdade, já tendo entrado com o prof. Jayme Cavalcanti.
- b) providenciação junto ao Secretário da substituição dos vidros quebrados.
- c) limpeza da sede: venda de móveis velhos.
- d) arrumação dos quadros murais do corredor.
- e) orçamento de móveis; poltronas e mesas; reforma dos existentes, inclusive a mesa de ping-pong.
- f) conseguir poltronas não usadas em alguns Departamentos (Química).
- g) bloco de anotações na cabine telefônica.

PLANO GERAL DE

EM RESUMO: 2 planos: um de reforma completa: Cr\$ 140.230,00

e outro de emergência: Cr\$ 50.750,00.

REFORMA:

- a) revestimento de pastilhas do corredor e algumas salas; pintura das restantes.
- b) cortinas ou persianas nas janelas.
- c) passadeira no corredor e capachos nas portas.
- d) portas novas reforçadas.
- e) reforma dos moveis; aquisição de algumas poltronas, com estudo de diversos tipos, vantagens e preços.
- f) mudança das salas: propõe que a Sala de Estar fosse para A. A. A. O. C.; esta para Xadrez, e na Sala de Estar atual uma sala de Leitura e Xadrez onde imperariam o sossego o descanso (com poltronas especiais para dormir).
- g) uma estante para a biblioteca.

Embora algumas idéias sejam discutíveis, isso não cabe analisar aqui, o relatório demonstra profunda dedicação aliada grande capacidade.

Solicita ainda o colega Persio, a máxima cooperação para a conservação do que ainda existe na sede do C. A. O. C., auxílio com idéias e ação nos trabalhos de reforma. Os relatórios estão à disposição dos colegas na diretoria do C. A. O. C. e no "O Bisturi".

Parabens, Persio... que posamos bisar comentário no próximo número.

COMISSÃO DA CASA DO ESTUDANTE

Resumo do 1.º relatório: conclusões.

Membros: Mario Cinelli Jr. e Rui Laurenti.

- 1) Trabalho na base de um esquema aprovado pela diretoria do C. A. O. C.
- 2) Apresentação da comissão às turmas do 1.º, 2.º e 3.º ano, que dispõe de mais tempo e interesse para este assunto.
- 3) Levantamento e tentativa de legalização dos terrenos do C. A. O. C. disponíveis para a construção.
- 4) Levantamento das condições atuais de moradia dos alunos.
- 5) Elaboração de relatórios para o C. A. O. C. e para "O Bisturi".
- 6) Formação de sub-comissão nas classes.

Mais uma iniciativa louvável do colega Persio, que lhe empresta sua característica meticulosidade objetividade. Que outros diretores procurem conhecer os relatórios do colega Persio, e que estes não sofram solução de continuidade!

Jardim da Faculdade



Embora belos e bem tratados os jardins da Faculdade de Medicina estão se tornando depósitos de lixo, onde não falta nem a clássica carrocinha conforme mostra o clichê. Isso estará certo?

"O Bisturi" é um "jornaleco indecente" para o qual eu não me digno escrever"

Foram estas as palavras (textuais) do colega Luiz Gustavo H. B. Enge, quando o redator-chefe de nosso jornal lhe pediu o relatório e as notícias de seu Departamento, o Cultural. Lembrado de que era sua obrigação, além de legal (por decisão da diretoria do C. A. O. C.) também moral, dar satisfação aos colegas sobre o porque de seu título de diretor, o colega Enge respondeu: "se quiser, procure o meu Relatório com o Presidente do C. A. O. C., que é o único a quem eu tenho que dar satisfação, de acordo com os Estatutos. Não me interessa o que a Diretoria resolveu: se eles quiserem me demitir, demitam."

Caso semelhante houve com o mesmo colega e o diretor e também o secretário de "O Bisturi". Parece que não são necessários comentários para demonstrar a boa-vontade e o espírito de colaboração deste colega.

Inteliz atitude, que no entanto, não impedirá que os colegas fiquem a par do que se passa no Departamento Cultural. Conforme o seu relatório (que foi entregue à diretoria do C. A. O. C. onde nós o fomos buscar), o Departamento está empenhado em conseguir novo "sistema de reprodução de discos", tendo para tanto entrado em contato com a Diretoria e a Reitoria.

Para substituir as tradicionais audições de discos promoveu um recital de piano e violão a cargo do colega Alfredo M. Lacaze, cujo êxito foi satisfatório; procurou realizar novo recital, agora com vários alunos e instrumentos diferentes, mas dos nove que inicialmente se dispuseram só 2 compareceram aos ensaios. Assim esta idéia foi abandonada, tentando-se atualmente convidar artistas estranhos à Faculdade, junto à Orquestra Sinfônica Bra-

sileira, Teatro de Arena, etc. Penso-se também em filmes culturais na "recuperação" da dis-

Preve também duas audições no primeiro semestre: 21 e 28 de Maio, e para o segundo semestre quatro audições mensais.

Nosso comentário: O Relatório, demonstra que o interesse dos dirigentes contrasta vivamente com o dos alunos, que não conseguiram sequer se unir para dar um recital aos colegas. Isto é lamentável. Criticamos a existência de apenas um recital como fato concreto do relatório, mas ficamos esperançados com a promessa de quatro audições mensais. Talvez tenhamos então uma por mês.

E como sugestão, perguntamos se num Departamento Cultural não cabem também conferências sobre Filosofia, Arte, etc.

E para esclarecimento indagamos: o colega Enge foi nomeado diretor do Departamento de Cultura, mas seu relatório (que aliás também vai assinado pelo colega Walter José) se refere somente a "Diretoria Musical" Onde estará o engano?

E ainda: como são distribuídas as entradas gratuitas obtidas através da Reitoria para muitos concertos, recitais, etc.?

NOTA: — Quando estes comentários já estavam redigidos, o nosso diretor foi procurado pelo colega Enge que apresentou alguns esclarecimentos, dispondo-se a colaborar no próximo número em diante. No que lhe tocava, o Conselho Redatorial os aceitou, mas só aos próprios alunos cabe decidir se "O Bisturi" é "suficientemente digno" para merecer a colaboração do citado colega, pois a eles pertence este jornal, e não ao seu Diretor ou à Redação...

Congregação Acadêmica

Nada de vistoso e aparente foi feito até agora, no sentido de concretizar essa Congregação. Não que a idéia tenha nascido morta: pelo contrário, é um plano cuja grandiosidade complexidade, cujos problemas técnicos e de orientação, requerem mais do que alguns dias para serem analisados, definidos e realizados. É uma obra de fôlego, que é um ótimo ensejo para o estudante de nossa escola demonstrar sua capacidade realizadora, e adquirir direito e autoridade moral para pleitear maiores responsabilidades na vida universitária, tanto técnica, como administrativa politicamente.

Outro fator retardante, é sem dúvida, o acúmulo de problemas, como transferências, a situação do estudante no H. C. que tem ocupado os elementos interessados na vida do C.A.O.C. e da Faculdade.

Por enquanto a idéia está se difundindo; os colegas a discutem em seus pormenores; os professores são consultados; membros mais antigos dão sua opinião e ninguém se manifestou contrariamente ao espírito finalidade dessa iniciativa. Somente alguns poucos, inclusive alunos, mostraram-se discentes de nossa capacidade de fazer funcionar ter valor a nossa Congregação. A eles só com demonstração em contrário podemos responder.

O que pretende ser a Congregação Acadêmica?

Um órgão deliberativo dos alunos. Um acessor do C.A.O.C. e das Assembleias.

Será uma espécie de comissão permanente para analisar com vagar e precisão, os vários problemas suscitados, coligir argumentos e razões para a decisão final, que indicará à execução da Diretoria ou à aprovação da Assembleia.

Para tanto seus membros serão escolhidos por votação entre os alunos de todos os anos. E isto pressupõe que hoje candidatos, que além de animados de boa vontade e não por interesses de vaidade pessoal ou político-partidários, tenham capacidade para em nome da classe emitir parecer.

Não se, deve de maneira alguma, apresentar cisão interna, com formação de blocos, pois tal desvirtua pela base o princípio de sua criação: ser fonte de trabalho de cooperação, da equipe, de conjunto, de coletividade.

Assim propomos desde logo que seu presidente não seja permanente, mas substituído periodicamente em rodízio por todos elementos da Congregação.

Outras considerações serão apresentadas no próximo número, no qual esperamos sugestões dos colegas acerca da idéia.

WALTER LTDA.

IMPORTADORES E FABRICANTES

Distribuidores de instrumentos cirúrgicos alemães «AESCULAP»

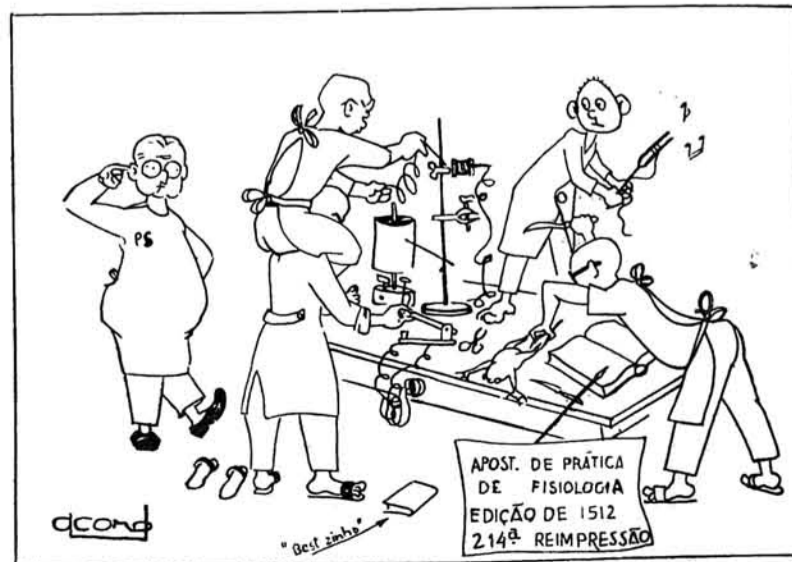
Aparelhos Eletro-Medicinais
Aparelhos de Diatermia e Raios-X
Instrumentos Cirúrgicos e Móveis Ascéticos
Artigos em geral para Médicos, Hospitais e Laboratórios

RUA CAPITÃO SALOMÃO, 59 — Loja — São Paulo

Telefones: 34-0691 35-1568

Caixa Postal, 4.173

PRATICANDO FISIOLOGIA...



DISCURSO DE FORMATURA DA TURMA DE 1953

Muitos doutorandos já não têm vivos seus pais. Eu sou um deles. Não os possuo vivos, mas os guardo vivos na memória. Representam para mim um estímulo, um exemplo de coragem, um marco de abnegação. No dia de hoje recorro àquela carinha sem igual, àquela afeto, àquela amor que eles sempre nutriram por mim e por meus irmãos. E se até aqui o pouco que fiz de construtivo, de bom, foi para não desmerecer a confiança que depositavam em mim, daqui por diante procurarei construir ainda mais para não desmentir aquela esperança.

Como orador da turma quis, recordando-me de meus pais, sintese de bondade e sacrifício, homenagear cada um dos progenitores de meus colegas. Não concebo pais que não sejam como os meus o foram e por isso estendo a todos homenagem que presto aos meus.

Num terceiro plano, entre os doutorandos de um lado e de outro a multidão de parentes e amigos que aqui vieram, estão os representantes das Escolas Superiores do Estado e os dos Poderes Constituídos do País.

Cada turma que se forma escolhe um paraninfo, um patrono. Escolhe também, dentre os professores, assistentes e internos o grupo dos homenageados. Foram eles os que mais deixaram marcados em nossas personalidades, através de suas atitudes, de seus ensinamentos, seus gestos nobres, o cunho de suas individualidades. O nosso sentimento de gratidão lastima ser limitado o seu número. Muitos dos mestres aos quais devemos não só a nossa cultura médica, mas também apreciável porção do que somos fora da medicina, pois através deste longo convívio plasmamos parte de nossa consciência, de nosso atual modo de pensar, de discernir, de agir na sociedade, no mundo em que vivemos, não puderam ser homenageados. Todavia, podem crer esses mestres amigos que indelevelmente eles estarão em nossos corações agradecidos.

Também não podemos deixar de nos lembrar, neste momento, colocando neste ato o máximo do afago de que dispomos, daquêles desprovidos da sorte, multidão de doentes que por falta de recursos procuram o Hospital das Clínicas. Foram eles o nosso campo de estudos. A eles devemos grande messe de conhecimentos. Foi, muitas vezes, rasgando seus músculos, seus nervos, suas vísceras, que o nosso bisturi inexperiente, sob as vistas de assistentes experientes, se aprimorou. Para eles, pois, dirijamos neste instante o que de mais grato possuí o nosso ser.

Todo fim de ano se repete esta festa! Mas, por incrível que pareça, em toda festa há sempre um pouco de insatisfação, há sempre algo de triste, há sempre uma atmosfera de vácuo. Este vácuo que sentimos é todo saudades, é todo evocação dos quatro companheiros que perdemos na jornada. Dois deles eram nossos iguais e condiscípulos, os jovens Medeiros e Gilberto que a fatalidade tão precocemente roubou de nosso convívio. Os outros dois eram os nossos mestres, o Dr. José Oria e o Prof. Raul Briquet, cientistas renomados, cuja falta não apenas nós estudantes sentimos, mas todo o Estado, todo o Brasil a sentiu.

Professor doutor CARLOS DA SILVA LACAZ. Fostes por nós eleito paraninfo. Muito bem sabeis quais os sentimentos que conduzem uma turma que se forma à escolha de seu patrono. Muito pouco distante no tempo está a data da vossa formatura, na qual vivestes as mesmas emoções, as mesmas alegrias, as mesmas dúvidas que vimos nós vivendo neste derradeiro semestre. Creio que o nosso gesto, escolhendo-vos para

padrinho, já vos disse tudo. Desnecessário, portanto, julgo o alongar-me mais em atos ou palavras que venham vos dizer de nosso respeito, de nossa admiração, de nossa amizade por vós.

Minhas senhoras e meus senhores:

Chego agora em um ponto que preferiria deixá-lo passar em branco. Quisera não tocar neste assunto, quisera silenciar, pois o silêncio, muitas vezes, é mais eloquente que a mais acerba crítica. Que me perdoem os pais de meus colegas, que desculpem as autoridades aqui presentes, se numa festa de formatura trago a baila questões desta natureza. Refiro-me ao marasma em que se encontra moral, política e economicamente o País. Quisera silenciar, mas não o consegui. O meu silêncio poderia ser mal interpretado pelos nossos homens públicos, poderiam eles julgar que a mocidade acadêmica estivesse alheia a esses problemas, ou pior ainda, resignada quanto ao catastrófico presente e trágico futuro de nossa Pátria se continuarmos a proceder da maneira errada, impatriótica, absurda, como vimos procedendo até então, ou melhor, como vêm procedendo a grande maioria responsável pelos destinos da Nação, os dirigentes, os políticos de nossa terra. (palmas)

Definir é encerrar a idéia de uma coisa dentro de seus justos limites. Foi tendo em mira esse objetivo que alguém sãbiamente definiu a política como sendo a arte de governar os povos. Em seguida, outro estudioso, querendo completar definição, afirmou que governar seria prever para o futuro para antecipadamente providenciar sobre as necessidades vindouras de uma nação.

Será isso o que têm feito os governantes deste país infeliz? Não! Desgraçadamente não!

Há, ainda, homens honestos e capazes nesta terra, mas, esses, raramente sobem, raramente galgam os postos de mando e, quando isso acontece e com coragem, apanágio dos que nada temem porque nada devem, investigam a administração dos que o precederam, quase sempre é um Deus nos acuda, é um estourar de escândalos, é um rebentar de negociatas, é um explodir de desmandos que vêm à público através da imprensa e do rádio. Os jornais clamam diariamente contra os atos absurdos, os negócios suspeitos, contra os erros que se praticam e que levam o país para a miséria. Os assaltos aos cofres públicos são desmascarados, os responsáveis às vezes aparecem, mas jamais são punidos. Fortunas se formam como que por encanto em poucos anos, quando não em poucos meses e jamais se soube que seus donos a tivessem ganho honestamente.

E' tamanha a anarquia desorganização dos negócios públicos, é tão grande a falta de honestidade e patriotismo da maioria dos políticos que quando alguns surgem bem intencionados, logo se perdem no emaranhado da confusão reinante. A impotência domina-os, a intriga esmaga-os! Abandonam revoltados e desiludidos os cargos que ocupam ou são atirados ao ostracismo quanto não às masmorras dos tribunais de exceção.

Leis de Segurança tem sido votadas. Dizem, para justificar essas

Colega, Estádio de Esportes da A.A.A.O.C. é o mais completo estádio universitário do Brasil.

Portanto, você é um privilegiado. Faça por merecer esse privilégio — PRATIQUE ESPORTE.

→ Continuação da 1.ª pág.

leis, que os extremistas, na calada da noite, tramam contra a felicidade do povo brasileiro. Mas, senhores, que felicidade é essa?

Deixemos de lado os problemas angustiantes dos habitantes das capitais! Esqueçamos a falta de energia elétrica, a falta de água, o transporte obsoleto, a carestia da vida, o cambio negro; enfim, as agruras da cidade que se existem são as mais cabais provas da falta de previsão de nossos homens públicos do passado. Eles não souberam prever ou não quiseram prever, pois esses problemas existem e estão à espera de alguém que os venha solucionar.

Contudo, muito mais desolador que o quadro observado nas cidades é o que vamos encontrar nos campos: Quem viaja através deste riquíssimo e exuberante país, (riquíssimo, está claro, somente em potencial), há de notar a cada passo, contrastando com a invulgar beleza de suas paisagens, quer no interior, quer no litoral, a imagem doentia de seu habitante. São homens, são mulheres, são crianças que mal sabem sorrir hospitaleiramente ao visitante. Vegetam abandonados à inércia do repouso, possuídos do horror ao movimento. O caipira dos nossos sertões ou o caçara de nossas praias vivem esquecidos, desajudados, ignorantes do que seja uma vida saudável, higiênica e de relativo conforto.

E' consternador, é triste, é vergonhoso o estado em que vive elevada porcentagem da população rural. Ela é composta de homens sub-nutridos, cujas vísceras albergam as mais variadas espécies de vermes em seus tecidos repousam indiferentes os Tripanosomas da incurável moléstia de Chagas e os Schistosomas da terrível Schistosomose, isso para citar apenas as três principais endemias que grassam em território brasileiro.

E é essa população rural, são esses párias, esses caipiras esquecidos os verdadeiros produtores da riqueza nacional, pois são eles que plantam o café, o algodão, são eles que irrigam o solo pário com o suor que brota de seus mal alimentados corpos na labuta diuturna, no afã de produzir o máximo com o mínimo de recursos técnicos e financeiros que lhe oferece o governo através de seus ministérios.

Não estou exagerando nem inventando mentiras: Deus sabe que esta crítica, este protesto não traduz objetivos destrutivos. Nê-le está apenas uma finalidade, implorar, pedir, apelar para o bom senso de nossos políticos no sentido de que se coloquem à altura da gravidade do momento que infelicitou nosso povo, um apêlo aos nossos governantes para que procurem com mais austeridade e objetividade resolver as questões brasileiras.

Fastidioso seria, inoportuno é o momento para estudarmos todos os problemas que apesar de básicos, de fundamentais, são tratados com o maior descaso, com a mais revoltante indiferença por aquêles que em épocas de eleição tudo nos prometem. (palmas)

Não sei quais são os nossos compromissos, ignoro até onde estamos presos aos nossos amigos estrangeiros através dos tratados internacionais. Sou minúscula e apagada parcela do que se chama povo. E não é o povo que faz a guerra. Nas guerras, homens que não se conhecem se massacravam para glória e proveito de homens que se conhecem e não se massacram. (palmas) Não sei, repito, quais os nossos compro-

missos, mas jamais atinei com os sábios lógicos critérios que norteiam nossos administradores quando se reúnem para a divisão das verbas públicas pelos diferentes ministérios.

Porque tão pouco para educação e para a saúde do brasileiro?

O custo de um avião de bombardeio pesado equivale ao de muitas escolas ou pequenos hospitais!

Somos uma nação amante da paz que vive numa região do globo onde outros povos irmãos acalentam idênticos desejos. Nossos vizinhos são tão ou mais pacíficos que nós. Seus problemas são os mesmos que os nossos, são os eternos problemas latino-americanos, para cujas soluções nem remotamente poderão entrar operações de guerra. E mesmo que seu espectro, símbolo da estupidez humana, pairasse sobre nossas cabeças, vindo, está claro, de outras regiões da terra, de outros hemisférios, como soe acontecer, de que nos adiantaria possuímos aviões dos mais modernos sem uma lavoura mecanizada, capaz de suprir satisfatoriamente o país, com uma indústria solapada pela escassez de matérias primas, com um sistema de transportes não eficiente e, o pior de tudo, com uma população cujo número de analfabetos e doentes é assustador?

O poder das Forças Armadas de um país depende não apenas de seu equipamento militar, mas também das condições em que se encontram a indústria, a lavoura e, principalmente, sistema de transportes.

O preço de um avião de bombardeio pesado é mais elevado que o de uma usina elétrica média capaz de servir a milhares de pessoas ou ao de quilômetros e quilômetros de estradas pavimentadas.

A invulnerabilidade de um exército é função tanto do moral e do equipamento de suas tropas, quanto da solidez da estrutura econômica do país.

E que é que fazem os nossos dirigentes no sentido de criar essa solidez?

Uns poucos exemplos bastarão para nos dar a desoladora resposta:

Somos um país eminentemente agrícola, no entanto a nossa agricultura se serve ainda dos mais

O curso de ginástica de inverno do professor Sato é custeada pelo C.A.A.O.C. A.A.A.O.C., que reconhece valor e elevado padrão desta iniciativa.

Aproveite-o, você também.

3.a, 5.a e sábado, às 11,30 horas.

primitivos métodos de trabalho. Isto porque o governo não lhe dispensa devida atenção. As poucas escolas de Agricultura existentes não são procuradas como deveriam ser pelos jovens que deixam os cursos secundários. A emigração das populações rurais para as capitais é consequência do abandono e da miséria em que vivem.

Por outro lado, existem no subsolo de nosso vastíssimo território inesgotáveis fontes de renda. Os minérios afloram muitas vezes à superfície da terra, no entanto, não os aproveitamos. Durante dezenas de anos se discutiu sobre a probabilidade ou não da existência de petróleo no país. Certos governos estaduais no Norte chegaram mesmo a ordenar a obstrução de alguns poços descobertos, colocando-os sob vista da polícia armada.

Depois, quando já não se podia mais negar a existência dessa riqueza, perderam-se anos e anos em discussões estérteis para se determinar a quem deveríamos entregá-la, se ao Poder Estatal, se ao capital particular. Enquanto as discussões se sucederam, ora acaloradas, ora monótonas, foi drenado para o estrangeiro o ouro, as divisas, na aquisição daquilo que teríamos para vender, mas que devido à inépcia de nossos administradores fomos e somos obrigados a comprar. Só no primeiro semestre deste ano gastamos quase um bilhão de cruzeiros na aquisição de gasolina.

E esses mesmos administradores exportam os minérios de nossas jazidas, muitos dos quais não os possuímos em abundância tal que justifique a sua venda, quasi sempre por preços irrisórios. E a justificativa que dão é a da fome sempre crescente que temos de divisas.

Todavia, qual é o destino que dão a essas divisas?

E' a Carteira de Exportação e Importação, a famigerada CEXIM, de tão triste e vergonhosa memória que no-lo dirá:

Num momento em que lutamos contra a escassez de cambiais, em que matérias primas indispensáveis à indústria não puderam ser importadas, certos produtos farmacêuticos e hospitalares não puderam ser adquiridos, caminhões e tratores para a lavoura não entraram no país por falta da ordem necessária para a transação, trocamos aviões por algodão, compramos automóveis de alto custo e continuamos a ser o segundo país importador de usque do mundo primeiro consumidor de perfumes franceses.

Isto é prever para prever! Isto é governar em nossa terra!

Positivamente, senhores, andavam andam errados os nossos governantes!

Consequência dessa falta de bom senso é a ruína, é o descalabro. Vive o povo brasileiro horas de angústias, de receios, de

Regando estacas plantadas em chão estéril!

Resolveram alguns estudantes regar diariamente as estacas da já "esquecida" Maternidade Universitária, cuja pedra fundamental foi a anos tão solenemente lançada. Quem sabe se, dessa maneira, vingará um dia aquela risonha promessa que aliás, fazia parte do Plano Quadrienal elaborado pelo nosso atual Governador do Estado. A reportagem fotográfica de "O Bisturi" apanhou esse flagrante no momento exato em que uns "abnegados", iniciavam seu trabalho, na esperança de ver um dia sobre aquela, desgastadas estacas a tão necessária maternidade que nos foi prometida há tanto tempo.



Quando iniciamos as primeiras reuniões para constituição da Chapa que iria concorrer às eleições dos cargos do Centro Acadêmico "Oswaldo Cruz", discutimos a plataforma que iríamos seguir.

Os problemas que nós achamos mais importantes naquela época foram:

1. Melhorar as condições alimentares do Bar e, se possível, o barateamento das refeições.
2. Reabilitar "O Bisturí"
3. Traçar um plano de reforma e melhoria do Estádio, conjuntamente com a A.A.A. "Oswaldo Cruz".
4. Tornar o Curso "Oswaldo Cruz" propriedade do Centro Acadêmico, e não sociedade anônima dos professores então em exercício.

RELATÓRIO DO PRESIDENTE DO CENTRO ACADÊMICO "OSWALDO CRUZ"

O CURSINHO ERA UMA SOCIEDADE ANÔNIMA

5. Colaborar com a Diretoria da Liga de Combate à Sífilis no sentido de reerguer o patrimônio científico do Centro.
6. Dar apoio e prestigiar todos os Departamentos em atividades no Centro Acadêmico.
7. Contribuir econômica, moral e laboriosamente com o D.C.
8. Prestigiar, e travar um melhor entendimento com o D.F.
9. Construir a Casa do Estudante.
10. Reformar Sede Social.
11. Obter empregos para colegas necessitados.
12. Promover um reajuste no salário dos Barbeiros.

13. VI Congresso da U.E.E.
14. Farmácia do Estudante do C.A.O.C.

Portanto, com todos estes itens demos início aos trabalhos no começo de janeiro, em relação ao 1.º item tomamos todas as precauções possíveis, porque como é do conhecimento dos colegas o Bar tem sido uma experiência amarga para o Centro. Anualmente, custava ao Centro um prejuízo por volta de Cr\$ 50.000,00. A diretoria Tharcillo, pagou um alto tributo pela inexperiência de um colega do Bar, que antecedeu a sua gestão. Em face do alarmante prejuízo, arrendou o Bar a um estranho, o qual depois de 3 dias, abandonou o mesmo. Nesse interim surge a tábua salvadora, o Dr. Zarzur, homem de experiência e amigo do Centro, que se prontificou a colaborar conosco e fez um verdadeiro milagre, mantendo o Bar equilibrado por 11 meses e dando mesmo vantagem ao Centro, como prova relatório publicado no número anterior deste jornal. Com a necessidade de abandonar a direção do Bar, o Dr. Zarzur iria deixar uma grande lacuna. A Diretoria atual procurou suprimir esta dificuldade lançando mão do que se fez na Fac. de Medicina da Praia Vermelha, conseguindo um benefício do S.A.P.S. Quando fomos procurar o Saps, este havia aumentado a refeição para Cr\$ 12,00, e estava com um fabuloso prejuízo, além do que havia dificuldade de instalação do nosso refeitório para o sistema do Saps; e mesmo, o paladar da refeição deixava algo a desejar. Em face destas dificuldades, convidamos o colega Paoliello, o qual se prontificou a trabalhar gratuitamente e empregar todo o lucro em benefício da melhoria da refeição. A Situação Atual é conhecida de todos os colegas, por relatórios afixados no Bar: tivemos lucro, melhora nos pratos, e um abaixamento do preço em caráter experimental para Cr\$ 10,00.

lhoria constavam do seguinte: 1. Completar o estádio com uma quadra de Tênis, e graças ao auxílio prestado pelo nosso amigo, Prof. Antonio Carlos de Uihôa Cintra, conseguimos nosso intento. A segunda fase consta do seguinte: a A.A.A. se empenhará para conseguir reformar a pista de Atletismo, enquanto o Centro mandou fazer um orçamento do revestimento da piscina por azulejos, obturação das soluções de continuidade das paredes, e aparelhamento para tratamento da água. Está projetada a construção de um novo vestiário de estilo moderno, complementado por um Bar, construção de uma piscina infantil com linhas modernas, ao lado da atual, ocupando aquele fundo de rua entre o cipreste e a cerca viva divisória do Campo de futebol, e finalmente, completar o muro do estádio através de contribuições entre os médicos, a se iniciar em julho.

4) Quando o curso "Oswaldo Cruz" foi fundado, os idealizadores se fundamentaram em 3 finalidades: a) Dar emprego prestigioso e bem remunerado aos colegas; b) Melhorar o padrão do ensino pré-universitário; c) Beneficiar o Centro como fonte de renda. Seus sucessores parece que esqueceram as finalidades básicas. A prova disto é que uma meia dúzia de colegas professores não realizaram mais concurso e tudo faziam para que as cadeiras não fossem reformadas. A melhoria do padrão do ensino pré-universitário, foi completamente rebaixada, pelo interesse econômico. Alguns dos professores "matavam" aulas para poderem ser beneficiados por aulas extras, mais rendosas.

O benefício ao Centro totalmente esquecido, estabeleceu-se uma Sociedade Anônima, na qual o Centro era um dos acionistas, percebia 20% do lucro e 80% eram repartidos entre os professores. Mesmo assim, isto não foi cumprido, como provam os relatórios do Curso, sendo que o único prejudicado foi o Centro. Além disso corriam por nossa conta as despesas de reforma e conservação do prédio. Em presença destes fatos o Centro foi levado a substituir o Diretor, culminando com a retirada daqueles que tinham como único interesse o fator econômico. Os nossos colegas ex-professores passaram a desprestigiar o curso e portanto o Centro, e fundaram um novo curso "Pré-médico". Apesar de tudo o Curso "Oswaldo Cruz" subexistia com muito menos alunos, porém honesto e defendendo aquelas três finalidades. O resultado do primeiro mês de funcionamento garante o seu êxito, como os colegas podem apreciar no Centro e no Curso.

5 — Com relação à "Liga de Combate à Sífilis" demos apoio financeiro, fizemos a sua transferência para o prédio do curso, colocando este patrimônio mais próximo do centro. Fizemos a entre-

ga da chave do prédio onde funcionava a Liga à tesouraria, para ser alugado.

6 — Solicitamos relatório e estamos atendendo à medida do possível todos os departamentos com possibilidade de funcionar.

7 — Colaboramos intensamente com o D.C. e tudo faremos em prol da VIII Semana de Debates Científicos, para elevar bem alto o nome do Centro Acadêmico na atividade científica.

8 — Há muito o Centro não recebia colaboração constante das colegas, porém neste ano tem havido um entendimento mútuo. O Centro tem auxiliado no que pode e elas por outro lado têm correspondido desde as mínimas coisas até os grandes empreendimentos.

9 — O problema da Casa do Estudante foi entregue a uma comissão, cujo presidente, é o dinâmico Pérsio e ligado à Diretoria pelo colega Cinelli. Pode-se dizer que tudo está por fazer, porém, a Comissão está estudando os projetos e se a verba Moura Andrade sair, este dinheiro será destinado à sua construção.

10 — Ainda aqui o colega Pérsio estudou o orçamento que está afixado no Centro e já começou a pô-lo a prática, como bem sabem os frequentadores da sede.

11 — O Centro conseguiu junto ao Samdú 10 vagas para colegas do 6.º ano. Concorrem todos os que tinham necessidade desse emprego sendo a escolha feita por sorteio.

12 — Quando iniciamos a questão fomos procurados pelo Sr. Lucas o qual pleiteava um aumento nos preços da Barbearia afim de ajudar os salários dos oficiais. Os oficiais recebiam Cr\$ 1.400,00 e o Sr. Lucas Cr\$. . . . 3.550,00. Pretendia o Sr. Lucas aumento geral (barba, cabelo, engraxate etc.), porém conseguimos com um aumento irrisório do corte de cabelo, pagar Cr\$ 2.150,00 para cada oficial e ao Sr. Lucas Cr\$ 7.785,00.

13 — Tomamos parte no VI Congresso da U.E.E., onde conseguimos apresentar um trabalho que foi considerado como sendo o melhor entre os apresentados. Mantivemos nossa linha de tradição democrática. Inscrevemos um candidato na chapa derrotada e apesar disso demos todo o apoio a entidade máxima dos universitários, fomos até procurados afim de tomarmos cargos de confiança na atual administração da U.E.E.

14 — A farmácia do Centro depois de vários anos voltou a ser organizada e a funcionar regularmente como nos bons tempos.

a) Luiz Baccalá
Presidente

A piscina está gelada? Há o volley? Não sabe saltar! A pista de corridas está aí. Não sabe correr? Há o xadrês. Pratique esporte qualquer que seja.

Mens sana in corpore sano.
Faculdade e estádio.
Estudo esporte.

DISCURSO DE FORMATURA DA TURMA DE 1953

➔ Conclusão da pág. anterior

insegurança. Cresce o descontentamento, o mal estar social, a apatia pelas cousas públicas e a descrença quanto ao valor dos regimens democráticos. Vicejam nesse clima de contradições, de falta de honestidade a revolta, os extremismos e com eles as Leis de Segurança e a Ditadura.

Porém, senhores, não é votando Leis de Exceção que se consegue a segurança, a ordem, o bem estar social. Este só é obtido através de uma justa e boa administração. E para isto é imprescindível que nossos homens públicos, nossos políticos, coloquem em seus atos um pouco mais de cérebro, um pouco mais de coração e menos estômago. E' indispensável um pouco mais de inteligência, um pouco mais de patriotismo e menos interesses pessoais! (palmas)

Caros colegas!

Falemos agora um pouco de nós mesmos. Esta festa é nossa e é uma festa de despedida. Durante seis anos vivemos juntos, durante seis anos sentimos os mesmos receios, os mesmos dissabores, gozamos das mesmas alegrias. Rimos e sofremos juntos. E como tudo passou tão depressa!

Seis anos e, no entanto, parecem estar quentes ainda do calor de nossos corpos os bancos do anfiteatro de anatomia; parece que foi hoje cedo que o professor Locchi não nos quis ministrar aquela primeira aula, onde pela primeira vez tomamos contacto com um cadáver. Ele não quis mostrar àquele morto os nossos caricatos semblantes de calouros. Revoltado talvez contra a atitude dos veteranos, penalizado quicá de nossas quixotescas figuras, ele nos dispensou.

Vocês estão lembrados? Foi essa a primeira vez que nos reunimos. Não sentíamos, então, naquele instante, um pelo outro, esse algo indefinível mas ponderável que é a amizade. Não se haviam ainda formado as panelas. Cada um de nós vinha de um mundo diferente, cada um trazia consigo uma experiência diversa. Hoje, cada um tem um pouco do outro impregnado em si e, mesmo que outros sentimentos não nos unissem, mesmo que outros fatores não nos identificassem, um só nos identifica hoje. Temos um denominador comum: somos médicos!

E o que é que vamos fazer por esse mundo a fora como médicos? Acabou-se a irresponsabilidade de estudante. Agora somos doutores e pela profissão que escolhemos vamos estar diariamente em contacto com a dor e o sofrimento alheios. Seremos chamados, muitas vezes, altas horas da noite. Faça sol ou chova, estaremos sempre postos! E' isto o que espera de nós o mundo. E seremos sempre pagos por isto? Reconhecerá o próximo o nosso sacrifício?

Segundo dizem os colegas formados há mais tempo, nem sempre isso acontece. Eles contam também que a socialização da medicina, medida tomada unilateralmente para a solução de problema tão complexo, transformou a nossa profissão numa das piores possíveis.

Os que ficarem na cidade lutarão forçosamente contra o desânimo ou terão que se sujeitar aos salários mínimos irrisórios que pagam aos da nossa profissão. Parece mentira, contudo, ainda existem homens cuja irônica coragem os leva a nos oferecerem o trabalho sem remuneração, dando-nos apenas cama e mesa em troca de nossos serviços profissionais. Como justificativa eles acenam o facto de que iremos aperfeiçoar conhecimentos fazendo o internato em seus nosocômios.

Dir-se-ia que o trabalho escravo ainda existe no Brasil!

Os que forem para o interior terão que lutar contra a ignorância do povo, contra os preços altos dos medicamentos, contra a falta de laboratórios para exames subsidiários, contra o curandeirismo, contra o prestígio do farmacêutico às vezes, quando não contra o próprio médico mais antigo no lugar, cujo egoísmo e ganância, defeitos não muito raros na espécie humana, tudo fará para impedir o sucesso do recém-formado colega.

Todavia, tudo isso não importa! Verdade ou não, somos médicos e já não podemos voltar atrás! E como tal tudo devemos fazer pela defesa e bom nome da classe. Deveremos lutar contra o charlatanismo, contra aqueles que maculam nossa profissão.

Existe uma Ordem dos Advogados e devemos lutar por uma organização semelhante, criando a Ordem do Médico. Também é nossa obrigação impedir que o povo continue sendo enganado pela propaganda mentirosa de certos laboratórios. Repugna-nos assistir indiferentes a essa exploração criminosa. Como pode um país que se diz civilizado permitir a existência desses inescrupulosos fabricantes de drogas milagrosas que se enriquecem mercadejando com a boa fé do doente brasileiro?

Já é tempo de os poderes competentes acabarem com essa vergonha e nesse sentido devemos emprestar todo o nosso apoio. E se assim agirmos estaremos defendendo não apenas o povo ingênuo, mas também os nossos direitos, as nossas prerrogativas.

Finalizando, caros colegas, exorto-os à obediência ao juramento que acabamos de prestar. Ele deverá ser cumprido à risca, sempre, sem vacilações, pois só assim, tenho certeza, seremos felizes, só assim triunfaremos, só assim estaremos honrando esta Escola, este País! (palmas).

Laboratório Sanitas do Brasil S. A.

ESTÁ APARELHADO MATERIAL E TÉCNICAMENTE PARA GARANTIR A CONSTÂNCIA DE SUAS PREPARAÇÕES

**AV. LINS DE VASCONCELOS, 3420
SAO PAULO**

Liga de Combate à Tuberculose

Relatório de abril-maio de 1954

A Liga de Combate à Tuberculose reiniciou suas atividades. As dificuldades encontradas foram inúmeras, principalmente no que toca às finanças à falta de interesse dos colegas, que já se habituaram a julgar a Liga uma entidade morta, pois há vários anos não se via realização alguma de seus dirigentes. A diretoria atual tenta encaminhar a Liga para um futuro de grandes realizações, no momento restritas.

As realizações da L. C. T. em abril e maio foram as seguintes:

1. Palestra sobre Tb., proferida pelo Dr. Roberto Bróglie, em 5 de maio p. p. Anunciada pelo jornal «A Gazeta», e em avisos afixados no Bar da Escola. A diretoria sente não ter contado com maior apóio dos colegas, que compareceram em pequeno número.

2. Pedidos de verbas: a) ao CAOC — recebidos Cr \$ 600,00; b) ao diretor do Serviço Nacional de Educação Sanitária (SNES). Ainda sem resposta; c) a S. Excia. o Governador do Estado de São Paulo, a 6 de maio p. p. Foi-nos prometida verba por intermédio do Conselho de Medicina Social do Estado (Prof. ...r. Jairo Ramos), além de oitenta passagens para a realização das caravanas ao interior, em julho de 1954; d) à Liga de Combate à Sífilis, 20 por cento da verba obtida na LCS com a passeata dos calouros. Infelizmente, foi nos negada, pois a LCS necessita de toda a quantia obtida; e) aos vários Laboratórios Farmacêuticos; f) à diretoria do Jockey Club foi solicitada a realização de um páreo, cuja renda reverta em benefício da LCT demais entidades assistenciais do CAOC.

3. Foi confeccionado novo Quadro para afixação de avisos da Liga, encontrando-se no Bar do CAOC.

4. Reuniões médicas na Fac. de Higiene — Serviço de Tb da FHS USP convidou os acadêmicos da Fac. de Medicina a assistirem às suas reuniões medico-sociais, às quintas-feiras, às 11 hs. no Centro de Saude (secção Universitários) e clínicas, aos sábados, às 10 hs. no Dispensário (serviço de Raios X). São discutidos casos de Tb, com a participação de colegas. Serão conferidos diplomas da Liga a todos os colegas que frequentarem 10 reuniões.

5. Foi encaminhada internação e exames no Instituto «Clemente Ferreira», de um tuberculoso necessitado, a pedido de um colega.

Os Planos da LCT em maio junho são os seguintes:

1. Curso de Tuberculose — Será realizado provavelmente em setembro e deverá ser ministrado por vários professores, cada um dos quais discorrerá sobre sua especialidade. Serão conferidos diplomas.

2. Palestras sobre Tb nos Colégios deverão ser iniciadas em breve.

Algumas escolas já foram consultadas e deverão marcar as palestras nos próximos dias. As inscrições encontram-se abertas na secretaria do DC, das 14 às 17 hs., podendo o conferencista escolher sua palestra, que deverá versar sobre moléstias infecto-contagiosas, parasitárias e câncer.

3. Caravanas ao Interior. Além dos oitenta passes pedidos ao Governador do Estado, já foi solicitado material de propaganda ao diretor do SPES de São Paulo. As inscrições encontram-se abertas com colega Synésio Borges, podendo os interessados escolher as cidades de sua preferência. As caravanas serão em grupos de cinco estudantes, abrangendo três cidades de uma dada re-

gião, percorrendo cada um dos componentes sobre um tema à sua escolha.

4. Relatório. Deverá ser elaborado um relatório completo das atividades anteriores da Liga, de seus planos de suas dificuldades, afim de, em conjunto com os demais relatórios do CAOC, ser levado ao Distrito Federal, como prova de nossos esforços, pois é plano do colega Pérsio Nogueira solicitar, com base em nossas realizações, uma verba anual ao Governo Federal, que seria aplicada na construção da Casa do Estudante de Medicina e nos diversos departamentos do Centro.

Queremos finalmente agradecer sinceramente a colaboração desinteressada dos colegas: Antônio Adahir, que se prontificou conseguir auditórios para nossas palestras nos estabelecimentos de ensino; Mozart Regis, que auxiliou a Liga em todos os sentidos, com grande entusiasmo; e Wilson Chocaira, que está trabalhando no sentido de ser conseguido um valioso auxílio do Jockey Club. Esperamos que surjam mais colegas como estes, que todos cooperem, trabalhando para o reerguimento da Liga de Combate à Tuberculose.

Friedrich Simon
Secretário da LCT

Reserva indevida de cadeiras no bar da Escola

A direção do Restaurante da Escola deve providenciar para que certas garotas, por sinal não pertencentes à Faculdade, não guardem lugar, às horas de refeição, muito antes de adquirirem seus pratos, tirando, do uso eficiente, mesas e cadeiras, enquanto outras pessoas, com os pratos à mão, são obrigadas a ficar à espera, e à espreita de uma cadeirinha que desocupe.

Este procedimento não se justifica, e as providências devem ser tomadas logo.

As assembleias do C. A. O. C.

Seus participantes

Tenho a impressão que uma Assémblea de acadêmicos de Medicina, deve diferir em algo de um comício ademaresco ou uma turbulenta sessão de câmara (como às vezes acontece).

E deve diferir porque não admito que jovens estudantes, na idade do idealismo e de independência, pretendam outra coisa que chegar a conclusões corretas e justas, através do estudo profundo, e penoso se necessário, argumentações claras e honestas, com justificativas precisas e concretas.

Não concebo que um estudante se dirija a uma Assémblea para opinar sobre um problema de interesse coletivo, com o juízo pré-formado e fechado, sem admitir, em princípio, a possibilidade de um erro, de um engano, de uma omissão no seu raciocínio, e portanto na sua conclusão.

Parece-me que a oposição racional a uma idéia não deve ser encarada como uma bala inimiga, do qual há que esquiva-se, defender-se com armaduras férreas, responder com um tiro de canhão.

E' do cotejo entre 2 opiniões, dos debates sensatos e objetivos, de contraposição de idéias e argumentos, que se deve chegar a uma conclusão, apoiada pela maioria das argumentações e dos fatos.

São considerações ditadas pelo que eu chamo de "bom senso" e apoiadas pela aprovação unânime dos colegas... quando fora da Assémblea.

Mas qualquer destes princípios é respeitado nas Assémbleas do C.A.O.C.? Foi isto que vimos nas 4 reuniões para a solução das "transferências"?

Positivamente, não!

O que vimos foi oposição cerrada, cega, destrutiva a qualquer tentativa de análise do problema. Poucos foram às Assémbleas para ver se o caso merecia esta ou aquela solução. Foram para fazer vencer o seu preconceito a todo custo, e não impor, a força dos argumentos, à luz dos fatos, o fruto de seu raciocínio, o que seria uma atitude aceitável, ou, o que seria ideal, para levar as suas observações, o seu raciocínio, a sua capacidade de discernimento para compará-los, num cotejo honesto e leal, às dos seus colegas, afim de que, da soma algébrica de todos, efetuada pelo bom senso pelos princípios morais de cada um, através de uma votação consciente e responsável, resultasse a conclusão cristalinamente exata, a decisão amplamente justificada.

O resultado dessa atitude da maioria, foi a divisão do plenário, num grupo que desejava tomar conhecimento profundo dos casos gerais e particulares, para julgar a luz dos argumentos positivos, e um grupo que desejava ver vitoriosa a sua posição, e que para tanto não vacilou no emprêgo da demagogia, invocando o "suor de sangue" derramado às portas do vestibular e o "choro aflitivo das mães" dos reprovados, e apelando para as vozes ribombantes, solenes ou gritantes para combater o "crime de transferência" e os "colegas imorais" que pretendiam analisá-los e dar-lhe solução justificada, consciente e prática. Estes, em vistas das condições do julgamento, foram obrigados a se abster de votação, apesar de ver vitoriosa uma posição insustentável, por falta de justificativas.

E continuará sendo assim, enquanto os colegas não se convencerem que Assémblea de estudantes de Medicina não é Câmara, onde "conservadores" e "oposição" degladiam com unhas e dentes em defesa de seus interesses particulares, e não é comício onde se aplaude freneticamente as alocações "brilhantes" mas é uma reunião de elementos cultos, educados, inteligentes, movidos pelo único interesse de resolver o problema em foco, através de análise detalhada, de argumentação racional, de contraposição sensata de idéias, num ambiente de colaboração e camaradagem, em que cada um coopera com o seu conhecimento do assunto, para a solução comum, e não para fazer vencer a opinião individual.

A melhor resposta dos colegas que se sentirem atingidos por estas considerações, será a sua atuação nas próximas Assémbleas.

WILLY

Você Sabia Que

- Existe uma União Estatal de Estudantes (U.E.B.) e que esta entidade:
 - tem sede à rua 24 de Maio, 207, 8.º?
 - representa oficialmente 14.000 universitários de mais de 50 escolas superiores?
 - conseguiu Cr\$ 2.500.000,00 para os C. A. de São Paulo (ao "Oswaldo Cruz" couberam Cr\$ 50.000,00) por intermédio do deputado Rogê Ferreira?
 - está pagando o terreno e abriu concurso para o projeto de sua Colônia de Férias em Campos do Jordão?
- trata seriamente da "Casa do Universitário"?
- instalou um Departamento de Emprêgos para acadêmicos?
- conseguiu os espetáculos de arte gratuita para estudantes?
- está quase obtendo 75 % de abatimento para estudantes nas estradas de ferro estaduais.
- patrocinou uma "Semana de Estudos sobre a Reforma do Ensino".
- está organizando uma "Cooperativa Cultural e Distribuidora de Material Escolar"?
- merece toda sua consideração e apóio?

Tota Vit-aminização

das Vitaminas

13 vitaminas + Extrato de fígado + 6 sais minerais = TOTAVIT

Apresentação: 30 drágeas de vitaminas (verdes)
60 drágeas de sais minerais (amarelas)

Modo de usar: 1 drágea verde e 2 amarelas, duas vezes ao dia.

LABORATÓRIOS BIOSINTÉTICA S. A.
RUA ALBUQUERQUE LINS, 1132 — SÃO PAULO

ESCREVEM OS PROFESSORES

Prof. LUIS CARLOS JUNQUEIRA

Parabens "O BISTURI". É de entusiasmar o renascimento vigoroso que se observou no último BISTURI, onde se nota um nítido anseio de reforma e não um conformismo com o atual estado de coisas.

A criação da Congregação dos Alunos é, a meu ver, uma necessidade imperiosa a fim de fornecer aos alunos um órgão de deliberação mais pronta e inaleável e tirá-los da indiferença por vezes egoísta, tão encontrada nesta classe.

Sim, porque é preciso que os alunos desta Faculdade se convençam de que o ensino médico é o fruto da colaboração entre o corpo docente e o discente, colaboração sem a qual não é possível um progresso definido. Só os alunos mostrando as suas dificuldades e exigindo um mínimo de padrão de ensino é que a didática evoluirá harmoniosamente. Para a maioria dos alunos desta Faculdade muda de mentalidade, atingir tal fim é necessário que mormente nos seguintes pontos:

1.º) A idéia fixa da nota e da matéria para exame, precisa terminar. Há quem considere cada aula a que vai, apenas como mais matéria para exame... sem indagar da futura utilidade do assunto. Quanto à nota, é uma obsessão que se encontra em grande número de alunos que querem é passar sem exames finais; o resto que se dane...

Um caso que exemplificaria esta verdadeira psicose é o do aluno que teve desagradável alteração comigo, porque, revendo sua prova, reclamava a altos brados 7,5 em vez de 7,0. Casos como este são raros, mas ilustram a mentalidade a que me refiro.

2.º) O comodismo egoísta dos alunos que, quando veem as coisas erradas deixam passar no momento, porque "depois me estrepito todo, não sou besta..." ou então mais tarde não agitam o assunto porque "já passei mesmo, os outros que se arrumem..."

3.º) Muito prejudicial é também a mentalidade do "está errado" que frequentemente aflora com certo vigor, mas se bem investigado, mostra às vezes, ser sem razão. Para evitar isto, é preciso que os alunos estudem os problemas de ensino médico, discutam entre si, façam comparações com outros centros a fim de que não usem afirmações erradas que evidentemente muito contribuem para o desprestígio da classe.

Exemplo frisante é o artigo idealista que saiu no último "BISTURI" onde o autor é, ou mal informado dos alunos da F. M. U. S. P., onde o autor é, ou mal informado, ou ignorante de certos aspectos da reforma recém realizada.

Vejam alguns conceitos errôneos que devem ser retificados, e que, como disse, pouco contribuem para melhorar a situação.

Não é certo dizer-se que os cursos de Fisiologia, Química, Anatomia e Histologia foram aumentados... que houve foi a distribuição do mesmo número de aulas em 2 anos. A consequência disto foi um desfôgo do 1.º ano, que se encontrava sobrecarregado (estado de coisas altamente prejudicial, devido ao período de adaptação necessária ao aluno, trote, etc.), e a integração do ensino com as outras cadeiras.

Aumento do curriculum houve em Psiquiatria, e este aumento, é a meu ver, perfeitamente defensável, diante do desenvolvimento da medicina psicossomática.

Já em Medicina Legal o aumento que houve não é, a meu ver, tão justificável.

Outra afirmação que agora já deixa de ser uma questão de in-

formação errônea e assume o fôro de exagêro grosseiro, é que o programa da Cadeira de Parasitologia seja mais difícil, mais extenso do que o de Fisiologia e Bioquímica. Ninguém mais do que eu, admira a Cadeira-de Parasitologia, graças ao elevadíssimo e excepcional padrão científico e didático que atingiu, mas não nos deixamos levar longe demais por este entusiasmo.

As cadeiras de Microbiologia e Parasitologia tiveram, em realidade, nesta reforma, uma diminuição do seu número de horas, e digamos de passagem, sob protesto dos professores em exercício. Esta diminuição foi baseada nos recentes progressos da quimioterapia que estão transformando diversas afecções, como a malária, a tuberculose, as infecções por cócos, etc., em problemas de higiene em vez de problemas médicos.

Quando à questão do ensino do aparelho digestivo nas Clínicas Cirúrgicas, não estou a par do assunto, mas se houve mesmo duplicação da mesma matéria, porque é que os alunos não se dirigiram ao C. T. A., órgão administrativo da Faculdade?

É preciso que os alunos se convençam de que uma participação ativa e constante no ensino, com sugestões, reuniões periódicas, e se for necessário, protestos, seria de grande utilidade para a evolução da nossa Faculdade.

Não vejo razão nenhuma para não se fundar um Departamento de Ensino Médico dentro do C. A. O. C., a fim de debater periodicamente estes problemas. Estes debates poderiam ter certa ordem, versando cada um sobre o ensino de um assunto, e seriam convidados a eles, todos os interessados, além de representantes do corpo docente.

Tenho convicção inabalável que uma discussão franca e ampla entre o corpo docente e o discente será a melhor e única providência de real eficácia em prol do desenvolvimento do ensino médico entre nós.

Apenas após uma série de reuniões deste tipo, é que estarão os alunos em condições de discutir o assunto com conhecimento de causa, e colaborar de modo eficiente e constante para melhorar as condições atuais.

Gostaria de apresentar aqui duas sugestões. Uma é que os resultados dessas reuniões sejam coligidos e publicados no BISTURI para benefício e orientação das futuras gerações e a outra refere-se à Congregação dos Alunos.

A meu ver, deveria a Congregação ser o órgão supremo do C. A. O. C. e a ela competiria deliberar sobre todos os assuntos de interesse dos alunos, principalmente no que tange a reivindicações dos estudantes, controle dos atos dos colegas, atitudes políticas, transferências, etc.

Caberia à Congregação pôr ou não em execução as sugestões apresentadas pelo Departamento de Ensino Médico. Interessar-se a Congregação só por ensino médico, seria, me parece, uma limitação prejudicial das suas vitais funções.

Não pensem os alunos que as providências que sugiro sejam utópicas e inoperantes, pois coisa análoga vem sendo feita pelo Diretório Acadêmico Alfredo Balena da Faculdade de Medicina de Belo Horizonte, que promove reuniões periódicas sobre ensino com resultados bastante animadores.

Como não é possível nem viável corrigir repentinamente todos os defeitos existentes no ensino,

ENTREVISTA DO MÊS

Entrevistado: DR. CUNHA MOTA, Prof. Catedrático de Anatomia Patológica.

I — Para iniciarmos a nossa entrevista, gostaríamos de saber sua opinião pessoal com relação ao aproveitamento ou não, por parte dos alunos, das aulas teóricas.

I — As aulas teóricas constituem, na minha cadeira, necessidade imprescindível. Elas constituem explicações sintéticas, gerais e básicas que facilitam, sobremaneira, a compreensão, pelos alunos, de assuntos que se pormenorizam nos pontos do programa. Num curso apenas teórico-prático ou predominantemente prático, impera a morfologia, desinteressante para aqueles que devem encontrar no estudo da anatomia patológica a sua utilidade como matéria básica para os conhecimentos clínicos.

Se as lesões anatómicas podem alterar as funções as suas consequências só podem ser compreendidas quando explicadas dentro de um critério anátomo-clínico.

Esta finalidade não pode ser atingida apenas por um curso de Anatomia Patológica de características morfológicas e práticas, mas num curso de amplitude muito maior, em que conhecimentos teóricos e conhecimentos práticos se conjuguem e se completem possibilitando a interpretação e a compreensão das questões de patologia.

é preciso que os alunos se convençam de que o progresso será lento e assim mesmo só se houver um esforço constante e paciente.

Em resumo: a não ser que os alunos desta Faculdade se dediquem com entusiasmo, abnegação e seriedade a problemas do ensino médico, não estarão em condições de uma crítica construtiva e portanto não poderão contribuir eficientemente para o progresso da nossa Faculdade que todos queremos tanto.

2 — Quais as relações que o Dr. mantém com os alunos? Por ventura possui queixas?

II — As relações existentes entre o corpo docente do meu Departamento e os nossos alunos, sempre se caracterizaram por uma sincera e leal cordialidade.

Existe em nossos alunos a certeza de que contam sempre com a nossa solicitude em ajudá-los em seu aprendizado, em suas dúvidas, em suas dificuldades. É nesse ambiente de mútua compreensão dos nossos deveres e respeito aos nossos direitos que seguimos, com alegria, o aproveitamento dos nossos alunos.

3 — Dentre as turmas que o Dr. teve oportunidade de manter um contacto mais íntimo, qual foi a que melhor impressão lhe deixou?

III — Sinceramente, não posso destacar pois é preciso compreender que cada turma tem uma individualidade própria, uma mentalidade que, em conjunto, as caracteriza.

É porque sempre os compreendo como o deve ser dirigido, nunca como advertência, mas como prova de interesse e amizade.

Por isso, guardo de todos os meus alunos a grata recordação que em nós persiste ao nos afastarmos, a cada ano, de verdadeiros amigos.

4 — De que maneira o Dr. encara a despedida anual dos doutorandos?

IV — Considero justas as manifestações de alegria dos doutorandos por terem atingido o seu nobre ideal.

Não é porém justificável que essas manifestações assumam as proporções ruidosas a que temos, contristados, assistido.

5 — Dr. Cunha Motta, ninguém melhor do que o Sr. poderia dizer-nos algo a respeito da conveniência ou não da ins-

tituição de tempo integral para todos os catedráticos da Faculdade.

V — É inegável que a dedicação integral ao ensino, à investigação, e, à pesquisa, constituem condições ideais para o progresso científico.

Mas... há o lado material e, nesse terreno, o feijão sempre venceu o sonho...

6 — O que pensa o Prof., com relação à Reforma processada no Ensino Médico em nossa Faculdade no ano passado?

VI — Sempre fui contrário a reformas pois elas sempre trazem alterações ou inovações que alteram ou deturpam que a experiência tem consagrado.

As mais justificáveis inovações teóricas muita vez se transformam, na prática, em lamentáveis fracassos.

Nenhuma reforma deveria ser estabelecida como definitiva sem ter sido antes aplicada, a título experimental, por determinado tempo, e só então ser sancionada, como útil, pelos corpos docente e discente da Faculdade.

7 — O Dr. deve estar ao par do propósito de termos o corpo discente representante junto à Congregação da Faculdade. Gostaríamos de saber o que pensa o Dr. desta nossa pretensão.

VII — Acho perfeitamente justo que o corpo discente tenha, na Congregação, o seu representante.

8 — Para encerrarmos a nossa entrevista, gostaríamos de saber de sua opinião sobre a vitalidade da Cátedra, e o que pensa do sistema Uruguio de submeter os Profs. Catedráticos a Concurso de cinco em cinco anos.

VIII — A este quesito respondendo o que, sãbiamente, determina a Constituição Brasileira.

São Paulo, 24 de Maio de 1954.

LABORATORIOS

Moura Brasil - Orlando Rangel - Farmabraz COMPANHIA PAULISTA DE REPRESENTAÇÕES

PEPSICAP

Tubos de 24, 48 e 480 enterocaps de dupla etapa de desintegração.

Pepsina
Novatropina
Sais biliares
Pancreatina

VI-GLOBEOL

Granulos multi coloridos de sabor agradável.

Vitaminas
Minerais
Amino ácidos
Íodo

PENSULAC

Supositórios de penicilina

300.000 unidades de penicilina G cristalina em excipiente especial

SINALGAN

Ampolas de 5, 10, 20, 50 e 100 cc.

Solução de novo calma em Ringer modificado a 1% Com ou sem adrenalina.

Dispepsias
Nauseas
Vômitos
Eruptação
Flatulência
Hipoquilia gastrica
Discinesia biliar
Estados carenciais

Complemento dietético

Indicações gerais da penicilina. Uso em proctologia e em ginecologia.

Anestesia regional

Amostras e publicações à RUA MARQUEZ DE ITÚ, 96 — FONE: 36-4334

PAGINA DA A. A. A. O. C.

TESOURARIA DA A.A.A.O.C

Colega. Você sabia de onde vem e para onde vai dinheiro da A. A. A. O. C.? Provavelmente resposta será negativa. Apenas uma pequena parcela dos alunos da Faculdade conhecia sequer a existência deste problema. Mas agora V. poderá facilmente conhecer as dificuldades com que luta a Associação, bastando para isso que leia «O Bisturi».

Esta é a vantagem da publicação dos relatórios das atividades de cada departamento do CAOC. Fazamos votos para que os encarregados de todas as atividades do Centro imitem o colega Meira, que nos enviou um apanhado bastante expressivo de como andam as finanças do seu departamento.

Está de parabéns o tesoureiro da A. A. A. O. C., que bem os merece, pois, como todos podem constatar, nos apresenta um relatório completo e muito bem organizado.

Com a palavra o Meira:

A Tesouraria da AAAOC partiu com os cofres vazios para cumprir o programa de 1954. Recebeu, no entanto, valiosíssima contribuição do Centro Acadêmico, que cedendo parte da quantia arrecadada pela comissão de Trote «Aos Futuros Calouros», veio aliviar de pronto as aflições da Atlética.

De todos é conhecido o fato de que a AAOC aluga o campo de futebol aos domingos, o que contribui de certa forma para afugentar as aranhas e respectivas teias do seu cofre. Entretanto quando se organiza um programa, ou melhor 13 programas, pois esse é o número de diretores da Associação, principalmente quando se quer cumpri-los, coisa começa a sufocar a Tesouraria. Assim sendo nem mesmo com a boa vontade do CAOC, poderá a Atlética se aguentar, a menos que sejam tomadas providências. A partir de maio a Associação irá seguir em regime deficitário, pois que somente ordenado dos técnicos superam em três mil e duzentos cruzeiros a quantia recebida do aluguel do campo. Talvez possa até repetir-se o fato de que só a atual diretoria tenha podido pagar dívidas de diretorias anteriores, que seria lamentável para nós: deixar dívida para futuros dirigentes. A diretoria irá estudar uma possibilidade de aumento do nosso capital disponível, para que todos os programas possam ser cumpridos. Através desse relatório e tendo em vista as dificuldades orçamentárias da Atlética, lançamos apelo todos os atletas que pelo menos compareçam aos treinos com assiduidade para o bem da nossa Escola.

Segue-se o balanço do período de 12 de março a 6 de maio de 1954:

I — Saldo do balanço anterior		Cr \$
		32.476,60
II — Dinheiro recebido de 12 de março a 6 de maio de 1954:		
a) Entradas relativas a março:		
1 — Aluguel de campo de futebol (AASCH)	2.400,00	
2 — Venda de 62 distintivos	1.860,00	
b) Entradas relativas a abril de 1954:		
1 — Venda de 15 distintivos	450,00	
2 — Aluguel de campo de futebol (ECG-Isnard)	1.500,00	
c) Entradas relativas a maio:		
1 — Aluguel do campo de futebol (AAAL-ECG e AASHC)	3.400,00	
2 — Aluguel de 20 caixas do Estádio	2.000,00	
3 — Venda de 1 distintivo	30,00	
TOTAL RECEBIDO	11.640,00	
III — Dinheiro gasto de 12 de março a 6 de maio de 1954:		
a) Saídas relativas a março:		
1 — Medalhas da AC-Med	1.080,00	
2 — Gastos com os departamentos	1.045,00	
3 — Ordenados dos técnicos	700,00	
4 — FUPUE e tipografia	3.100,00	
5 — Obras do estádio	3.643,60	
b) Saídas relativas a abril de 1954:		
1 — Condução para esportistas	580,00	
2 — Ordenado dos técnicos	2.500,00	
3 — Gastos no estádio	776,00	
4 — Gastos com os departamentos	485,00	
c) Saídas relativas ao mês de maio de 1954:		
1 — Título relativo à quadra de tênis	600,00	
2 — Gastos com os departamentos	368,00	
3 — Ordenado dos técnicos	4.500,00	
4 — FUPE	200,00	
TOTAL GASTO	19.577,60	
IV — SALDO ATUAL	24.539,00	

São Paulo, 6 de maio de 1954.

- (a) Domingos Alves Meira — Tesoureiro.
De acordo:
(a) Walderez M. Rodrigues — Presidente.
(a) Guglielmo A. Mistrorigo — Secretário.

TROFÉU EFICIÊNCIA

Um comentário especial merece nossa participação nos torneios da FUPE. De fato, na taboa geral de classificação do Troféu Eficiência, estamos bem situados (em quarto no momento em que escrevamos estas notas). Para aqueles que ainda não sabem, lembramos ser este Troféu destinado a premiar a melhor Associação Atlética Universitária durante as disputas anuais da FUPE.

Este ano largamos bem, fomos para segundo e depois caímos para terceiro e quarto. E isto, no-tem bem, participando do torneio

de Saltos Ornamentais com um só homem (esta competição costuma ser nossa grande "barbada"), daí não termos ido além do segundo lugar. Também no Atletismo só tivemos um inscrito, o Hartmut, que conseguiu o quinto lugar para nós na classificação por equipes. Por outro lado, não nos inscrevemos para as provas de Atletismo Remo dos VII Jogos. Notem bem os colegas o que dizemos: se houvesse um pouquinho mais de amor por nossas cores, poderíamos no fim de cada temporada nos alegrarmos com uma ótima colocação, ou até mesmo com a vitória final.

Mais uma Inter-Med em perspectiva

A diretoria da A.A.A. Oswaldo Cruz nos colocou a par de seus planos com relação a uma possível competição entre os estudantes de medicina da Universidade do Rio Grande do Sul e da Universidade de São Paulo. Soubemos que a idéia partiu de Yoshitaka Meira, que durante o último Congresso da UEE estiveram em contacto com os estudantes daquela Faculdade.

Como resultado desses entendimentos iniciais, foi enviado para o Sul o seguinte ofício, assinado por Baccalá Walderez:

"Exmo. Sr. Presidente da F.M.U.R.G.S. Porto Alegre.

"O C.A.O.C. A.A.A.O.C. da F.M.U.S.P. vêm, por meio deste, propor um estudo sobre a possibilidade de se realizar uma competição poli-esportiva entre esta e a vossa prestigiosa Faculdade, tendo como objetivo a maior aproximação dos Acadêmicos de São Paulo e os colegas do Sul, que por si sós lutam irmanados por um ideal comum"

"Acreditamos no êxito desta magna realização, tendo em vista os sucessos da já tradicional "ENG-POLI", dos nossos colegas das Escolas de Engenharia"

"Aguardando o mais urgente possível vossa resposta, aproveitamos o ensejo para apresentar nossos protestos da mais alta estima e consideração".

TELEGRAMA ENVIADO PELO CENTRO ACADÊMICO DA FACULDADE DE MEDICINA DE PORTO ALEGRE A ASSOCIAÇÃO ATLÉTICA

Confirmamos realização chamada vos proposta segue carta com sugestões e concretizando em definitivo idéia Associação Desportiva Acadêmicos Faculdade Medicina Porto Alegre.

O que dizem os relatórios

Nesta seção passaremos a comentar os relatórios dos diretores dos Departamentos. E' esta mais uma iniciativa do BISTURÍ, cuja orientação é sempre a de manter os colegas a par do que se faz em cada setor de nossa vida acadêmica. Vejamos, então, O QUE DIZEM OS RELATÓRIOS:

VOLEIBOL

O Departamento de Voleibol perdeu, em fins de abril último, o concurso do estimado e competente técnico Geraldo Faggiano. Segundo conseguimos apurar, sua saída se prendeu a motivos unicamente particulares.

TÉCNICOS DE 1954

E por falar em técnicos, deve-se notar que atualmente estamos bem providos deles — no Voleibol passamos a contar com Mario di Stefani, figura bastante conhecida e simpatizada em nosso meio universitário; no Bola ao Cesto, André Barbosa; no Polo Emeric Szacs. E não nos esqueçamos do nosso velho amigo, o Professor Sato!

o o o

Aliás, André Barbosa, a quem nos referimos acima, era o preparador da equipe de Guaratinguetá, a qual se projetou rapidamente em nosso bola ao cesto oficial. Se conseguir repetir, aqui na ATLÉTICA, um décimo do que fez em Guará, é certo que a vitória na Mac-Med será nossa.

O primeiro troféu trazido para a AAAOC neste 1954, recebeu o nome de "Julio Vecchiatti"; os autores da proeza foram nossos nadadores novatos, que de maneira brilhante se sagraram campeões do Torneio Estímulo de Natação da FUPE. A todos, os cumprimentos de "O BISTURÍ"

POLO AQUÁTICO

Nossa equipe de Polo Aquático está disputando atualmente o torneio promovido pela ULTIMA HORA. Se atentarmos para a presença de poderosas equipes do Polo bandeirante nesse torneio, poderemos classificar de boa nossa atuação. Cumpre ainda destacar que é justamente nesse setor que a Atlética tem registrado alguns de seus resultados mais expressivos.

NATAÇÃO

Foi realizado pelo Departamento de Natação um torneio para calouros. Eis o que, sobre ele, diz o colega Pupo em seu Relatório: "promovemos o I Campeonato dos Burros, competição natatorial só para calouros, destinada a despertar em seus cérebros empedernidos e embrutecidos pelo monte de bobagens que decoram para o Vestibular acrescidos de mais alguns conhecimentos de Histologia, algum gosto pelas tradições esportivas da MED"

FUTEBOL

O campo de futebol foi inteiramente marcado pelo novo diretor, Paraná, acompanhado dos "fai-xas" Clovis e Wilson. O fato é digno de nota porque este trabalho estava para ser feito há alguns anos. No entanto, se apertamos a mão direita do De Lucca, achamos que deve estender sua esquerda à palmatória, e isto porque o segundo quadro de futebol não foi movimentado uma só vez neste primeiro semestre. Resultado: todo mundo enferrujado, necessitando de dose dupla de lubrificante antes da XX MAC-MED.

o o o

Ja que estamos falando de futebol, seria interessante relembrar o jogo Oswaldo Cruz vs. VXX de janeiro; após duzentos e dez minutos (!) de empate (1x1, 2x2 e 1x1), perdemos em 30 minutos na 4.a partida, por 2x0. A "caveira de burro" nos acompanhou nesta última jornada, e o remédio foi ficar lamentando a falta de sorte de nossos avantes (infelizes ao extremo), a boa estrela do guarda-linha contrário (pegou algumas difíceis), a rigidez das traves (que teimavam em se colocar na trajetória da bola) e

a gordura do Giba (que enguliu um "franguinho" com penas e bico).

TÊNIS

Engalhado mesmo é o Departamento de Tênis; depois de superadas todas as dificuldades surgidas com a construção da quadra, aconteceu inesperado na véspera da inauguração: os suportes não aguentaram o peso da rede e foram por terra. Consertada às pressas, ficou-se à espera dos médicos para a inauguração, que seria feita com a prova da AC-MED. Outro imprevisto: os doutores não deram o ar de sua graça.

Novas decepções estavam reservadas para mais tarde, e ocorreram por ocasião do Campeonato Interno. Campeonato este que não saiu, simplesmente porque os jogadores resolveram fazer "forfait"! Mas como o Guimarães, diretor do Departamento, é bastante otimista, insistiu tanto que conseguiu iniciar as atividades esportivas nos últimos dias de abril. E de lá para cá, uma vez ou outra, uma dupla adentra quadra para bater um pouco de bola. Mas isto é tão raro, que a gente fica pensando se o Baccalá (que construiu a quadra), o Guimarães (que a dirige), e o Joaquim (faz a limpeza diariamente), não estão dando "murro em ponta de faca".

A continuar desse jeito, daqui a algum tempo todos os colegas precisarão ser convocados para retirar as teias que estarão obstruindo a quadra.

o o

XADREZ

se encontra em franca ascensão. Ao lado da remodelação da salinha de jogos (parabéns ao Pérsio), também os enxadristas estão passando por uma fase de "recuperação" (agora os parabéns são para o Hans). Dá gosto ver as cinco mesas permanentemente ocupadas por jogadores, enquanto a "sapiaria" espera a vez. Até o Torneio Interno vai de vento em popa: vinte cinco inscritos e, afora algumas "quebradas de mão", quasi todos jogando.

Muito bem...

RELATÓRIOS EM BRANCO

Chegou a hora da critica final; e ela se dirige contra o Caiuby (Atletismo), e mais os diretores de Hipismo Saltos Ornamentais, que nem sequer conhecemos. E ela se prende ao fato de não terem entregado seus relatórios a Diretoria da Atlética. Se isto reflete situação de inatividade em que se encontram esses departamentos é o que não sabemos; gostaríamos muito que viessem nos explicar.

E por hoje, é só!

Inauguração da quadra de tênis



Aqui está um flagrante da inauguração da nova quadra de tênis do C.A.O.C., em março último, velho sonho dos nossos esportistas. Aos seus realizadores que aparecem na foto os cumprimentos d'O Bisturi; aos colegas tenistas um convite: aproveitem esse ré-gio presente treinando assiduamente.

VAMOS TREINAR E GANHAR A XXª MAC-MED

SAUDOSISMO

Scharif T. Kurban

Ontem, fomos estudante. Sentíamos dificuldades, resultantes de falhas diversas da máquina de ensino. Hoje, estamos em posição outra e podemos observar os dois lados do problema: Ontem, era a Santa Casa. Embaraços de toda ordem, falta de material que exigia do elemento humano esforço ingente; e era constante verem-se estudantes improvisando aparelhos, procurando aparelhos; sempre à volta do leito, fazendo observações; buscando médicos e assistentes, querendo aprender.

As deficiências materiais as falhas do ensino eram compensadas por dedicação, esforço e trabalho hospitalar intensivo. O ensino, como era feito, com professores já fora de época, com programas mal elaborados, com exigências absurdas, não preocupava o estudante, porque os assuntos ventilados eram cuidados apenas para os exames de promoção. Medicina era estudada em textos, ficando as apostilas para os exames. Não havia ojeriza por observações, não havia preocupação excessiva por discussões de casos: procurava-se mais o contato com o doente, com a semiologia (tinha-se pouco laboratório), racionava-se (era forçoso) muito, cada qual por si, porque era difícil obter tudo já preparado.

Hoje, o estudante, material humano talvez melhor que o antigo, dispõe de um Hospital de Clínicas, fabulosamente bem equipado, com todas as facilidades, com conforto. O corpo docente foi em boa parte renovado, os programas atualizados.

E' verdade, há ainda muitas deficiências, algum descaso mesmo em vários setores. Mas, e isso é

também verdade, o acadêmico de hoje, salvo raras exceções, parece não querer mais trabalhar por si mesmo, não se esforça tanto por aprender, acha demasia fazer observações. Comete aí engano em seu detrimento mesmo.

O erro é de base: querer aprender cousa prática. Bom médico haveria de ser o que punccionasse torax, abdome, etc., medisse pressão, fizesse curativos, cortasse, pedisse exames, lesse chapas, e discutisse "casos" prontos. Há, mesmo, segundo temos observado, nos estudantes de hoje, mania de reuniões para discussão de casos, de apontamentos "de como tratar isto ou aquilo", e corridas para "papar" uma punção. Obsessão, que fogem raras exceções.

Não se vêem mais os estudantes de manhã, à tarde, aos Domingos, nas enfermarias fazendo observações, sondando doentes, colhendo material e fazendo exames de laboratório.

E' pena, porque o proveito seria para ele. E' possível que a dureza cada vez crescente da vida explique essa atitude. Mas era a dureza do ensino, as dificuldades várias, a falta de material, a distância, a falta de conforto, justamente, levavam o estudante, antes, a procurar suprir lacunas com seu esforço. Não fora desejável a eliminação do conforto atual, das facilidades atuais, mas aconselhável um menor abrandamento do esforço do universitário, em seu próprio benefício, repetimos.

E' possível, também, que este instantâneo não seja mais que um reflexo daquilo que dá em todos nós: o saudosismo, o "no meu tempo era assim". Não sabemos.

UM FATO EM FOCO

AS TRANSFERÊNCIAS

JOSÉ KNOPLICH

Esta secção pretende trazer, em cada número d'"O BISTURI", esclarecimentos sobre um tema de grande interesse geral, abordando-o de diversos ângulos e sob diversos pontos de vista.

Nesta secção, caro colega, V. poderá obrigar a discussão de um assunto que V. julga de importância e interesse geral.

Envie-nos perguntas e temas, apontando os elementos que devem respondê-las, e V. estará sendo útil, não somente a si próprio, como a toda Escola.

Opinião do Prof. Cavalcanti, Dr. Faria e vários estudantes

Para este mês foi apontado um tema de grandes controvérsias: Transferências e Transferidos, assunto este que deu motivo a mais de 8 horas de discussões em Assembléia do CAOC. Esta, por maioria de votos, optou pela não permanência de um dos transferidos na Fac. de Medicina da USP e pela permanência de outro.

Procuramos ouvir os mais diversos componentes do corpo discente e docente da Faculdade, afim de auscultarmos as respectivas opiniões. E eis o que nos declararam:

Prof. Jayme A. de A. Cavalcanti — Diretor — Respondeu-nos ao seguinte: "Como o C. T. A. recebeu a resolução da Assembléia do CAOC?"

"A lei que regula as transferências em princípio é justa, diz-nos o Prof. Cavalcanti, infelizmente, tem havido abusos, e contra estes o C. T. A. e a Congregação da Faculdade têm sempre lutado, e frequentemente temos conseguido a não efetivação dessas transferências.

Não acho realizável uma revogação das leis de transferência, e também não acho prudente qualquer repulsa por parte dos estudantes, declarando que são contrários às transferências. Existe a lei; qualquer rebelião contra ela é crime.

Dr. D. Goulart de Faria, Secretário — Respondeu-nos à pergunta: "Qual a sua opinião sobre a legalidade das duas transferências?"

"As transferências dos dois estudantes estão dentro das definições legais e por isto foram aceitas. A Secretaria não pode discutir a lei, mas sim cumpri-la. Minha opinião é a de que assim também deveriam proceder os estudantes"

Estas foram as opiniões da Direção da FMUSP.

Sondando o ambiente estudantil, ouvimos a resposta ao inquerito: "Qual a sua opinião ante a repulsa aos transferidos? Por que?"

Milton M. de Oliveira diz-nos: "Como elemento que fez parte da Comissão de estudos do caso,

instituída pela Assembléia do Centro, minha opinião está sintetizada no Relatório, e nem poderia ser de outra maneira"

Adiantamos que o Acd. Milton M. de Oliveira é de absoluta repulsa a qualquer tipo de transferência, afim de se resolver o problema.

Wilhelm Kenzler — "Por que V. achou que proposta da Comissão não foi ideal?"

"Porque fugiu ao que entendo por proposta, isto é, uma conclusão, (no caso secundária, porque deveria ser tomada pela Assembléia), baseada numa série de justificativas minuciosas, e considerações favoráveis ou desfavoráveis à conclusão chegada, que no caso era o mais importante, pois seriam fatores concretos do "curriculum vitae" dos dois transferidos."

Logo, "Willy" analisa, não a conclusão, mas sim os meios que levam à mesma, que considera precários.

O primeiro-anista Gustavo Murgel respondeu-nos à pergunta: "Acredita que os calouros foram à Assembléia dispostos a não admitir os transferidos?"

"Não. Posso afirmar que cada calouro teve consciência de seu voto. Colegas há que votaram pela permanência de um ou outro transferido. Colegas há que se abstiveram de votar em um dos casos, receiosos de um erro. Mas a maioria, de posse talvez de argumentos mais fortes, resolveu pela não permanência dos transferidos na nossa Escola, sem qualquer prevenção contra este ou aquele."

Nobuyoshi Akinaga, ex-aluno da Faculdade de Medicina de Sorocaba e aluno do 1.º ano desta Faculdade, diz-nos "Porque fez vestibular e não pediu transferência para o 2.º ano desta Faculdade?"

"Por saber de antemão do ambiente pouco favorável em relação aos transferidos, ambiente este justo pois, todos aqueles que aqui entram que não pelo vestibular não podem considerar esta Faculdade como sua, pois são estranhos, intrusos. Além disso, desejava enquadrar-me na vida da Faculdade, pois os métodos de ensino de Sorocaba eram completamente diversos."

O colega Arlindo D. Crispim, transferido atualmente na Faculdade, conta-nos "Como foi o ambiente que encontrou entre os colegas?"

"Encontrei um ambiente de compreensão e amizade por parte da quase totalidade dos alunos desta Faculdade. Fui mesmo acolhido com os braços abertos, após haver sido comprovada a honestidade do meu caso. Houve, é verdade, um ou outro aluno que não quis aceitar a decisão da maioria."

O colega Luís Carlos da Costa Gayotto, respondendo à pergunta "Na sua opinião, houve precipitação no julgamento da transferência do 2.º ano?" assim se expressou:

"Menos que precipitação, acho que houve unilateralidade no julgamento desse colega. Aqueles que eram pela sua não admissão adotaram a opinião irredutível de que, havendo possibilidade de desonestidade em todas e quaisquer transferências, estas deveriam ser sumariamente repudiadas pelo corpo discente de nossa Escola.

Dado o fato de que nada de desairoso sequer foi levantado contra este transferido, e ainda, que as circunstâncias que cercaram seu caso são insofismáveis, havemos por bem seguir o sistema de julgamento adotado nos anos anteriores dentro do C. A. O. C. Por este método criterioso, desde que nada houvesse a ser aventado contra a moralidade do caso, a transferência era imediatamente aceita. Caso contrário era repudiada. Isto sempre foi incondicionalmente aceito pela Diretoria da Escola."

NOITE DE MAIO

Sua importância — Falhas atuais — A Propaganda — Sua solução

O Baile de Gala «Noite de Maio», que Centro realiza todos os anos, é sempre um acontecimento social de nota, que movimenta a elite paulistana. No entanto, apesar da tradição e da afluência considerável a esse baile no seu balanete, sempre se nota um deficit.

Porque? E' a pergunta que imediatamente nos ocorre.

Para aqueles, cuja única função é, dirigir-se ao baile, fácil é criticar. Críticas destrutivas e sem nexos, algumas, idealisticamente fáceis mas irrealizáveis, outras.

Nós, no entanto, que estamos enfiados no assunto, podemos mostrar o trabalho incansável realizado, expor as dificuldades surgidas e dar opiniões objetivas.

Realmente a propaganda, este ano, falhou, não por nossa culpa.

Estamos sinceramente aborrecidos com os jornais, com a televisão e com os cinemas. Os jornais nos prometeram grandes reportagens, a televisão, comprometeu-se a passar cartazes, artisticamente confeccionados por um nosso colega, os cinemas, na voz de seus diretores, receberam com carinho o nosso pedido de rodar os filmes de propaganda. Na época em que estamos, já devíamos prever, de antemão, que nada disso sucederia. Mas... inocentes cremos... e nada disso foi cumprido. E' uma pena...

Lamentável também, foi a falta de cooperação emprestada por muitas patronesses. Falharam no seu trabalho! E elas, de quem tanto dependíamos e de quem tanto esperávamos.

Além disso, notou-se este ano, um desinteresse geral dos alunos em colaborar com o nosso diretor social, que tudo teve que fazer sozinho.

Para sanar esses defeitos, propomos algumas soluções perfeitamente executáveis:

1º) A Diretoria eleita, logo na ordem do dia da sua primeira reunião deve escolher o Diretor Social e instruí-lo no sentido de que deve formar uma Diretoria Social composta, de no mínimo 5 membros, os quais escolheriam auxiliares.

2º) A partir dessa data, o diretor social ficaria obrigado a mandar confeccionar os convites e a propaganda.

3º) Com uma antecedência mínima de dois meses, deverá escolher um máximo de patronesses, de fora da Faculdade.

4º) Iniciar a propaganda pelos jornais, televisão e cinema com um mês de antecedência, o que permitiria uma supervisão completa dessa propaganda, que, não tenham dúvidas, será bem sucedida.

5º) Enviar-se com muita antecedência, ofícios a todos os bancos e a todos os laboratórios de São Paulo, pedindo colaborações, que seriam recolhidas em uma visita posterior de elementos devidamente autorizados pela Diretoria Social.

Penso que com estas soluções, a «Noite de Maio» não oneraria mais os cofres do Centro e não estaria como parece, periclitando em sua realização anual, mas seria, como antes, o maior Baile Universitário de São Paulo.

CINELLI.

Mão e contra mão que se impõem!

O repórter fotográfico d'"O Bisturi", tirou esse instantâneo na hora de maior congestionamento nas alamedas da Faculdade; dois motoristas realizavam verdadeira ginástica para que seus automóveis passassem incólumes junto ao bar do CAOC. E' evidente que não custaria nada à diretoria da Faculdade determinar uma só mão de direção ao redor do prédio principal; para isso bastaria algumas «flechas» colocadas em pontos estratégicos do jardim.



S/A Institutos Terapêuticos Reunidos "Labofarma"

São Paulo

Rua Glicério, 497

ALGUNS PROBLEMAS DO ESTUDANTE DE MEDICINA

Sob este título, abordarei alguns aspectos da vida acadêmica, que, estou certo, não representam apenas um ponto-de-vista individual, mas representam modo de pensar de bom número de colegas. Nada há de ousadia na asserção, pois, por conversas esparsas com os mesmos, pudemos verificar o descontentamento que reina entre eles em face de algumas restrições que lhes vêm sendo impostas ultimamente no H.C. Enunciemo-las para maior precisão do tema a discutir: a) o alojamento do estudante de algumas funções que até há pouco exercia no H.C.; b) a suspensão das refeições aos plantonistas e c) alguns aspectos do internato, em perspectiva para um futuro não muito remoto.

No que concerne à primeira, o comentário terá que ser feito particularmente com referência às enfermarias de cirurgia e compreende-se que assim o seja por peculiaridades inerentes à especialidade.

Assim é que o material humano das demais clínicas é assessível ao exame por qualquer número de pessoas, ao passo que o doente cirúrgico só o é parcialmente, quando encarado do ponto-de-vista clínico, mas não com respeito à intervenção. Como não se pode, pela mesma afecção, operar um mesmo doente várias vezes durante a sua passagem pela enfermaria, compreende-se que a oportunidade de intervir é inversamente proporcional ao número de cirurgiões de uma enfermaria, a par de outros fatores. Como consequência, terão oportunidade ilimitada aqueles que hierarquicamente tenham melhor situação quanto à sua ascendência sobre os leitos. Neste ponto de vista, é óbvio que os médicos estão em melhor condição que os acadêmicos e não pesa dúvida de que também estejam mais habilitados.

Todavia, há alguns pormenores que quebram a seqüência lógica e natural do raciocínio anterior. É que em um hospital de ensino, o estudante deve ter atribuições bem definidas que atendam aos interesses do aprendizado.

Com respeito ao H. C., a primeira falha que se pode apontar está na triagem dos doentes internados, a qual frequentemente não atende aos interesses do ensino. Assim é que os leitos destinados a acolher doentes com afecções cirúrgicas, cuja cura seja tecnicamente mais fácil, foram extintos ou reduzidos ao ridículo, cedendo seu lugar à alta cirurgia. Esta não é a mais frequente na prática e, obviamente, também não é a mais acessível aos que se iniciam. Com isso, o nosso hospital de ensino já peca pela base e isso nos autoriza a afirmar que ele vai sendo paulatinamente desligado de uma das funções precípuas para que foi criado, qual seja a de completar a F. M. U. S. P.

O principal argumento que se levanta para justificar esta conduta é o de que o estudante não tem ainda habilidade para assumir a responsabilidade das intervenções e que a formação de profissionais hábeis e competentes fica dependendo dos dois ou três anos acrescentados oficiosamente ao curso médico.

Esse argumento, que aparentemente encerra um profundo sentimento de humanidade, de escrúpulo e respeito extremado à vida humana, ocasiona mais malefícios que lucros. Demonstraremos a proposição.

Sendo o ato cirúrgico uma seqüência regular e metódica de um determinado número de tempos bem padronizados, não se pode deixar de compreender que, após

segui-lo repetidas vezes, esteja o acadêmico em condições de iniciar-se na sua prática. É óbvio que, no início, terá imperfeições, o que impõe que, então, seja auxiliado por um cirurgião mais experimentado que aí, nessa situação, estará exercendo real e eficazmente as suas verdadeiras funções de professor. Por outro lado estar-se-ia formando uma equipe que, nos anos de internato, após a graduação, viria apenas aperfeiçoar-se, ao mesmo passo que iniciar-se na cirurgia de maior responsabilidade para o cirurgião e de maior risco para o doente.

Na situação atual, que pouco a pouco mais se agrava, o recém-formado de padrão A significa apenas um jovem doutor inabilitado às mais elementares intervenções. Se, por qualquer circunstância, não puder ele completar o seu curso médico com os dois ou três anos extra-oficiais ulteriores, estará fadado a ter uma formação parcial e hemipléica, só podendo então prestar à sociedade serviços pela metade. A falha é facilmente remediável quando se pensa que o jovem esculápio ficará na Capital, que é um centro acessível à ultra-especialização e onde a socialização da medicina igualou todos os profissionais e fez sucumbir a responsabilidade pessoal, o que é o marco inicial da despersonalização do médico. Mas, quando se pensa em médicos destinados às mais longínquas zonas rurais, que são as mais necessitadas de assistência, onde serão eles solicitados para toda a sorte de improvisações de urgência, então sentir-se-á a dolorosa realidade dos fatos a desmoralizar-nos o soberbo padrão A.

Todos nós, durante os seis anos do curso, acomodamo-nos aos vantajosos títulos que nos confere o bom nome internacional da Escola e, com isso, vamo-nos esquecendo de analisar à luz da fria realidade e do confronto desapassionado dos fatos as nossas verdadeiras condições de formação médico-cultural.

Se, escolas sem tão soberbos títulos, sem condições humanas, técnicas e materiais que se nos equiparem, chegam a formar, em seis anos de curso regular, cirurgiões hábeis para enfrentar as solicitações mais correntes da prática médica, com razoável eficácia, como explicar que haja entre nós o propósito deliberado ou não de deixar de fazê-lo? E não se repete que a situação mencionada representa a exceção e que é fruto mais do mérito individual que das condições do ensino.

Exceção o bom-senso dos que observam a prática médica demonstra não ser; valor pessoal não negamos que o haja, mas será que, entre nós, anda ele tão desaparecido que justifique a inabilidade com que, no setor em discussão, saímos desta Faculdade? Não nos parece razoável pensar assim.

Outro aspecto que convém salientar é que, só nos últimos anos, se vem primando por restringir a nossa oportunidade em cirurgia, sob pretexto de um escrúpulo falso, que, se verdadeiro fôsse, muito seriamente deporia contra o senso de moral e ética profissional dos que o lembraram, pois que eles, nos seus idos e esquecidos tempos de estudantes, não tiveram que enfrentá-lo.

Até há não muito tempo, as nossas enfermarias de cirurgia ainda faziam jús ao seu padrão A, não porque nelas só se realizassem intervenções de alta dificuldade técnica, mas porque eram

equilibradas e completas, atendendo, ao mesmo passo, aos interesses do aprendizado, da pesquisa e do nível técnico superior. Agora, o primeiro foi relegado ao ensino exclusivo da clínica cirúrgica e passou-se a uma unilateralidade prejudicial e decadente, atendendo apenas aos dois últimos aspectos.

Com isso, justifico o conceito emitido: perdeu o H. C. uma de suas funções precípuas, qual seja a de formar verdadeiros médicos e cirurgiões, fazendo com que os acadêmicos aos poucos venham a procurar outras instituições médicas, que, embora não oficialmente destinadas ao ensino, lhes dão, no entanto, melhores condições de aprendizagem, num contra-senso para nós ridículo e que faz com que só a cegueira aos fatos, o fanatismo ou o egoísmo descabido justifiquem o padrão A. Este deve fundamentar-se na pesquisa e no ensino e, quando falha uma dessas partes por hipertrofia da outra ou carência de ambas, só o pedantismo justifica a persistência do título. E para que o leitor não se indisponha contra a rudeza do que aí ficou, convido-o à análise criteriosa da verdade, como eu o fiz, vindo na expressão exata e desassomburada da realidade uma atenuante e, mais que isso, uma justificativa a semelhante procedimento.

Mas, não podemos ficar aqui. Só um servilismo pacato e dócil justificaria que cedêssemos o desejo de aprender e de bem servir aos semelhantes às concepções de outrem, pouco criteriosas e fundadas em análise apenas parcial dos fatos.

Não. Não pararemos aqui. Tanto é assim que já se articulou entre os colegas um movimento para fazer o C. A. O. C. valer-se de sua condição de representante oficial dos estudantes desta Faculdade, levando ao conhecimento do seu Diretor e dos seus Professores as suas reivindicações. E, depois, se nada fôr conseguido com a virtude da moderação, ir-se-á à precipitação da evolução: a revolução. Mas, é preciso que, para isso, a juventude acadêmica de hoje se faça digna de suas tradições de intrepidez, espírito de justiça e idealismo sadio. Unamo-nos, colegas, para a conquista de situação mais digna, não mais atendendo a uma solicitação do egoísmo, mas lembrando-nos de que da nossa melhor ou pior formação médica dependerá a salvação ou ruína de vidas humanas, que não se podem submeter a escrúpulos mal orientados. É preciso que desta vez cheguemos a uma situação melhor e bem definida, não ficando apenas nos bons propósitos de que todos são possuídos, mas que não têm consequências práticas apreciáveis. Deste tipo de pacto já estão fartos os estudantes e a experiência de outras vezes ensina-lhes a sua ineficácia. Vamos pois, colegas, à luta.

OSÉ CÂMARA

NÃO ESQUEÇA QUE:

Os objetivos da publicação dos relatórios de Departamentos são principalmente três:

- 1) Manter os colegas par das atividades do C.A.O.C., dando-lhes maior oportunidade de participar, criticar, elogiar e sugerir.
- 2) Obrigar todo Diretor a pensar em seu Departamento, procurando planos e soluções.
- 3) Estimular os bons dirigentes com nosso aplauso, e reprovar os maus com nossa crítica.

Funcionará este ano

O "CORPO DE SAÚDE" DO CPOR DE SÃO PAULO Declarações do Gen. Weiman a alunos da FMUSP

Dada a urgência de providências, que se faziam sentir no caso, e dada a sobrecarga dos serviços com que se defrontam os Diretores do CAOC, que contrasta vivamente com a falta absoluta de interesse de muitos colegas, que se abstêm totalmente da ação gremial, resolvemos, pessoalmente, realizar um inquérito sobre o projetado «Corpo de Saúde» do CPOR de São Paulo.

O colega Ikuro Fujimura prontificou-se mui gentilmente a procurar o comandante da 2.ª Região Militar, com o qual manteve demorada palestra. O oficial mostrou-se extremamente solícito, fornecendo ao nosso representante todos os esclarecimentos possíveis.

Eis o que declarou ao nosso enviado o Comandante da 2.ª R. M.: «O CORPO DE SAÚDE» do CPOR de São Paulo começará funcionar ainda em Dezembro deste ano. No Diário Oficial de 4 de março do ano em curso, foi publicada a Portaria Ministerial n. 115, de 23 de fevereiro de 1954, que institui e estabelece a data de funcionamento, nesta Capital, do dito Curso de Saúde.

«O Curso terá a duração de 10 meses, ao todo, nos moldes dos cursos atuais, e estará assim dividido:

- 1.ª fase: 7 meses, divididos em 3 períodos:
 - 1) de 15 de dezembro a 15 de fevereiro: todos os dias.
 - 2) de 1.º de março a 30 de junho: aos domingos.
 - 3) de 1.º de julho a 31 de julho: todos os dias.
- 2.ª fase: 3 meses, de estágio de ministração técnica.

«Após 1.ª fase, o aluno sairá sargento da reserva. A 2.ª fase será realizada obrigatoriamente durante o último ano do Curso Médico (ou de Farmácia ou Odontologia, conforme o caso), e o aluno obterá, ao fim do estágio, o posto de 2.º tenente médico da reserva da 2.ª classe.

«O Curso de Saúde poderá ser frequentado por todos os estudantes de Medicina, Farmácia e Odontologia, ou por aqueles que pretenderem ingressar nas respectivas Escolas Superiores. Entre o curso da 1.ª e o da 2.ª fase poderá decorrer um período máximo de 8 anos.

«Caso o número de candidatos exceda o número de vagas, haverá uma Prova de Seleção, nos moldes das que atualmente são feitas para as demais armas, mas sobre matérias relativas ao currículo médico ou correlatas, isto é: Fisiologia, Anatomia, Química e Física.

«Entretanto, o candidato ao Corpo de Saúde não será prejudicado se houver excedentes, pois há na Portaria uma cláusula que reza: «Se o número de candidatos for superior ao número de matrículas fixadas, os que obtiverem melhores classificações na prova de seleção, tantos quantos forem os excedentes, serão considerados reservistas de 3.ª categoria». Assim sendo, as classificações peores, ou seja, as que correspondam ao número de vagas, começar do último colocado, serão as que preencherão as vagas existentes, sendo os primeiros colocados dispensados do Serviço Militar como reservistas de 3.ª categoria.

«Logo que estejam abertas as inscrições para o novo Curso, será anunciado publicamente. Isto se dará pela mesma época em que são feitas as inscrições para as demais armas.»

FRIEDRICH SIMON — 2.º ano.

OBSTETRÍCIA CAMPESTRE

A nossa tradicional Faculdade, sem dúvida nenhuma nos apresenta um belo conjunto arquitetônico. O prédio da Faculdade propriamente dito, do Hospital das Clínicas, a Clínica Ortopédica, etc. encantam, satisfazem aos mais exigentes, mas... a mim não! Confesso, que gostei mais do monumental, natural e vegetal "prédio" da Maternidade Universitária de São Paulo. Todos nós que vivemos entre a balburdia do vai e vem, entre o trânsito congestionado, entre a fumaça dos ônibus novos e recuperados, gostamos do cheiro do capim, especialmente quando molhado!!! Os nossos obstetras (são os melhores do mundo)... deveriam praticar a nobre arte, num frondoso capim verde (ainda bem que é verde, e nos dá a esperança) onde algum dia... talvez no V Centenário(haja u'a Maternidade anexa.

Lembro-me perfeitamente, que há 2 anos atrás (mais ou menos), o nosso Governador, Prof. Lucas Nogueira Garcez, acompanhado

Colabore com o Centro. Ajude na conservação da Sede. O C.A.O.C. é seu. Cuide do que é seu

de comitiva, lançou a pedra fundamental da Maternidade Universitária de São Paulo. Esperançosos nós ficamos: estávamos livres dos atritos com as alunas da Escola de Obstetrícia! Mas, alegria de pobre dura pouco... Após a pedra fundamental, foram "plantadas" quatro estacas... e assim até hoje. Talvez, o governo assim quizesse ajudar a natureza, pois em Obstetrícia, a maioria das vezes quem atrapalha é a parteira (Esta atrapalha o médico assistente, o médico interno e o estudante), e assim a natureza sozinho se encarregaria de colocar no mundo mais uma brasileira (últimamente só tem nascido menina!)

Colegas! Chegou a hora de reagir... isto não pode e não vai ficar assim, precisamos de uma Maternidade. Para isto, de amanhã em diante iremos todos incorporados aos Campos... existentes ao lado do Hospital das Clínicas, munidos de baldes, regadores e esguichos, e mais um pouco de adubo, regaremos, adubaremos as 4 estacas existentes... Quem sabe se assim crescerá a Maternidade Universitária de São Paulo?!

Zé Bronquinha

“Trotescas”

(Fragmentos do diário de um prisioneiro, encontrado em excavações subterrâneas)

JOSE KNOPLICH

«Hé um mês que estou prisioneiro. Depois de muitas atrocidades, resolveram nossos carrascos deixar-nos em paz. Sômente a comida piorou.

«Antes estávamos a pão e água, agora a comida é do bar, isto é, sem pão e sem água.

«No mais tudo melhorou muito, prova são estas memórias que posso escrever sossegadamente, pois todos os carrascos estão em protesto contra carrascos maiores.

«Pouca coisa lembro-me da batalha. Sei que éramos uns 800, e depois verifiquei que foram aprisionados uns 80. Este era o nosso consolo; 720 de nossos irmãos puderam fugir.

«Logo no primeiro dia de contacto, um algoz que andava de caderninho na mão, trocou, sem eu querer, o meu cabelo por um maço de rifas. Ainda hoje êle percorre o campo de concentração, perguntando se há alguém que não as tenha recebido, ou quem queira fazer novas trocas. Enfim, cada louco com sua mania...

«Em seguida, veio um algoz de mala, era baixo como seus instintos, era triste como o espetáculo que ofereceria; achou que o que estava sobrando era nossa roupa, e... levou-a embora.

«Depois se acercou um que falava moroso, disse-nos «que a-qui-lo não era na-da, que o pe-or vi-ri-a de-fois.»

«Levaram-me, juntamente com os outros prisioneiros, para um grande estádio, onde obrigaram-nos a mostrar aquilo que pouca gente viu — nossa capacidade de corrida.

«De repente aparece um algoz de óculos verdes (para não ver tamanho espetáculo), acompanhado de um outro que falava estrangeiro, por isto não entendi o que falou. Gritaram, apontando para um prédio, ficaram vermelhos. Resolveram recolher-nos.

«Ficamos presos, porque o castigo teria de continuar logo em seguida.

«À tarde surgiu um carrasco, que tinha óculos, e hoje é dono de uma «cadeia» de jornais, falou no ouvido do homem do caderninho, chamou o baixinho e o estrangeiro.

«Não se passaram alguns segundos, e todos gritavam; iriam pintar os prisioneiros para não ficar feio, e em seguida levá-los para uma reunião que fazia parte do castigo.

«Não tínhamos entrado no recinto, começaram todos a berrar, e um berrava mais do que os outros: era aquêle que queria silêncio!

«Aquêle tipo de brincadeira parecia divertido, até que um dos carrascos começou a falar: aí começou o castigo.

«Falaram o «baixinho» e o «homem do caderno» uma vèz, quando foram falar pela segunda vez, começaram todos os outros algozes a berrar. E assim levaram a tarde e a noite inteira.

«Alguém que havia estudado «resistência dos materiais», pediu que o castigo fôsse encerrado por aquêle dia.

«Noutro dia, o algoz de fala morosa — não sabia que era tão sensível — tremeu quando um prisioneiro mais avantajado passou perto dlêle. Isto despertou os instintos de todos os algozinhos, que até então não tinham «mostrado as caras».

«Surgiu grande número dêles, altos, baixos, gordos e magros, havia de todos os tipos e de tôdas as manias. Uns vinham com uns arames de formas bizarras pendurados no pescoço, para pior impressionar.

«Naquêle dia resolveram mostrar como se deve tomar banho a vapor, num lugar onde não havia vapor e muito menos lugar onde tomar banho.

«Não se apertaram os carrascos. Levaram os prisioneiros em fila indiana para um lugar cercado por um matagal, onde havia um monte de sujeira com um pouco de água no fundo.

«Fizeram-nos comer o matagal, depois pediram-nos que nos lavássemos sômente na água, coisa que foi prontamente atendida.

«E os castigos não terminaram aí...»

Nesta altura a letra torna-se ilegível, e o manuscrito está rasgado.

A convalescência da C. A. O. C.

Volta o C.A.O.C. a se por de pé. Ao espreitarmos nosso paciente, nota-se que se levanta do leito, onde se defrontou com a morte por bons quatro anos, ainda sem forças, tonto, sem firmeza em suas pernas, confuso e sobretudo de aparência ainda muito doentia.

E' que esteve acometido da doença grave que constitui uma epidemia em nossa época: desinteresse pelas causas alheias, egoísmo, que atingiu agudamente.

Tal o estado que o deixou o terrível mal que ainda agora, passados alguns meses já fora de perigo, não tem forças para desempenhar ativamente suas funções, para ser um órgão consciente de seus deveres e capaz de,

sôzinho, tomar iniciativas e resoluções, reagir ante a agressão de malfetores, que infelizmente são alguns de nossos próprios colegas, e diante das injustiças de muitos. Um bom exemplo deste período de convalescência é a morosidade com que se encaminham os trabalhos que visam estabelecer, definir a posição dos seus associados com respeito aos problemas que atingem (a vida no H. C., os transferidos, etc.) cujas assembléias que os devem discutir nem sequer são convocadas com a urgência que se impõem pela importância dos assuntos a serem tratados.

Coloca, entretanto, de pé, o nosso Centro, simplesmente o esforço dos componentes da nova direto-

ria (com raras e deshonrosas exceções) que principalmente, através uma política de entusiasmo apenas esboçado por enquanto e de boa vontade, além de dedicação e honestidade com os compromissos assumidos, consegue vencer a caquexia seu estado subcomatoso. Mais ainda: é o interesse que por êle começa a se despertar em cada um dos seus associados que completa eficientemente a terapêutica empregada.

Se o remédio está dando bom resultado, é preciso continuar seu emprego e mais ainda intensificá-lo. Para isso bastaria que cada um de nós veteranos na escola calouros, moços cheios de entusiasmo e ideal, nos empenhássemos de todo o coração num trabalho constante de equipe que levará sem dúvida a CAOC a se restabelecer completamente.

Entretanto isto levará algum tempo pois a doença foi grave e por este motivo, posto que nós mais antigos na Faculdade logo a deixaremos, cumpre particularmente àqueles que cursam os primeiros anos da Escola se dedicar ao máximo e tomar a responsabilidade da tarefa de orientar o CAOC. Isto feito com inteligência, de maneira alguma interferirá no aprendizado médico apesar de continuar a desculpa mais banal do inéptos passados diretores. Basta organizar pelo menos, o mais tudo é simples rotina que apenas com dose de manutenção mínima de dedicação pode ser levado avante com eficiência.

Só assim teremos nosso querido CAOC gosando de plena saúde e prestando integralmente a assistência aos seus associados, e, através deles, ao povo brasileiro, em pleno desempenho de suas funções.

Hélio Lemmi



Água para beber que não existe!

Os bebedouros da Faculdade serão meros adornos de paredes! Pensamos que não! Então porquê não funcionam?

“O BISTURÍ”

Órgão Oficial do Centro Acadêmico “Oswaldo Cruz”

ENCARREGADOS DAS SECÇÕES

Editorial — Wilhelm Kenzler
Congregação Acadêmica — Levy Willy.

Falam os Professores — Maria José Machado.

Vamos dar uma Nota aos Professores — José Crispim
Ensino Médico — Jamil José Noronha.

A opinião dos que se formam — Willy Kenzler.

Rebuscando o Passado — Antônio Lopes - A. de Luca.

Descendo a Lenha — Willy Fernando Proença Gouvêa.
Zé Bronquinha — Diomedé Belliboni.

Página da A. A. A. O. C. — Nelson Proença.

Filosofia e Arte — Lineu Marcos Linardi J. Crispim
Noronha - José Knoplich.

Lembretes, Pensamentos e Avisos — Willy Kenzler.

Sociais — Terezinha.

U. E. E. — Willy Kenzler Edith.

Humorismo — William Callia - Péricles Patti.

Página Amena (Xadrez, Palavras cruzadas, Charadas, Paródias de ontem e de hoje) — Pérsio Nogueira - P. Patti.

Falam Elas — Maria José Machado.

Sugestão do Mês — Schlioma Zaterka.

Entrevista do Mês — Schlioma Zaterka.

Relatórios dos Departamentos — Carlos de Souza Dias.

Acontecimentos do Mês — Lopes.

Pontos de Vista — José Knoplich.

Os calouros também pensam — José Knoplich.

Flagrantes do passado — Fernando Proença de Gouvêa.

Fotografias — Manlio Speranzini.

Propaganda — Carlos de Souza Dias - Fernando Proença de Gouvêa.

VIII SEMANA BRASILEIRA DE DEBATES CIENTÍFICOS

SÃO PAULO

1 a 8 de Agosto de 1954.

A Tribuna dos Estudantes

Da “Folha da Tarde” transcrevemos a seguinte:

O amadurecimento da consciência estudantil entre nós levou a FOLHA DA TARDE e a FOLHA DA NOITE a instituírem em sua seção VIDA ESCOLAR, uma coluna inteiramente aberta aos alunos de nossas escolas superiores, da capital e do interior, para o debate dos próprios problemas e das questões ligadas às suas escolas e ao ensino em geral. Na “Tribuna dos Estudantes”, espreitar-se-ão os pontos de vista da classe. Serão acolhidos, e publicados por ordem de chegada, os trabalhos que nos forem enviados, desde que vazados em termos apropriados, assinados contendo indicações seguras para a identificação do autor (residência, escola em que estuda, curso e série).

A redação não se obriga a publicar todas as colaborações recebidas. Serão desde logo rejeitadas as anônimas, as que contiverem acusações e insinuações sem provas, as redigidas em linguagem virulenta e deselegante. Por outro lado, não devolveremos os originais não publicados.

A “Tribuna dos Estudantes”, que será publicada na FOLHA DA TARDE e na FOLHA DA NOITE todas as terças e quintas-feiras, espera transformar-se no porta-voz das reivindicações estudantis e num órgão democrático de agitação dos problemas dos alunos dos cursos universitários. Toda correspondência para essa coluna deve ser enviada às FOLHAS — Seção Vida Escolar — rua Bráulio Gomes, 30, ou Alameda Barão de Campinas, 320 — São Paulo.

COMISSÃO DE FORMATURA

A Comissão de Formatura dos Doutorandos de 1954 agradece aos colegas a colaboração emprestada quando da realização da sua I Anagogia.

Outrossim, agradece de maneira especial a boa vontade demonstrada pelas prezadas colegas do Departamento Feminino, pela cessão dos seus salões e sua ajuda manifestada de várias maneiras.

Aproveitamos a oportunidade para lembrar aos ainda colegas que outras Anagogias virão. A COMISSÃO.

Conjunto Coral dos Alunos da FMUSP

Braz Martorelli Filho

Sob êst pomposo título escondese uma modesta pretensão de um grupo de alunos desta Faculdade.

De há muito existe a idéia de se fundar nesta Faculdade um conjunto coral, coral êste dirigido, orientado e composto exclusivamente por alunos.

Parece que a idéia agora se concretiza.

A direção musical estará a cargo do colega Michail, individuo credenciado, pois estuda contraponto, composição e harmonia e, além disso, é diretor de um coral.

Quero fazer um apêlo aos colegas para que se interessem e tomem parte ativa no coral.

Num coral não são necessários “Carusos” nem “Bidus Saião”, desde que haja um pouco de boa vontade, qualquer colega poderá tomar parte.

Tentaremos fazer um repertório, pelo menos inicialmente, até que o conjunto se engrene, de peças fáceis, conhecidas, músicas

folclórica brasileira, sem dificuldades técnicas vocais, de modo que as peças se enquadrem dentro das possibilidades de todos.

O coral, como de praxe, constará de 4 vozes, e os ensaios (1 ou 2 por semana) serão ajustados de modo a satisfazerem as necessidades de todos.

Colegas, já houve uma reunião e um ensaio e parece que tudo está correndo bem.

Mais uma vez apelo aos colegas (em especial às moças): se gostarem de cantar, mesmo que seja no banheiro, compareçam aos ensaios, tomem parte ativa no coral, pois quanto maior o número de componentes, maior a possibilidade de êxito, êxito êste que será uma vitória do nosso coral, dirigido, orientado e composto EXCLUSIVAMENTE POR ALUNOS.

Qualquer informação poderá ser dada pelos colegas:

Ruy Yamanishi
Braz Martorelli Filho
Michail Antoniuk

GR E V I E

Esta greve veio mesmo a calhar. Ainda mais às portas de uma sabatina...

Meti minha assinatura no papel já todo rabiscado de assinaturas anteriores. Tinha aderido à greve. E tratei de esperar os dias de folga. Dois dias. Uma semana espetacular! Poderia, inclusive, dar uma chegadoinha no Interior, a ver como iam as coisas lá.

A greve chegou e passou. Estudei Parasito e fui ao Interior. E, digo isto meio em segredo, fiquei muito espantado ao ver a posição máscula que tinha tomado — como dizia o jornal — "lutando patrioticamente para salvaguardar o sacrossanto direito da liberdade". E, depois disto, já meio apreensivo de um excesso de patriotismo da minha parte, continuei a ler. Eramos (os estudantes) a força consciente, apta a garantir a vigência de um estado democrático, onde todas as cores tinham o mesmo valor, etc, etc, etc.

Definitivamente, alguma coisa havia errada em toda essa história. O jornal, o jornalista, a crônica ou eu. Sim, sim, o artigo era sério. Sensivelmente. Havia até uma fotografia ao lado, onde apareciam, em desordem, estudantes do Pará, metidos com soldados e generais. Não sei ao certo, mas parece que andou morrendo estudante por lá.

Comecei a me arrepender do estudo da Parasito e do passeio ao interior. Que diabo! Há um incidente; aparece um problema. Este coloca-se à minha frente e eu o faço motivo de recreio particular. Ajeito as coisas, de modo a ser eu o único a aproveitar. E se o problema fosse mesmo sério? E se não fosse, se não passasse de mera trama política ou subversiva? Não sei, mas há tanta sem-vergonhice por aí!

Senti-me envergonhado. Cheguei a procurar a lista onde assinara. Riscaria meu nome de lá; alegaria desconhecimento do caso. Não o fiz. Também, que adiantaria? A greve já se fora.

Mas, a greve passada deixou um propósito: na próxima eu hei de estudar o problema devagarinho; não me hei de lembrar da Parasito ou de praças semi-iluminadas de jardins de interior. Nada disso. E se houver motivo de greve, hei de sair à rua, num protesto democrático, mostrando a todos que eu sou um sujeito consciente.

O povo pensa que somos — os estudantes — "filhinhos de papai", parasitas. E, muitas vezes, tem razão. Não provamos o contrário por nossos atos. Só aparecemos nas "pinduras" e nas outras estudantadas. Nas manifestações coletivas, ou não aparecemos ou aparecemos para a desvirtualização do movimento, como aconteceu, mesmo agora, com muitos estudantes, solidários à nossa greve; houve apedrejamento de colégio; e houve — creiam — grupos deles postados, não como estudantes, mas como estudantes grevistas, "dom juanescamente", em pontos mais movimentados da cidade. Inconcebível.

Esta greve veio mesmo a calhar. Fiquei sabendo, algo tardiamente, que ela não é brincadeira ou recreio pessoal. É instrumento democrático de liberdade, retrato de uma vontade honesta de atingirmos a uma finalidade. E fiquei sabendo mais: os estudantes — até eu — estamos ligados ao destino do país.

J. C.

Despedida de estudante



— Gastamos ao todo 185 cruzeiros. Você me deve 92 cruzeiros e 50 centavos.

Aos que se iniciam em medicina

A. L.

Aos que, como nós, se iniciam em Medicina, julgamos oportuno transcrever estes episódios narrados por Vikenty Veressayev, médico russo do século XIX:

"Uma manchazinha localizada em meu braço esquerdo e sem causa aparente, começou rapidamente a aumentar de tamanho e a doer. Eu temia acreditar no que evidenciavam os meus sentidos, porém a mancha continuava a crescer e cada dia me doia mais. Afinal o tumor apresentava tamanho de uma avelã. Não havia como duvidar: ela se transformara em um sarcoma, esse terrível melanoma — sarcoma, que geralmente se origina de inocentes nevus. Fui à consulta do nosso professor de cirurgia e sentia-me como se fosse à última entrevista com meu carrasco.

— O professor olhou-me atentamente:

— E' você terceiro anista de Medicina?

— Sim.

— Mostre-me seu sarcoma.

Despí-me. O professor extirpou o tumor, cortando-lhe o delgado pedículo com uma tesoura.

— "Sua manga tinha, simplesmente, irritado o sinal, eis tudo. Leve seu sarcoma como lembrança!" disse sorrindo com afabilidade e entregando-me a peça retirada.

Saí contente, se bem que muito envergonhado e confundido com a minha infantil apreensão. Pouco depois, no entanto, comecei a notar que algo de anormal se passava comigo; experimentava fadiga geral, aversão ao trabalho, perda de apetite e sede insaciável. Emagrecia, além disso, e, de quando em vez, se formava abscessos em diferentes partes do meu corpo; lavei-os com água em abundância; provando-a verifiquei que a mesma não continha açúcar. Todos esses sintomas falavam a favor do "diabetes insipidus" Profundamente abatido, recorri ao capítulo consagrado a essa moléstia na obra de Strümpell: "As causas do diabetes insipidus permanecem ainda completamente desconhecidas... Muitas vítimas dessa doença são indivíduos jovens ou de

Quem não paga as taxas do C.A.O.C. e usufrue a sede, o Bar, a caixa e principalmente o seu nome, está lesando os colegas como verdadeiro parasita, e, como tal deve ser tratado.

meia idade, os homens são mais sujeitos à moléstia que as mulheres. A relação entre esta enfermidade e o diabetes propriamente dita é evidente, e é sabido que uma se pode transformar na outra. A doença pode persistir durante anos e mesmo décadas e as curas são extremamente raras..."

Fui procurar nosso professor de terapêutica. Sem referir-lhe meus temores descrevi simples e minuciosamente meus sintomas.

A medida que eu falava, o professor franzia, cada vez mais, o sobrecenho.

Ele interrompeu-me:

— Você supõe que sofre de "diabetes insipidus", é admirável como estudou conscienciosamente o Strümpell; não omitiu um único sintoma. Espero que esteja bastante versado nessa matéria por ocasião dos exames. Fume menos, coma melhor, faça mais exercício e deixe de pensar em diabetes".

O QUE REVELAM AS OBSERVAÇÕES NAS ENFERMIARIAS DO H. C.

Habitação e alimentação como fatores de profilaxia

Nós já estamos cansados de ouvir de nossos doentes, quais seus antecedentes pessoais de habitação e alimentação.

Raros são aqueles que moram em casa de tijolos ou que têm uma alimentação mais ou menos equilibradas. Seus lares não são agasalhos, são casas de barro, esburacadas, verdadeiros ninhos de chupanças. Ou então, são porões úmidos, abafados, onde o sol que é vida e calor, nem ousa aparecer.

Mas não vamos falar agora do problema específico da insolação e ventilação da habitação. Como veremos mais tarde mesmo as casas de tijolos, construções modestas ou apartamentos menosprezam estes fatores tão importantes como determinantes das afecções respiratórias, principalmente nas crianças.

A alimentação: arroz, feijão, verdura de vez em quando, e só. Frutas, carne, leite, ovos, tudo isto é luxo, ou considerado «supérfluo».

E quando a gente, durante a observação pergunta por estes alimentos, doente ri irônica e dizendo: de que jeito?

Ainda noutro dia, uma doente me dizia: as minhas crianças só tomam leite uma vez por semana e vão vivendo...

Tudo isto acontece em São Paulo, onde crescem dia a dia, os arranha-céus, onde a matéria bruta, o tijolo, o cimento são mais bem tratados que o homem.

Em São Paulo, onde os arquitetos se preocupam quase que exclusivamente em projetar arranha-céus, esquecendo-se de que construir para o homem é conhecer suas aspirações naturais: lares agradáveis à sua psicologia, com espaço para seus filhos, seu descanso, etc.

Todo este conjunto de fatores que deveriam realmente ser levados em conta no projeto, são considerados utópicos no estado atual da nossa sociedade.

No entanto, no dizer de arquitetos modernos, tudo isto seria possível com um planejamento mais humano e racional.

Bem, nós poderíamos seguir analisando as contradições atuais de todos os campos da sociedade, dos homens, mas então, estaríamos ultrapassando o nosso setor que já apresenta muitos pontos importantes: a salientar e que só a nós compete relevar.

Pensando mais praticamente no problema que agora nos ocupa: o das condições de habitação e alimentação, nós vamos iniciar o seu estudo tomando como base um inquérito prático, breve e suscinto, que faremos entre os nossos doentes, de todas as enfermarias.

O trabalho será dividido entre os colegas que trabalham nas diversas clínicas e que irão fazer pessoalmente as perguntas ao doente ou procurar nos arquivos as observações. Isto ainda será planejado.

Esse inquérito terá o valor de base para um estudo, pois tudo o que foi dito anteriormente poderia parecer opinião isolada, unilateral ou apenas dados esporádicos de um único observador.

E' bom que se lembre que os resultados dos inquéritos não serão envaguetados. Mas como valor de constatação real serão a base para o principal que será sem dúvida o estudo da relação das incidências patológicas nos indivíduos, decorrentes desses mesmos dados.

Para esse estudo nós contamos com a colaboração de especialistas: sanitaristas, nutricionistas, pediatras, psiquiatras, etc., no sentido de ser um maior documento científico.

E' de se esperar que haja essa colaboração ainda que no sentido de esclarecimento e ensino.

Ainda quanto ao inquérito nós pensamos contar com a colaboração das caravanas para o Interior, com o intuito de se ter mais dados sobre as condições locais do homem da roça. Neste sentido além do aspecto humano do contacto do estudante de Medicina com o trabalhador da roça, com seus problemas, seu hábito de vida, poderíamos também fazer um trabalho de encaminhamento de possíveis doentes para o médico local ou para o hospital. Tudo isto são possibilidades e sugestões.

Este tipo de trabalho nos faz pensar realmente em Medicina Social.

No entanto, dada as nossas ocupações e a exigüidade de tempo extras de que nós, estudantes de Medicina dispomos, esse inquérito poderá levar muito tempo, mas se os colegas todos cooperarem, o trabalho será menos demorado e mais rápido.

Para a escolha das perguntas do inquérito seriam interessantes sugestões dos colegas para maior objetividade.

Se você quiser ampliar a equipe vai se encarregar deste trabalho, procure-nos, pois certamente, haverá maior eficiência.

Colega pense bem neste problema, que é seu, é nosso, e é social.

MARIA JOSÉ MACHADO.

IND. FARM. ENDOCHIMICA. S. A.

S. F. E. P. INSCRIÇÃO 159

FARM. RESP. H. P. BERNARDES

MATRIZ:

Avenida Santo Amaro, 1239 — Caixa Postal, 7.230 — S. Paulo — Brasil

End. Telegráfico: ENDOCHIMICA — Telefone: 61-1127

FILIAIS:

RIO DE JANEIRO

Av. Calógeras, 15 - 7º
Sala 702 — Tel., 42-0745
Caixa Postal, 4335

PORTO ALEGRE

Rua Riachuelo, 1.600
Caixa Postal, 707
Telefone: 8220

BELO HORIZONTE

Av. Olegario Maciel, 380
Caixa Postal, 779
Telefone: 2-7274

RECIFE

Rua da Conceição, 14
Terreo
Telefone: 3435

CURITIBA

Travessa Oliveira Belo, 18
Caixa Postal, 280
Telefone: 442

SALVADOR

Av. 7 de Setembro, 142 - 1º
Salas 107 - 108 - 109
Telefone: 5593

UBERLANDIA

Av. João Pinheiro 1032-1040 — Tel.: 292
Minas Gerais

FORTALEZA

Rua do Rosário, 38
Caixa Postal, 771

AS ASSEMBLÉIAS **ENSINO MÉDICO**

David Michalewicz

Na manhã fria, ao chegar à Faculdade, encontrei um colega, com quem comecei a conversar. Este, logo apressou-se em perguntar:

— Então, o caso dos transferidos foi resolvido ontem?

— Ah, foram "podados".

— Os dois?

— Sim. A decisão foi por grande maioria.

— Mas que bobagem! Será que vocês não pensaram no que estavam fazendo? O caso de um deles me parece que era honesto. Ele devia ter continuado a estudar. Tem todo o meu apoio.

Olhei para o meu interlocutor. Ele já estava em uma classe superior à minha e, no entanto, eu não compreendia como dizia aquilo.

— Você acha, então, a decisão injusta?

— É lógico! Você não percebe que os dois casos são diferentes?

— Assim sendo, porque em vez de ficar falando comigo, você não foi expor suas idéias à Assembléia? Talvez sua palavra decidisse o caso... Não adianta você ficar falando comigo, que isso nada vai resolver.

— Ora, as assembléias daqui só dão em bobagens! A gente vai lá e fica um tempo enorme a ouvir discussões estéreis que não levam a nada. Eu me orgulho de dizer que só assisti a uma reunião dessas e nunca mais fui!

E com esta, ele se afastou.

Fiquei pensando.

Sim... de fato, numa Assembléia do CAOC perde-se muito tempo com bobagens! Mas isto não é motivo para não assistir a assembléias. Ao contrário! Se elas estão assim, devemos nos esforçar para que seu nível melhore! Faltar à assembléia por este motivo é, não só fugir ao dever, mas trair o órgão ao qual pertencemos. É trair o CAOC!

Porque estes que afirmam perder tempo na Assembléia não se esforçam para que este tempo não seja gasto inutilmente?

Infelizmente, na Faculdade, temos muitos colegas com mentalidade ginásiana e não universitária.

Sei que estou pregando no deserto, mas mesmo no deserto encontramos oásis.

Acima me referi aos colegas que não vão a assembléias por haver "discussões estéreis" nelas.

Examinemos, agora, os "outros", os que vão.

Destes, uma minoria microscópica vão com a finalidade de resolver honestamente a questão para a qual a reunião foi convocada. Os outros vão para se "divertir". Vejamos, por exemplo, a série de assembléias deste ano, para discutir o caso dos transferidos. Citarei apenas a primeira e a última e daí os leitores poderão concluir o que foram todas as outras.

Na primeira delas, quando já estávamos quase na votação das propostas, um colega lembrou-se de dar um voto de confiança ao Pupo. Note-se que este assunto já havia sido debatido e votado ANTES de se entrar na ordem do dia. De se entrar na ordem do dia, ele dormiu até este instante? A sessão havia se iniciado às 17 horas. Às 18,30 horas ainda se discutia a mudança da ordem

de palavras de uma proposta lida pelo Pupo. NÃO SE HAVIA ENTRADO AINDA NA ORDEM DO DIA!

Na última assembléia da série é que pudemos apreciar o auge da infantilidade de certos colegas. Um deles, já sextoanista (repito: SEXTOANISTA) limitou-se a se portar indecentemente durante toda a sessão: esticou-se na sua cadeira e pôs os pés no encosto da cadeira da fileira anterior, ficou dizendo gracinhas e levantando "questões de ordem" realmente dignas de seu cérebro embotado e no fim, quase na hora da votação, teve a petutância de pedir o adiamento da assembléia. Este colega, e outros, quando falavam os oradores contrários ao seu ponto de vista, tentaram impedir-lhes a palavra fazendo brincadeiras e se retirando ostensivamente da sala. E, uma vez lá fora, iniciaram um berreiro, com o mesmo fim.

Não satisfeitos ainda com isto, culminaram no instante em que era realizada a votação. Inesperadamente, "alguém" desligou a chave da luz do teatro. Realmente, muito políticos experientes deveriam fazer um curso de demagogia com estes nossos colegas...

Isso é coisa que se faça numa Assembléia democrática em que todos, QUAISQUER QUE SEJAM SUAS IDÉIAS, podem falar?

Se eles não concordavam com os oradores, que subissem à tribuna e expusessem seus argumentos! Ninguém os impedia disto!

Sim... de fato, perde-se muito tempo em discussões inúteis mas quem é o culpado?

Nós, só, única e exclusivamente nós, que permitimos que elementos assim assistam às Assembléias.

Nós, que deixamos de assistir assembléias só porque não queremos ouvir "discussões estéreis" e permitimos, angélicamente, que estas discussões continuem.

Meus votos de sincero pesar a estes "colegas"...

Quer descansar o espírito dos exames?

Quer dar movimentação sadia ao corpo?

Quer ter disposição e energia para o estudo?

Experimente por duas semanas a ginástica do Sato. Comece agora, e não deixará mais, tais os benefícios que sentirá.

3.a, 5.a e sábados, às 11:30, no Estádio da A.A.A.O.C.

Em virtude de não termos recebido a colaboração esperada, esta secção, no presente número, fugirá um pouco da orientação que nos propuzemos seguir.

Assim, apresentaremos o Projeto de Reorganização do Curso Médico elaborado em 1953 pela Comissão de Ensino da Faculdade de Medicina de Montevideo, que contou com a colaboração de delegados estudantes da Associação dos Estudantes de Medicina.

Lá, como aqui, a reestruturação do Ensino Médico constitui um problema que suscita amplos debates e para cuja resolução muito estudo se tem feito.

A planificação que se segue, extraímos da revista "El Estudiante Libre", órgão da Associação dos Estudantes de Medicina do Uruguai. Vale assinalar a ótima impressão que nos causou tal publicação, já por sua feitura técnica, já pelo seu conteúdo que denota o espírito desassombrado e criador, característico do estudante universitário (uruguaio).

Eis o novo Plano de Estudos proposto no Uruguai:

A) Ciclo Básico

Primeiro ano: Ciências Morfológicas

- a) Anatomia
- b) Histologia

c) Embriologia

Segundo ano: Ciências Fisiológicas

- a) Fisiologia
- b) Física Biológica
- c) Química Biológica
- d) Psicologia

B) Ciclo de Introdução à Clínica

Terceiro ano: Introdução à Clínica

- a) Semiologia
- b) Patologia Geral
- c) Anatomia Patológica

C) Ciclo Clínico

Quarto ano
Primeiro semestre: Medicina Especialidades.

- a) Clínica Médica
- b) Especialidades
- c) Farmacodinâmica

Segundo semestre: Medicina Preventiva e Medicina Psicosomática.

- a) Clínica de enfermidades infecciosas

- b) Higiene
- c) Bacteriologia
- d) Parasitologia
- e) Clínica Psiquiátrica
- f) Medicina Legal.

Quinto ano

Terceiro semestre: Cirurgia

- a) Clínica Cirúrgica
- b) Traumatologia e Ortopedia
- c) Patologia Cirúrgica e sua Anatomia Patológica

Quarto semestre: Medicina

- a) Clínica Médica
- b) Patologia Médica e sua Anatomia Patológica.

Sexto ano

Quinto semestre: Ginecologia

- a) Clínica Ginecológica
- b) Patologia Ginecológica

Sexto semestre: Pediatria

- a) Clínica Pediátrica
- b) Patologia Pediátrica.

Sétimo ano: Internato Obrigatório

Sétimo semestre: Medicina

- a) Clínica Médica
- b) Patologia Médica

Oitavo semestre: Cirurgia

- a) Clínica Cirúrgica
- b) Patologia Cirúrgica

Não é nosso objetivo tecer comentários sobre este Currículo Médico. Assinalamos apenas que o consideramos evidentemente criticável e discordamos mesmo de muitos de seus pontos.

Do seu exame, contudo, poder-se-á depreender a orientação que toma o ensino médico no país vizinho e como professores e estudantes uruguaios encaram problemas que também nos afligem.

Talvez, ainda, esta planificação encerre alguma sugestão útil para nós; porém, o que pretendemos é chamar a atenção dos colegas para que façam uso de seu espírito crítico ao estudar reformas de ensino, a fim de que possamos, vislumbrando as falhas existentes entre nós, atacá-las de frente, pois a Medicina, por ser ciência, não comporta anacronismos.

CURIOSIDADES

— LAPA é um pequeno molusco que vive agarrado às pedras das praias tem uma força de aderência duas mil vezes superior ao seu próprio peso.

— O fórcepe foi usado pela primeira vez por Pedro Chamberlen em 1677, que guardou seu segredo e vendeu-o a Roonhuysen na Holanda.

— ADISON, médico inglês, falecido em 1869, não foi o que deu nome à doença, mas sim a cada um dos planos que dividem o torax e abdome.

— Foi inventada, há pouco tempo, uma máquina de virar páginas de livros e revistas, sendo que seu uso beneficiou os que sofrem de paralisias dos membros superiores, pois ao simples comprimir de um botão, podem desfrutar o prazer de uma leitura. Usam-na muito os que, por paralisia respiratória, são colocados em pulmões de aço.

— ALESTESIA é um tipo de perturbação em que as sensações tateis são percebidas não no ponto que se toca, porém, no simétrico do outro lado. Foi observado, primeiro nas mãos. Toca-se um objeto quente à mão direita e sente, o doente, o calor na mão esquerda.

TAPANDO BURACOS

Quem, de fora, olha o prédio desta Faculdade, desta casa de Arnaldo, mal sabe o que se passa pouco distante dos portões, por esses caminhos, outrora, suaves e bem tratados, por onde nossos felizes antecessores passavam em suave marcha com seus "Calhambeques". Mal sabem que por esses, outrora suaves caminhos, já não mais podem, os macios molejos dos atuais "possantes" passar, sem que seus felizes ocupantes sofram abalos que atingem da foice do cérebro até à delicada ponta da coluna vertical, com a exata sensação de terem sido atirados a um quasi precipício.

Mas, pobres donos de molejos macios. Que poderão fazer, se as crateras são tantas e de tão variado tamanho? Ficam murmurando palavras pouco lisonjeiras, e seguem ansiosos à espera de caminhos mais suaves, o que, infelizmente, não acontece em todas as vias que cercam o prédio da Faculdade.

Não é concebível que isto continue por muito tempo mais, pois que, em futuro não distante, nem como pedestres será possível passarmos.

Vez o outra, algum aventureiro, a mandado de não sabemos quem, lança mão de um balde de cimento e boa vontade, mas sua atividade é tão precária que em poucos dias as chuvas e o passar dos autos tudo desfaz.

Seria interessante, que uma reforma total fôsse efetuada no asfalto, pois, existem lugares onde mesmo esses pequenos remendos já não são mais possíveis e, como exemplo, temos o trecho perto do Monumento aos Heróis e mais próximo ao Oscar Freire, onde faz vergonha passar. Vergonha que é maior ainda quando algum visitante por elas se aventura, pois, sabemos que entre um pulo e outro ele pouco apreciará de nossa Faculdade.

Solicitamos pois, a quem de direito e de competência, intervir, para que se providencie, não a "obturaçã" das crateras, mas sim a "plástica" total do piso das alamedas.

Haverá "concretização" do pedido?

LIVROS DE MEDICINA

Livraria Luso - Espanhola e Brasileira, Ltda.

SEDE PRÓPRIA

AVENIDA 13 DE MAIO, 23 — 4.º ANDAR
Telefones: 52-5995 e 32-8543

Enderêço Telegráfico «Lusodarke»
RIO DE JANEIRO

FILIAL: SÃO PAULO

RUA BARÃO DE ITAPETININGA, 224 — 8.º — SALA 82
Enderêço Telegráfico «Lusobarão»
Telefone, 36-0730

DEPARTAMENTO DO H. C.
AVENIDA ADEMAR DE BARROS — 4.º ANDAR
Telefone, 8-2161 — Ramal 90 — São Paulo

VENDAS À PRAZO

Departamento de Psicologia Médica e Medicina Psicossomática

Com esse título, quero deixar aqui, não um relatório dos projetos e atividades do Departamento, mas uma contribuição ao «Bisturi», nosso jornal.

O Departamento de Psicologia Médica e Medicina Psicossomática, não teve este ano, até o presente momento, atividade alguma que pudesse constituir motivo para relatório. Recebemos cargo de Diretor desse Departamento e mais nada. Nem tradição possui ele. Temos somente a vaga lembrança de raros cursos, realizados a dois ou mais anos.

O importante no nosso caso é chamar a atenção para o grande campo de aplicação da Psicologia nos domínios da Medicina. E' com essa finalidade que pretendíamos organizar um curso de Psicologia Médica e Psicoterapia. Não nos foi possível realizá-lo no primeiro semestre, conforme era nossa intenção. Afim de torná-lo uma realidade, estamos em entendimentos com o Departamento Científico do C. A. O. C. Convidamos o Dr. Mario Yahn, ilustre Psiquiatra Psicanalista, para nos orientar nesse setor que está, hoje em dia, tomando um impulso muito grande.

Pensamos também em realizar um curso que verse sobre as Psicoses Degenerativas de Kleist, assunto muito importante e atraente, mas de interesse quase que restrito ao especialista em doenças mentais. Devido a esse fato, pensamos em entrar

em entendimentos para o Departamento de Neuro-Psiquiatria da Associação Paulista de Medicina, afim de realizá-lo em conjunto, e convidar o Dr. Annibal da Silveira para nos ministrar as aulas, dessa maneira prestigiando o nosso curso.

Temos a impressão que, quando conseguindo realizar esses dois cursos, teremos preenchido plenamente as funções do cargo que recebemos em confiança.

Milton Zaidan

NOSSO COMENTARIO

Consideramos programa de trabalho do Departamento de Psicologia e Medicina Psicossomática muito escasso. Sugerimos a sua direção, que organize maior número de cursos, especialmente cursos de interesse geral. Além da apresentação de cursos pensamos que a ação desse Departamento não deve se restringir à isso; campanhas e publicações que eduquem guiem tanto o estudante como médico, mostrando-lhe a importância e a necessidade da melhor aplicação da medicina Psicossomática à vida prática é algo que deve ser feito. Outra idéia seria a de se organizar visitas aos principais manicômios centros especializados, sob a orientação de professores competentes; com isso procurar-se-ia mostrar aos colegas o que vem sendo feito, nesse campo, em São Paulo e, o que se deveria fazer para colaborar apoiar aqueles que por isso lutam.

NOSSA TESE... → Conclusão da últ. pág.

orige ao facultativo, o qual, conforme acordo previo com U. E. E., fará a consulta, indicando os exames necessários. O estudante comparece ao laboratório proprio da U. E. E., onde trabalham estudantes de Medicina Químicas, nomeados por concursos e orientados por profissional medico, onde serão feitas, por preços minimos (gratuitamente se necessario) a, análises e pesquisas pedidas pelo medico. Da posse dos resultados, o estudante fará nova consulta, receberá a receita e a mandará na Farmacia do Estudante da U. E. E., em serviço gratuito.

Caso seja necessaria a internação, esta ser; feit em hospitais que tiverem asinado convenio com a U. E. E., inclusive Hospital das Clinicas, de modo que mais uma vez o estudante pague de acordo com as suas posses, sendo restante coberto pela U. E. E., através de verbas para isso conseguidas. »

MEDIDAS CONCRETAS

Para tornar uma realidade a Assistencia Medico Hospitalar ao Universitario, foram propostas e aprovadas pelos congressistas as seguintes medidas concretas:

«1.0) Que a União Estadual dos Estudantes crie um Departamento de Assistencia Medica, subordinado à Secretaria de Assistencia, dentro das letras «a» e «f» do artigo da Constituição dos Estudantes Paulistas.

«2.0) Que este Departamento: — a) seja dirigido por uma comissão executiva, da qual façam parte academicos de Medicina; b) estude detalhadamente as propostas seguintes, maneira de melhor executá-las, e outras, que porventura surjam no mesmo sentido; c) para conseguir consultas gratuitas, envie circulares a todos os medicos de São Paulo, pedindo um certo numero de consultas anuais ou mensais, para os universitarios apresentados pelo Departamento; d) organize um fichario por especialidades e por bairros dos medicos que responderem afirmativamente; e) entre em contacto com os Centros de Saúde, para obter serviços para os seus apresentados; f) para conseguir exames rotineiros de laboratorio a preços acessiveis: — procure conseguir, junto aos poderes

publicos e entidades particulares a verba necessaria para a montagem de um laboratorio proprio, entregue a direção desse laboratorio a um medico especializado, nomeando os seus auxiliares e tecnicos por concurso entre os academicos de Medicina; procure junto aos laboratorios de análises particulares oficiais; g) para conseguir medicamentos: — dirija-se aos laboratorios farmaceuticos que, conforme inqueritos por nós realizados mostram-se favoraveis ao fornecimento de cotas mentais gratuitas; h) para conseguir internação a custo razoavel ou gratuita: — procure firmar convenios com Hospital das Clinicas e hospitais particulares, de modo a conseguir redução razoavel para a diaria de internação nestes; consiga verbas das Reitorias, poderes publicos e particulares para cobrir as despesas de internação nas bases do item anterior; avalie as possibilidades economicas de cada estudante em contribuir para a sua internação, de acordo com as verbas disponiveis pelo Departamento.

«3.0) Que a comissão executiva procure se inteirar do projeto do professor Rafael de Paula Sousa de assistencia integral ao universitario, estudá-lo, aproveitando, na medida do possivel, as suas sugestões.

«4.0) Que se aproveitem todos os serviços da Reitoria da U. S. P., nesse sentido.

«5.0) Que se iniciem imediatamente os trabalhos em torno das questões de consulta medica e farmaceutica, por serem independentes do auxilio dos poderes publicos.

«6.0) Que se estude junto às Faculdades do interior as possibilidades de se estender essas realizações, beneficiando os seus estudantes.

«Intentamos atingir, assim — diz a proposição — três finalidades: 1.a) — contribuir para a solução do problema de assistencia medico-hospitalar ao universitario; 2.a) — dar oportunidades para que academicos de Medicina trabalhem em sua especialidade (laboratorio, serviço de triagem), bem como estudantes de Quimica; 3.a) — incentivar o espirito de colaboração entre academicos de todas as escolas universitarias, dando mais um passo para a sua união efetiva e integral, como classe culta, capaz e independente».

Já é muito conhecida a facilidade com que os estudantes, qualquer que seja o curso que estejam fazendo, obtêm uma série de regalias junto a várias agremiações e sociedades. Alia-se a esse fato, a natural curiosidade do homem em querer conhecer outros lugares, outra gente. Se houver oportunidade de se poder visitar um lugar que seja diretamente ligado à futura profissão do então estudante, o interesse será bem maior.

Vamos a tudo isso, juntar um convite para se visitar uma cidade bem desenvolvida, cujo povo é de nível intelectual bastante elevado e que possua uma Faculdade de Medicina.

«Show Medicina» é o feizardo. Os artistas integrantes da «panela» mais interessante da Faculdade foram convidados para dar um show em Ribeirão Preto, cidade que reúne todas as qualidades assina'adas acima.

Lembramo-nos das viagens já feitas. Garça, Bebedouro, Piracicaba e outros lugares passaram pela nossa mente. Recordamo-nos da recepção, passeios, bailes, churrascos e outros divertimentos a nós oferecidos. Recordamo-nos também (não era possível deixar de assinalar esse fato), do Show. Encontramos sempre apoio e ótimas platéias. Com tudo isso presente no campo de nossa consciência, resolvemos «topar a parada.»

Não vou falar da viagem, pois os únicos culpados por ela são os dirigentes da Companhia e o «dono» das estradas.

Sexta-feira, dia 7 de maio de 1954. Chegamos a Ribeirão

UMA «VIAGEM»

MILTON ZAIDAN

Preto às 14 horas, aproximadamente. Fomos conduzidos, por um ônibus especial, até a Faculdade, onde ficaríamos hospedados. Lá chegados, verificamos que iríamos ficar na quadra de bola ao cesto (lembrei-me dos «rachas» da «Med»). As camas eram novas e, portanto, deviam ser armadas. Começamos a ter uma idéia do que nos esperava. Não haveria nada de mal nesse fato se não ocorresse um pequeno contratempo. Ao terminar de arrumar a minha cama, co'oquei sobre a colchão que me estava destinado e verifiquei que, se quisesse dormir sem ser muito incomodado pelas curvas (por sinal), super-duras), do colchão teria que nele esculpir a forma do meu corpo a martelo. Assim procedi. Ao dormir, à noite, verifiquei que não poderia me virar na cama, senão nada teria adiantado o trabalho que tive com o martelo. Em resumo, fiquei sujeito a acordar com escaras de decúbito.

Meus filhos, isso não é nada perto do que aconteceu. Tivemos uma recepção super-gelada. Várias pessoas, já nossas conhecidas, ou porque estudaram conosco, ou porque já prestaram exame vestibular na Faculdade de São Paulo, passavam a nosso lado sem nos cumprimentar. Para que nos fôssemos mostrados o recinto e instalações da Faculdade, tivemos que contar com a boa vontade de um «ca-

louro» (que como todos os «bichos» é verdadeiro adorador da Escola a que pertence).

Sexta-feira, 7 de maio de 1954. Já são 20,30 horas. Está próximo o início do «Show Medicina» Corre-corre atrás do pano. Todos excitados e angustiados frente ao desconhecido — a platéia — que tanto pode ser amiga como nossa inimiga. Começou o espetáculo. Os artistas entram em cena. Começa o primeiro número e na'ca de sermos gratificados com as risadas do público. Assim se passam varios números, até que em certo momento, percebemos risos na platéia. Era um de noscos colegas, fantasiado de «gangster» e que, com voz fina pedia: — «Quero uma Coca-Cola» Alguns numeros mais e novamente o silêncio foi quebrado por risadas, mas, coisa estranha, as risadas se faziam em ondas. Verificamos então a causa da falta de risos por parte da platéia. Um dos espectadores conseguiu (Oh! milagre!) entender uma das piadas. Comunicou ao vizinho o seu pensamento, e esse ao outro vizinho e assim, como uma corrente elétrica que se propaga, todos ficaram aptos a entender a piada, resultando as risadas em ondas.

Depois de tal Show só havia um jeito. Era ir ao botequim mais próximo, «encher a cara», voltar à «hospedaria» para realizar uma partida de bola-ao-cesto.

Sábado, dia 8 de maio de 1954. Vinte e uma horas. Vinte e duas horas. O baile programado para as 9 horas da noite já estava um bocado atrasado. Depois de algumas horas mais de espera, os colegas que tiveram «paciência» para esperar resolveram o problema dançando entre si ao som da orquestra que afinava os seus instrumentos (todos instrumentos de sôpro, por sinal).

Nesse ponto, tomei o ônibus e voltei para São Paulo, parando no caminho afim de comer um sanduiche porque passar dois dias comendo a «boia» oferecida a nós foi o suficiente para várias lipotímias.

Se lhe acontecer, colega, que:

- ao estar examinando um doente, uma enfermeira o perturbe;
- ao servir-se da refeição no H. C., a copeira servi-lo com a maior má vontade e desprezo deste mundo;
- ao estar no refeitório, ainda do H. C., às horas de refeição, vários pares de olhos estiverem seguindo-o e vigiando;
- se um dia você estiver morrendo de dor de cabeça, e correr todas as enfermarias, implorando um comprimido de analgésico, e em todas ser sumariamente «podado»;
- se quaisquer destas circunstâncias ou situações se lhe depararem um dia, pobre e infeliz colega, não se aborrea;

APENAS PREPARE O ESPÍRITO PARA OUTRAS PIORES.

Falam elas

A inspiração é uma daquelas coisas que a gente ouve falar que os poetas e escritores têm, mas que quando se precisa dela, ela nunca nos aparece. Este é o meu caso. E esta é a primeira vez que me encontro nesta situação, pois antes não tivera esse problema, o de escrever um artigo para o jornal de nossa escola.

Já que o faço, procuro fazê-lo bem. Não tenho por fim fazer críticas ou dar conselhos. Viso somente fazer um comentário sobre a nossa vida de estudante, e para tal quero tomar como modelo a minha. Se alguma coisa estiver errada, isso é erro sou eu.

Gosto de minha condição de mulher e de minha condição de estudante de medicina. Acho que são duas situações completamente independentes uma da outra e que mesmo nos momentos mais árduos de nosso estudo cabe muito bem a presença da mulher. Não sou feminista e nunca fui feminista: gosto de defender minha classe simplesmente porque os homens adoram atacá-la.

A garota que estuda medicina pode ser tão coquete quanto a mais feminina das evas. Mas é lógico que ela deve saber quando ser coquete e quando deve permanecer integrada corpo e alma no mesmo «bloco» de estudo de seus colegas rapazes.

Quando se entra na escola é porque se tem um certo «limiar» de inteligência e conhecimento das coisas. Pelo uso da sua inteligência pode a estudante discernir bem para aplicar ora a sua personalidade de pesquisadora, cientista, cirurgiã ou clínica, ora a sua «máscara de mulher fatal...» E isso de modo algum vem prejudicar o seu estudo: há tempo para tudo. Pode-se praticar toda sorte de esporte (quer pelo prazer do esporte em si, quer visando conservar a plástica), estar em dia com todos os programas de cinema, ir às festas, reuniões e chás sociais.

E não me venham dizer que não se pode dar uma boa médica! É só saber temperar um pouquinho as coisas: há tempo bastante para estudo e pesquisa. Além do mais todas nós temos idealismo (algumas vezes latente) mas sempre evidenciado pelo fato de termos lutado mais de uma vez e nunca desistido de entrar nesta escola. Se nos esforçamos nessa ocasião porque não haveríamos de nos esforçar também e mais ainda agora que nos encontramos tão próximas de nosso objetivo, de nosso ideal?

JUANITA.

Acontecimentos do mês

Uma data. Uma homenagem

Dia 25 de abril de 1954; uma data; talvez nada venha ao nosso espírito; mas, reportando ao passado, lá encontramos: dia 25 de abril de 1914 — aula inaugural proferida pelo prof. Alfonso Bovero, no início do curso das cadeiras de Anatomia e Histologia, na recém-fundada Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo.

Quarenta anos passados, vendo os frutos daquela semente lançada há tempo, temos necessidade de algo mais aqui prestar que não somente uma homenagem; é antes um tributo da atual geração àquela que em sua época e até hoje representa um gigante, gigante êsse invencível da escola morfológica.

Disse, acima, «frutos daquela semente», fazendo minhas as palavras do prof. Bovero: «Mesmo se devesse deixar amanhã, pelas inevitáveis leis da vida e da morte, a minha ação direta no Instituto sob meus cuidados, tenho a certeza tranqüila de deixar uma filiação espiritual digna, mesmo melhor, pela capacidade intelectual, pelo fervor de honesto trabalho, pela consciência do dever de cada um dos seus componentes para com a vossa Pátria, à qual sinto que, ao menos em parte, pertencem também eu, para com uma coletividade cuja participação pujante atual e futura no progresso humano é uma das mais firmes certezas de todos nós».

Segundo referências de seus discípulos, o prof. Bovero era caracterizado por um aspecto rude e quase agressivo, mas sempre deixando transparecer o seu coração imenso:

«Nos longos períodos de intenso trabalho didático ou de pesquisa, é o meu velho glorioso país e a lembrança do meu «natio borgo selvaggio» que afloram a miúdo, pela atrativa humana do fruto proibido, à minha memória, e vibram como estímulo em todos os recantos de minha carne mortal. Depois, quando, por breves períodos, como fugazmente, ao lado de companhia eleita da vida afetiva mais intimamente minha, acariciar as cabecinhas pensativas das minhas filhinhas, a visitar um minúsculo cemitério onde dormem sono sem despertar tantos meus caros, então se apodera de mim uma saudade impaciente, particular, um desejo urgente, permanente e ansioso, não só da nossa cidade, das nossas praias, das nossas colinas, dos nossos campos matas, vibrante como harpas pousando ao sopro passante da atividade humana, ou da forças ad natureza, mas também o prevalentemente da quietude operosa do Laboratório Paulista de Anatomia, daquele primitivo e inesquecível da Rua Brigadeiro Tobias, ao da Rua Teodoro Sampaio, e, por fim, ao confortável e mesmo luxuoso de hoje.

Sua memória paira hoje sobre nossas cabeças e nós, invejamos tanto tempo depois, quem, por conhecimento de causa, escrevia:

«Suas lições não são, apenas um enunciado inexpressivo de fatos, uma fria exposição da matéria a tratar. São verdadeiras obras de artista, talhadas pelo pensamento, mas aquecidas pela paixão».

Bovero não morreu; seu espírito permanece, sua figura rude, impassível, persiste como um exemplo para a nossa e as futuras gerações.

Professor Liberato J. A. Di Dio

Acaba de conquistar brilhantemente a cátedra de Anatomia da Faculdade de Medicina, em Belo Horizonte, o Prof. Liberato Di Dio.

O Dr. Di Dio, que foi assistente na Faculdade de Medicina da USP durante 8 anos, junto ao Prof. Renato Locchi, completou o curso Médico nessa Escola em 1945. Ainda estudante, foi monitor voluntário da Cadeira de Anatomia, sendo, depois de formado, sucessivamente assistente extranumerário e assistente oficial da cátedra.

Em princípios de 1953 foi o Dr. Di Dio convidado para organizar a cadeira de Anatomia Topográfica da Faculdade de Ciências Médicas de Belo Horizonte, recém-fundada, aí permanecendo durante um ano.

Em abril de 1954, prestou concurso para Professor Catedrático de Anatomia Descritiva Topográfica, agora na Faculdade de Medicina da Universidade de Minas Gerais, mantida pelo Governo Federal. Foi o Prof. Di Dio, candidato único inscrito, tendo obtido grau 10 (dez) em todas as suas provas.

Acontecimentos do mês

Esteve em São Paulo o descobridor da Penicilina. Este famoso cientista visitou nossa Faculdade, onde proferiu uma palestra sobre a descoberta e evolução da Penicilina. Este pesquisador mostrou-se vivamente impressionado com o Laboratório de Isótopos que funciona em nossa Faculdade dirigido pelo Dr. Ted Eston e com o Butantan.

PROCURA-SE

Procuramos um redator para a Seção Humorística que deverá englobar humorismo, charadas, palavras cruzadas, caricaturas, curiosidades, etc.. Será você, amigo leitor?

No "O Bisturi" há oportunidade para você colaborar com o C. A. O. C. Se tem boa vontade, compareça às reuniões do Conselho Redatorial.

FILOSOFIA E ARTE

Filosofando... contra a mulher

- 1) O maior agravo que se poderia fazer a uma mulher, seria pregar-lhe com alfinetes nas costas a certidão de idade.
- 2) Sem as mulheres os homens conversariam com os deuses.
- 3) Vale mais a loucura de um homem do que o juízo da mulher.
- 8) As mulheres manejam os homens como os bons jogadores de xadrez manejam os piões; não tocam num, sem terem a vista fixa noutro, que pode dar melhor resultado.
- Obs.: Atenção namorados! meditei bem neste tema.
- 9) As mulheres são demônios que nos fazem entrar no inferno pela porta do paraíso.
- 10) Temei o amor de uma mulher, mais do que o ódio de um homem.
- 11) As mulheres aprenderam a chorar para melhor mentir.
- 12) Há só duas mulheres boas no mundo: uma, que já morreu; outra, que não nasceu ainda.
- 13) A mulher mais amorosa tem sempre um segundo amor a caminho do coração. Obs.: Conforme os namoradinhos que passaram pela amarga experiência.
- 14) Entre mil homens encontrei uma bom, e entre todas as mulheres, nenhuma.
- 15) Bonitas ou não, as mulheres pouco valem; feias, fazem mal ao coração; bonitas, fazem mal a cabeça.
- 16) Preferentemente casaria com mulher pequena, pondo de parte a grande, pela razão, que entre dois males, devemos optar pelo menor.
- 17) Deus na sua Divina Providência, não deu barba as mulheres pois que lhes seria impossível estar caladas enquanto as barbeassem. Obs.: Este tema exclui, é claro, as mulheres com hipersecreção da cortex da suprarrenal.

a) Linneu Marcos Linardi

Encarar a realidade frente a frente. Não procurar a linha de menor resistência. Chamar as coisas por seu nome.

Dizer verdade por amarga que seja.

Reconhecer e aplaudir o justo o bom.

Agir com independência de preconceitos e interesses pessoais.

Ser escrupuloso no julgamento.

Ser audaz na hora de ação.

São algumas das normas que O BISTURI pretende seguir, e imprimir a todo movimento estudantil.

Um autor: Balzac Uma obra: "Père Goriot"

JOSE' KNOPLICH

Se houver alguém que conheceu o pensamento moderno, e penetrou nos últimos recônditos de alma humana, êste foi, sem dúvida, Honoré de Balzac.

Balzac foi para o espírito o que Vesale foi para o corpo: seu anatomista.

Ele não somente retratou todos os tipos da gama social, como também criou personagens marcantes, não somente criticou os costumes, como também analisou todas as profissões; enfim, foi como alguém já o chamou: "O historiador do espírito moderno".

São muito conhecidas as descrições do usurário Gobseck e do aventureiro Vantrín, além de suas criações máximas, que foram "A mulher de 30 anos" e o "Père Goriot".

Tamanha foi a diversidade de tipos, tão grande foi o número de personagens por êle imaginado, que o escritor francês J. Rivière exclamou: "Eis alguém que criou um mundo! Eis um alucinado!" Positivamente, não se concebe de outra forma Balzac. Seria difícil filiá-lo a determinada escola literária. Êle foi tanto realista como romântico, apesar de que isto possa parecer paradoxal.

Foi Romântico quando procurou libertar-se dos domínios da Razão, fazendo os seus personagens viver aventuras inverossímeis. Foi Realista quando explorou os mais íntimos pormenores do caráter de um indivíduo dentro do seu meio, dentro de seu ciclo familiar.

Menos pesquisador do que Dostoiévsky na pintura de um tipo humano, era no entretanto maior conhecedor do que o escritor russo, da constituição da sociedade. Sua filosofia é mais suave, mais irônica, não é como a de Dostoiévsky, doentia e acabrunhada, apesar de serem contemporâneos.

Balzac pretendeu fazer uma "História Natural" da sociedade do século XIX, e só foi impedido pela sua morte prematura em pleno trabalho. Aos 55 anos, em 1870 morreu Balzac, deixando suas obras reunidas sob o título de "Comédia Humana".

Com esta exuberância, Balzac pouco podia cuidar do estilo, a semelhança destes autores que passam a sua vida procurando a posição mais acertada de um adjetivo. Seu estilo tem muitos erros, muitas vezes descreve com muitas particularidades certas passagens, outras vezes se detém em demasia em certas situações, mas analisando a sua grande obra, não se pode exigir de Balzac mais do que fez e escreveu.

Dentre todos os temas tratados na "Comédia Humana", principalmente dois chamam a atenção: a Mulher e a Família.

Se bem que o primeiro é tratado com mais detalhe, o segundo é feito com mais frequência, e êles estão presentes na textura de qualquer obra de Balzac.

Ê' muito conhecida a concepção que Balzac fazia sobre o amadurecimento moral, cultural e fisiológico da mulher, admitindo que isto se dava aos 30 anos. Juntamente com a mulher, procura tratar do Casamento, instituição que na sua época estava completamente desmoralizada.

E em consequência disto o inevitável aniquilamento da Família.

A relação entre pais e filhos, entre irmãos e irmãs, parece que havia desaparecido, e o "Père Goriot" procura apresentar êste problema.

Ê' a família despedaçada que procura guardar no pai todos os

sentimentos de renúncia e abnegação, coisa pouco comum na literatura, onde sempre à mãe cabe êste papel.

"Os pais, para serem felizes, devem dar. Dar sempre! Assim é que se é pai", afirma "Père Goriot".

"Père Goriot", que enriqueceu durante a revolução de 89, após perder a esposa transferiu o seu devotamento para suas duas filhas.

Com os mimos estragou-as, com dinheiro casou-as com fidalgos.

Depois de liquidados os negócios, transfere-se para uma pensão. Ambas as filhas, obrigadas pelos maridos, o repudiam publicamente, mas em segredo continuam a tirar-lhe dinheiro.

Acaba morrendo na miséria e sozinho, porém acreditando na sua missão: "A sociedade e o mundo baseiam-se na paternidade. Acaba-se tudo se os filhos não amam os pais".

Êste tema simples e mais tóda a série de peripécias que posam os habitantes da pensão e os frequentadores dos salões mundanos, fazem de "Père Goriot" uma obra marcante dentro da "Comédia Humana".

E dentro de Literatura Universal, representa a epopéia da paternidade, além de um retrato fiel da época turbulenta que se seguiu à grande Revolução de 89.

FILOSOFIA E ARTE

Esta secção saiu reduzida, neste mês, por absoluta falta de espaço, apesar das 20 páginas.

Nos próximos números procuraremos apresentar «Filosofia e Arte» com artigos sobre Música, Literatura e Filosofia, desde já aguardamos colaborações.

Departamento Feminino

Duas coisas foram dignas de nota neste último mês: o completo sucesso da Campanha das Plantas e a decisão a respeito da famosa Biblioteca Científica. Em 1944, graças a uma doação do Dr. Samuel Ribeiro, foi fundada a Biblioteca Mme. Curie, do Departamento de Estudantes, Seção de Medicina, da União Universitária Feminina. Essa Biblioteca teria por finalidade fornecer às moças estudantes de medicina maiores facilidades de estudo.

De início, tal Biblioteca funcionou no Departamento Feminino. Mais tarde, tendo o C. A. O. C. tentado anexar essa Biblioteca,

Depois de seguidas reuniões e discussões, ficou aprovado pela maioria, neste ano, que a Biblioteca Mme. Curie voltará ao D. F., desde que o Prof. Cavalcanti e o Presidente da C. A. O. C. estão a par do assunto e concordaram. Assim sendo, tal Biblioteca já se acha em fase de instalação nas estantes do Departamento.

Cleonice Mazzilli
Secretária

LEMBRETE

Quando um homem aceita como necessário um fato de violência, em que a vida de outro homem pode ser destruída ou lesada, só aceitando sobre sua própria pessoa o preço dêste ato, pode achar um mínimo de justificação.

ALBERTO CAMUS
(No "El Estudiante Libre", Mayo 53).

NOVATROPINA

Laboratório **STEG** Sintético

FILINASMA

Relatório da Liga de Combate à Sífilis

Permitam-nos algumas palavras à respeito do autor deste relatório. Friedrich Simon é um colega que mal deixou a categoria de calouro. É aluno da Faculdade há pouco mais de um ano, mas já fez pela nossa comunidade que muitos veteranos que já frequentam o H. C.. Em mais de um departamento do C. A. O. C. já se pode observar alguma coisa feita por ele.

Apenas pela leitura deste jornal pode-se constatar o que afirmamos: com a apresentação deste relatório e do da Liga de Combate à Tuberculose, aliás, muito bem feito, colabora ele de uma maneira inestimável para com estes dois departamentos tornando conhecidos seus problemas e a necessidade de cooperação de todos os colegas para com eles; e também para com "O Bisturi" tornando possível levar adiante a seção "Vamos ver o que eles farão".

Apresentamos um voto de louvor ao colega e outro para que ele continue sempre assim.

ABRIL-MAIO DE 1954

No mês de abril p. p., começaram a frequentar os Postos de Tratamento da L. C. S., os novos colegas do 1.º ano, que tiveram ocasião de presenciar a homenagem prestada ao Prof. Aguiar Pupo por ocasião de seu Jubileu. Nessa solenidade, tiveram oportunidade de ouvir, na palavra do colega Câmara e do Professor, um retrospecto das atividades passadas da Liga, e uma síntese das dificuldades por que passa e dos planos de seus colaboradores. Foi servido nessa ocasião um lanche aos estudantes e médicos presentes.

Os primeiro-anistas, sob a orientação dos colegas mais experientes, estão frequentando as diversas seções pelo novo sistema de rodízio, instituído pela nova Diretoria.

Comunicamos que a Liga receberá com prazer a colaboração de qualquer colega da Faculdade, devendo os interessados comparecer aos domingos pela manhã ao Posto Arnaldo Vieira de

Carvalho, no Ambulatório Conde de Lara da Santa Casa de São Paulo. É notória e lastimável a falta de interesse dos "Veteranos", sendo os internos da Liga quase que exclusivamente do 1.º e 2.º anos.

Com as devidas desculpas, comunicamos que a Diretoria da Liga publicará, de 2 em 2 meses, no "O Bisturi", um balanço de seu movimento Financeiro, bem como do movimento de doentes, atendidos e internados. Por ora, comunicamos que, em maio, recebemos a verba de Cr \$ 2.900,00, correspondente a 50% da quantia coletada na Passeata dos Calouros de 1954. Entretanto, as verbas governamentais, já votadas, ainda não nos vieram beneficiar. Dêsse modo, a maior dificuldade continua a ser, ainda, a premência financeira, sendo que as despesas mensais da Liga, atualmente, atingem cerca de Cr \$ 2.200,00. Para solucionar esta questão, está a Diretoria empenhada em conseguir auxílio monetário de instituições particulares, tendo inclusive conseguido, de S. Excia. o Governador do Estado, promessa de fundos por intermédio dos órgãos competentes. O Prof. Jairo Ramos, do Conselho de Medicina Social do Estado, deverá ser visitado por uma comissão de estudantes, afim de se conseguir uma verba para tôdas as entidades de assistência mantidas pelo CAOC.

Mais uma tentativa será feita este mês, junto ao Jockey Club de São Paulo, cuja Diretoria talvez se prontifique a nos auxiliar brevemente.

Os serviços da Liga foram ampliados, para atender agora aos doentes vítimas de parasitoses, cujo tratamento já está sendo feito, estando o Laboratório da Liga realizando grande número de exames. Aumentaram assim as possibilidades de sobrevivência da Liga, ameaçadas pelo abrandamento da endemia luética. Ao mesmo tempo, os alunos do Curso Básico têm maiores oportunidades de praticarem, no Laboratório e na Clínica, antes de frequentarem as aulas correspondentes do currículo.

Friedrich Simon

Refeição no H. C.

Os alunos compareceram à reunião do Conselho do H. C. — Negada redução por argumento jurídico

Apresentamos aos colegas que fazem refeições no H. C., uma síntese das atividades do colega Waldemar Dubieux junto à Administração do Hospital, com o objetivo de obter redução no atual preços das refeições.

Há mais ou menos mês e meio, acompanhado por vários colegas, dirigiu-se ao sr. Administrador do H. C., Dr. Enéas Carvalho de Aguiar, a quem expôs, com o apóio das palavras dos colegas, a dificuldade financeira em que se encontravam alguns alunos da Faculdade, que faziam suas refeições no H. C., ao mesmo tempo que pleiteava a redução do preço da refeição, que, repentinamente, passara de dez para quinze cruzeiros. Para tanto, o grupo de alunos apresentou uma série de justificativas.

O Dr. Enéas fez ver que só ao Conselho de Administração cabia resolver sobre o assunto. Sugeriu, então, que o Centro Acadêmico Oswaldo Cruz requeresse ao Conselho nesse sentido.

O requerimento foi feito e, ainda mais, fez-se acompanhar de um abaixo-assinado com cento e dez assinaturas.

Secretaria do Centro Acadêmico "Oswaldo Cruz"

O colega Adelôncio Faria de Santana, secretário do CAOC, em resposta a nova orientação de "O BISTURI", enviou-nos o relato das atividades da Secretaria, o qual transcrevemos:

— "Dentre as inúmeras cartas que se encontram na Secretaria do COAC, de interesse imediato para os alunos, só destacamos o relatório da Reitoria, sobre o convite feito pela Federación de Estudiantes de la Universidad Católica de Santiago (Chile), ao Corpo Discente da Universidade de São Paulo, para que o mesmo participe do Festival Universitário de las Artes, em Junho próximo. A Presidência do CAOC está tomando contacto com a referida Federação neste sentido.

As demais correspondências se referem a comunicados de posse de Diretoria das diversas agremiações do país, o que julgamos desnecessário tratar aqui.

Outras cartas dizem respeito a outros departamentos, para os quais foram encaminhados, inclusive à Presidência, no que diz respeito à Tesouraria, pois tratam-se de contas, ofertas de dotações, etc., o que compete às referidas seções e não a Secretaria relatar.

Recebemos também, um comunicado, da Superintendência das Clínicas, que foi encaminhado ao sr. Presidente do CAOC, informando que não é possível atender à nossa solicitação de redução nos preços de refeições, no refeitório daquele nosocômio".

NOSSO COMENTÁRIO

— A direção do "O BISTURI" congratula-se com o colega Adelôncio, pela boa vontade e solicitude com que respondeu ao nosso Jornal, e pela elevação de espírito e compreensão diretiva ao dar satisfação de suas atividades aos associados em geral, ao mesmo tempo, como temos observado que os serviços de Secretaria mais não têm sido que uma sucessão de providências burocráticas, sugerimos ao colega uma nova conduta no sentido de uma ação supervisora, coordenadora: estimuladora sobre os demais departamentos diretivos. São essas as funções de realce das modernas secretarias.

Após a discussão do assunto, pelo Conselho, este chegou à conclusão de que não seria possível, ao Hospital, conceder a redução pedida, alegando que a refeição, a quinze cruzeiros, era oferecida a preço de custo. Neste sentido, oficiou ao Centro Acadêmico.

Voltou, então, o colega Dubieux, à presença do sr. Administrador, afim de tentar, novamente, através de argumentações fundamentadas e sólidas, a tão necessitada redução. Após alguns minutos de discussão bem crintada, o sr. Administrador sugeriu, ao colega, que, em companhia de mais dois interessados, se fizesse presente na reunião semanal do Conselho, e, pessoalmente, debatessem o assunto.

Assim se fez e, das conclusões a que se chegou, se resumem as seguintes:

O Conselho tem o argumento de que o abaixamento do preço atual não tem base jurídica, pois implicaria em fornecer abaixo do preço de custo;

Os colegas mantiveram as argumentações de que:

A) É pequeno o número de refeições servidas aos alunos, em consequência do que o aumento das despesas não influiria no orçamento mensal do Hospital;

B) Os alunos se servem do refeitório do Hospital por absoluta necessidade.

C) Tendo sido o H. C. constituído com finalidades de ensino não haveria injustiça em que os alunos fossem auxiliados.

O Conselho ficou, em vista destes argumentos, de recorrer ao parecer do Consultor Jurídico a possibilidade de redução.

Será preciso mostrar a necessidade do irrestrito apóio de todos?

É um chiqueiro ou um lavatório?

Com o aumento do número de internos no Hospital das Clínicas os estudantes plantonistas foram desalojados do seu antigo dormitório por imperiosa necessidade da utilização daqueles quartos. Foram suas camas colocadas numa ampla sala em frente às antigas acomodando-se assim da melhor maneira possível a situação. Entretanto esqueceram-se os responsáveis por essa mudança, de providenciar um lavatório decente para que, os plantonistas façam sua "toilette" ao acordar. O pior é que designaram um verdadeiro "chiqueirinho" onde o mau cheiro e a sujeira caracterizam o ambiente, para que ali os mais "corajosos" lavassem seu rosto pela manhã.

Acontece porém que aquele "mau cheiroso" cubículo situa-se ao lado da cozinha e é simultaneamente ocupado pelos empregados da mesma, fato esse que contribue enormemente para o menor asseio do recinto; é uma verdadeira calamidade. Só vindo para crer. Afinal de contas, os plantonistas merecem um pouco mais de consideração sendo deveras lamentável que essa situação persista sem que disso tomem conhecimento a direção do Hospital. Aguardamos providências urgentes nesse sentido, e para isso lançamos através do Bisturi um protesto contra *mais esse pouco caso*, entre tantos de que vem sendo vítima o estudante de medicina, dentro do Hospital das Clínicas da Universidade de São Paulo.

Plantonista

Farmácia do Estudante

Do relatório do colega Raul Couto Sucena, diretor da Farmácia do CAOC ressaltamos as seguintes considerações:

A Farmácia, cuja finalidade é não somente aproximar os universitários dos laboratórios, mas também amparar os colegas dela necessitados, não pode dispensar o eficaz apóio que lhe emprestam os estabelecimentos farmacêuticos, tanto nacionais como estrangeiros, e porisso solicita aos Srs. Diretores de Propaganda de laboratórios que contribuam para a sua manutenção, enviando-lhe amostras grátis, publicações e literatura. Apela também aos Srs. propagandistas e colegas de nossa Faculdade que intervenham junto aos diretores de propaganda de seus laboratórios em favor da Farmácia do Estudante.

Outrossim, a farmácia agradece aos laboratórios que colaboraram e cujos nomes seguem:

- Eli Lilly & Co.
- E. R. Squibb & Sons do Brasil, Inc.
- Produtos Químicos Ciba S. A. Instituto Pinheiros.
- Laboratório Paulista de Biologia.
- Laboratórios Silva-Araujo Rousel S. A.
- Produtos Farmacêuticos Milliet-Roux Ltda.
- Sandoz-Produtos Químicos e Farmacêuticos.
- Produtos Químicos Labrapia. S.A.C.I.P.A.
- Laboratório Climax Ltda.
- Winthrop Products Inc.
- Produtos Lafi.
- Laboratórios Enila S. A.
- Park-Davis & Co.

Resumo do movimento da Farmácia à partir de 24 de Março de 1954. Número de pessoas beneficiadas com remédios:

Março	16
Abril	44
Número de amostras fornecidas:	
Março	61
Abril	253

Número de laboratórios aos quais foram enviadas cartas solicitando colaboração, 69.

RAUL COUTO SUCENA
Diretor da Farmácia

Por tudo isso só podemos julgar eficiente trabalho do colega Sucena na direção de tão importante Departamento.

Parabéns... mas não se esqueça, continue.

Este "Bisturi" não é ainda o que pretende ser

Porque sua finalidade é um ideal. E como tal nunca será atingido plenamente.

Assim como o bisturi do cirurgião, o nosso Bisturi realizará "milagres" extirpando tumores, rasgando abscessos, corrigindo anomalias e deformidades, preparando o terreno para a cicatrização perfeita, para o funcionamento harmonioso.

Na busca da perfeição "O Bisturi" poderá criar novas técnicas, melhores vias, accessorar-se de instrumental variado, mas não fugirá a sua diretriz básica:

Cortar o erro, corrigir o engano, aperfeiçoar o certo.

Use o "Jornal Mural", caro colega. É seu direito.

Nas diversas "Ligas" do C.A.O.C. há muito trabalho útil para você e para o povo.

NA PRÉ-HISTÓRIA O HOMEM JÁ ERA ASSIM!



Gente inexpressiva

Desde há muito ouvia falar com respeito da classe estudantil. Era a gente de amanhã, a pátria de amanhã.

E, ginásiano ainda, enchia-me de orgulho ao imaginar-me, um dia, um pedacinho da inteligência da pátria. Hoje lamento o ginásiano que fui. E lamento o universitário que sou, quando lamento a classe a que pertencço. E lamento ainda que esta pátria, infantilmente velha, esteja fadada a ser governada por nós, que a desconhecemos.

Nós somos o Brasil de amanhã... Incrível, mas horrivelmente verdadeiro. Que se poderá esperar duma gente inexpressiva, alheia a tudo que não seja ela mesma? Dessa gente que considera a dinâmica da vida como um movimento rotacional em torno de si? Dessa vasia gente universitária?

Urge que saibamos que antes de universitários, somos cidadãos de uma pátria desorientada. Urge que nos lembremos que os nossos problemas não se podem resumir a sabatinas rotineiras ou a torneios esportivos; ou 1 bailes de calouro, de Maio, e do nem sei mais o que. Os nossos problemas são todos. É nosso o problema de uma administração má. São nossos os problemas sociais. O desemprego e a fome, as politiquices e os politiquieiros, os escândalos que se conhecem e que se não conhecem, tudo é parte de nossa vida. Devemos interessarmo-nos por esses problemas. Não dizermos, pura e simplesmente, da canalhice e da sem-vergonhice dos homens públicos. Mas tomarmos posições honestas sobre os fatos que nos cercam.

Enquanto julgarmos que nossa finalidade é uma profissão liberal, somente, e nos esquecermos que somos cidadãos de uma pátria, (que será amanhã mais intensamente nossa), não temos direito a aspirar o título de homens de amanhã.

Tal é a nossa inexpressividade, que chego a duvidar que as instituições estudantis sejam o retrato de nossa classe. O que significam, por exemplo, a UEE e a UNE? Serão o resumo de nossas pretensões, ou das pretensões que deveríamos ter? Não sabemos. E, parece, não queremos saber. Que ela fale por nós ou que falem por nós os outros. Disso resulta que, nem sempre, as decisões que nascem lá, sejam as nossas decisões. E ninguém pode criticar, pois ninguém faz nada por construir.

Quando sinto a realidade desses fatos, tenho pena da decepção que proporciono ao ginásiano que fui. E, muito em segredo, gostaria de lhe dizer que, não poucas vezes, desejaria ser ele outra vez. Então eu pensaria, ingênua mas orgulhosamente, que eu seria um pedacinho da inteligência da pátria.

J. C.

Rebuscando o passado

Primeiro Vestibular da Faculdade: 160 candidatos

Para este número, rebuscando o passado, retiramos excertos dos Anais da F.M.U.S.P., Vol. I, 1926. Na Escola de Comércio Álvares Penteado, primeira sede da Faculdade de Medicina, teem lugar as primeiras inscrições para exame de admissão, de 14 a 21 de fevereiro (1913), contam-nos os Anais. Os referidos exames se processam a partir de 17 de fevereiro. Inscrevem-se 160 candidatos, conseguindo aprovação 72.

Em 1913 funciona apenas o ano único do curso preliminar. Dos 180 alunos matriculados, mantem-se na Escola até o fim do ano 70; 58 perdem o ano por faltas e 52 suspensos por indisciplina.

BALANÇO "TRÁGICO"

Dos 70 alunos que se apresentam aos exames finais, 34 são aprovados e 36 reprovados. Vem então:

A EXPLICAÇÃO DO ARNALDO

No relatório dirigido pelo Diretor (Arnaldo) ao Secretário do Interior (Altino Arantes), a cujos negócios estava subordinada a nova escola, explica o insigne mestre do seguinte modo este resultado: — "Como V. Excia. vê, foi enorme a porcentagem de alunos fracos. E' devido isso ao péssimo preparo secundário dos mesmos, e, é duro dizer, alguns têm mesmo mau preparo primario, como atestam as provas parciais arquivadas".

E' PRECISO REFORMAR O ENSINO

Como se depreende, já em 1913 os cursos gerais não preparavam suficientemente os alunos para as universidades. Depois desse tempo distante já houve miríades de reformas no ensino, mas os nossos legisladores não conseguiram o ideal. Ainda hoje, discute-se na Câmara Federal uma nova reforma no ensino, para coibir tal estado de coisas, que já era tétro-

co em 1913. O curso secundário, em 1954, continua não preparando suficientemente os alunos.

Da nova reforma, crêmos, não é preciso falar, pois ela está na pauta do dia e nos cabeçalhos dos jornais. Apenas se aninha em nosso coração o desejo ardente de que os nossos legisladores sejam inspirados no seu afã e decidam pelo melhor, visando a grandesa de nossa terra.

PRIMEIRA TURMA DE MÉDICOS

Note-se finalmente (Anais) que em 1918, dos 180 iniciados, 27 alunos concluíram o curso...

Éra o desequilíbrio inevitável de um curso em formação, mas que não deixou, ao final, de se destacar e ser grande, concretizando o sonho maravilhoso do nosso sempre venerado Arnaldo Vieira de Carvalho.

Alberto Maria de Luca

PRÓXIMO "BISTURÍ"

Devido aos exames e as férias de julho, o próximo número do nosso jornal deverá sair em Agosto, e para tanto o prazo de entrega de artigos expira no dia 10 daquele mês.

Aguardamos desde já as colaborações.

A organização funcionamento perfeito do C. A. O. C. seus Departamentos devem ser primeiro passo para que os estudantes constituam uma força considerável e útil na Faculdade.

* * *

Pleitear Casa do Estudante, representação direta na Congregação, Restaurante financiado, posição definida no H. C., etc., são direitos do C. A. O. C.

Sonhos de uma noite de verão

Wiliam Nicolau

Pirilampos filiformes pestanejavam pelo ar. A plêiade de estrelas conscientes de suas obrigações, manchavam de luzes o ne-grume conspícuo da noite improvisada. Dominando o espaço, a lua sonolenta, como um sonolento leitor dêste artigo, descansava maravilhosamente no "vídeo" tridimensional de nossa retina.

De longe, chegava-nos indistintamente o som maravilhoso de uma conhecida música indú, tocada por 40 tambores e 72 taquaras. Eu dormia, nós dormíamos. Todos dormiam na sensacional Sala José Orias, obra prima do quarto centenário (?).

O cantor de ébano há 40 anos silencioso entoava sua canção americana (diazzzzzzz...zzz).

Podia-se ouvir o choque das moléculas de oxigênio no espaço, com o máximo de sua energia cinética. Os humanos gotejavam de raiva.

A pobre e mirrada glicose sanguínea baixava sua carbonila, encolhia seus (OH)5 e refugiava-se nos sinusóides hepáticos.

Entrecortados por Δt definidos uma voz uníssônica insistia monotonamente: "acenda a luz", "apague a luz", "acenda a luz", "apague a luz", "acenda a luz", "apague a luz", "acenda a luz", "acenda a luz", (já está acesa!), "então

apague a luz". E nós nos sentíamos como o leitor após ler esse trecho (a exemplificação é o melhor método pedagógico).

Os aprendizes de feiticeiros, narcotizados por um desconhecido alcalóide japonês, esperavam pacientemente a remissão de seus pecados. Os enormes portões da cidade das mil e uma noites jaziam fechados pelo Mágico de Oz.

Súbito os pagens acompanhados por um leitão adentram a sala onde prisioneiros de Zenda, escravos de um ideal esperavam a lei do ventre livre. Tivemos ciência que o Mágico de Oz nos receberia em seu carborato jardim onde ele misturava, flores com fermentos, música indú com microscópio, peixes dourados com maquinarias excêntricas, cadeiras que pairavam obtusamente no ar, palmeiras, geladeiras, micrótomos excêntricos, persianas colúmbia (modenfold), corantes, filmes sobre os sofrimentos de uma célula, "dias positivos" com noites negativas, e uma série de inovações.

Uma única pergunta pairava no ar: o que iria sair desta mistura?

Adotaria o Templo de Hipócrates as idéias do mágico ou ficaria êle como uma pérola no centro de uma ostra?

PARÓDIAS DE ONTEM E DE HOJE

O CICLO DE SCHISTOSOMA

(Música: quem não souber a música informe-se com quem souber)

Neste vaso, neste vaso tem um verme
Que se chama, que se chama Schistosoma.
Dentro dele, dentro dele tem um ovo
Com espinho, com espinho lateral.

Desse ovo, desse ovo já saiu
Rapazinho que se chama miracídio
Foi nadando, foi nadando, até que um dia
Encontrou, encontrou um planorbídeo.

Cercárias, metacercárias
Mamãe diz que a senhora
Perdeu ua linda cauda
E está no intestino agora.

Cercárias, cercarínhas
Vamos todas cirandar.
Vamos pela veia Porta
E cirrose vamos dar.

Cercárias, cercarínhas
Vamos todas infestar.
Vamos fazer granuloma
Cunha Mota vai gostar.

Autor desconhecido.

Departamento da Criança

BIBLIOTECA INFANTIL DO H. C.

O Departamento da Criança recebeu no ano passado 229 peças de roupa para recém-nascido, 5 latas de talco e 515 cruzeiros. Isto permitiu entregar ao Serviço Social do Hospital das Clínicas 11 enxovais completos que serão distribuídos aos recém-nascidos que o necessitarem.

Este ano movimento do Departamento está diminuindo, notando-se pequeno interesse por parte das colegas.

(E quais as sugestões que a direção faz para corrigir esta situação?)

A colega Wandinha está organizando uma Biblioteca para as Crianças do Hospital das Clínicas. O Departamento da Criança apoia inteiramente esta iniciativa e pede a todos os colegas que tiverem livros do seu tempo de infância juventude (até 16 anos) que desistam de guardá-los e tragam-no para essa biblioteca infanto-juvenil que já conta com 150 livros. Já foi conseguido um armário para os livros e um local no 8.º andar do H. C.

Os livros podem ser entregues às colegas dos diversos anos.

Desde já agradecemos a colaboração em nome da criança do Hospital das Clínicas.

S O C I A I S

Última Hora

NASCEU

Enquanto "O Bisturí" nascia na tipografia, a linda menina Sonia Maria, primogênita do casal Nelson-Yvonne Proença, nossos colegas do 4.º e 3.º ano, nascia, na tarde do dia 31 de maio, no 10.º andar do H. C.

As rotativas pararam, e a notícia foi incluída, com os votos de felicidades e os parabens da "Redação", em nome de todos colegas.

Gráfica Editôra Linotype



Celso Mesquita Leite
LIVROS - JORNAIS
REVISTAS
RUA MEM DE SA, 172
Tel. 32-4348 — São Paulo

PRAVAZ, LABORATORIOS S. A.

PRECURSORES DA TERAPÊUTICA À BASE DE METIONINA
NO BRASIL E NA AMÉRICA DO SUL, PELO SEU PRODUTO

"METIOCOLIN"

RUA JANDAIA, 20/30 — São Paulo

— Brasil —

O VI Congresso Estadual de Estudantes

PROGRAMA MÍNIMO ADMINISTRATIVO

I — RECEITA DA U. E. E. E SUBVENÇÕES PARA OS C. A.

A Diretoria deverá providenciar no sentido de que seja expressivamente aumentada a verba consignada no orçamento do Estado para 1954, permitindo a gestão futura uma receita ainda mais tranquilizadora. No orçamento da República vimos contando com 100 mil cruzeiros na verba concernente à melhoria de condições de moradia, e assistência social em geral (parte da verba relativa ao Ministério da Educação e Cultura) — foi pleiteado no orçamento Federal para 1955 o aumento dessa verba para um milhão de cruzeiros; empenha-se a Diretoria assegurando essa reivindicação. Que as subvenções conseguidas este ano para os Centros Acadêmicos, no orçamento do Estado sejam convenientemente aumentadas. Deve a Diretoria propugnar junto aos poderes públicos, pela concessão de verbas aos restaurantes dos C. A. e que sejam votadas diretamente para o pleiteado. (Tese de Juarez Faria — Grêmio Politécnico).

II — REPRESENTAÇÃO NO C. T. A. E CONGREGAÇÃO

Deverá a Diretoria propugnar pela representação do corpo discente no C. T. A. e Congregação de cada Escola. Deverá a Diretoria nomear uma comissão que estudará o assunto. Deverá a Diretoria divulgar as conclusões da comissão acima referida. (Segundo teses de Joel Furtado Mendonça, bancada da Faculdade de Filosofia da U. S. P. e da bancada do Grêmio Politécnico).

III — TRANSFERÊNCIAS

Deverá a Diretoria lutar pela modificação da portaria ministerial que trata do assunto, e nomear uma comissão para estudar o artigo 2.º do projeto proposto. (Tese do Grêmio Politécnico e C. A. XXV de Janeiro).

IX — AUXÍLIO GOVERNAMENTAL

Deverá a Diretoria pleitear aos poderes competentes uma Legislação de assistência a amparo as instituições particulares de ensino superior (tese da bancada C. A. Pereira Barreto).

V — RECOMENDAÇÕES

Deverá a Diretoria recomendar: — Aos poderes competentes a separação dos exames vestibulares nas Escolas em que haja mais de um curso. (Tese de Vicente Mazzarolo, do Grêmio Politécnico);

— Aos C. A. a realização de enquetes para apreciação da eficiência das Cadeiras. (Tese de Luiz A. Pinto, Grêmio Politécnico);

— Aos C. A. a criação de restaurantes universitários que chamem a si a administração dos mesmos, quando isto não acontecer. (Tese Juarez de Faria, Grêmio Politécnico);

— Aos C. A. a indicação de nomes para colaboradores da U.E.E. nos vários departamentos (Tese de Luiz Mazzarolo, do Grêmio Politécnico);

— Aos C. A. que estimulem o interesse dos alunos para discussão de problemas de ordem geral, por meio de conferências e debates e que indiquem um elemento

para se encarregar de tal mister. (Tese de Cláudio Jacopone e Mário Garcia, Grêmio Politécnico).

Deverá, ainda, a Diretoria enviar um ofício ao Congresso Federal manifestando o repúdio da classe universitária ao Projeto 4. 132/54. (Tese da bancada da F. F. C. L., da U. S. P.).

VI — Deverá a Diretoria promover a criação de uma Comissão para interceder junto aos poderes competentes pela transformação em Lei do Ante-Projeto já existente que trata do aumento do currículo dos Cursos de Farmácia e Odontologia (Tese da Bancada do C. A. 25 de Janeiro).

VII — ARTICULAÇÃO DAS SECRETARIAS

a) Secretaria de Cultura. Deverá a Diretoria, através desta secretaria, promover a criação de um centro de Conferências (Tese Cláudio Jacopone e Mário E. Garcia, do Gr. Politécnico). Sugere-se a Reforma Agrária como um dos temas aproveitáveis.

O Departamento de Teatro deverá encenar a peça "Queixa contra o desconhecido", de George Neveux. Deverá ampliar o gru-

po cênico de modo a consolidar-se em verdadeiro Teatro Universitário.

Deverá, ainda, esta secretaria, esforçar-se por editar uma revista cultural, que expresse o pensamento do universitário paulista.

b) — Secretaria de Assistência. Deverá esta Secretaria envidar esforços para criação de um Departamento de Assistência Médica (tese da bancada do C. A. Osvaldo Cruz).

Deverá nomear uma Comissão para tomar urgentes providências no sentido de obter desconto em passagens de empresas rodoviárias intermunicipais (tese da bancada do C. A. Alexandre Gusmão).

Deverá esforçar-se pela criação de uma cooperativa de gêneros alimentícios, fornecedora dos restaurantes universitários (tese de Juarez de Faria, do Grêmio Politécnico).

O Departamento de Empregos deverá continuar sua profícua atividade.

c) — Secretaria de Imprensa e Publicidade.

Deverá editar o Jornal U. E. E. divulgando as atividades da União Estadual dos Estudantes.

Deverá dar maior divulgação de

tôdas as atividades da U. E. E., inclusive o que seja a entidade e suas finalidades.

Deverá esta Secretaria iniciar uma campanha pelo esclarecimento do povo, com relação aos serviços públicos (tese Adriano Branco, do Horácio Lane).

d) — Secretaria de Intercâmbio. Deverá promover, por todos os meios a aproximação efetiva dos C. A., forjando o espírito univer-

sitário; deve, ainda, manter o Departamento Social.

e) — Secretaria de Pesquisas Universitárias.

Deverá concluir os trabalhos iniciados, dar-lhe ampla divulgação e lançar-se em novas pesquisas que lhe pareçam oportunas.

Aprovado em Sessão Plenária do VI Congresso Estadual de Estudantes.

O BISTURÍ

ANO XXI | São Paulo, Maio de 1954 | N. 69

DECLARAÇÃO DE PRINCÍPIOS

Os universitários paulistas, reunidos em seu VI Congresso Estadual de Estudantes, conscientes das responsabilidades que pesam sobre a sua classe, neste momento caótico por que passa o país, solenemente resolvem:

- 1) Proclamar sua coesão e unidade em torno de sua entidade máxima, a União Estadual de Estudantes, na defesa dos princípios básicos de honestidade e trabalho, nas causas universitárias e nacionais;
- 2) Reclamar uma legislação do ensino superior, onde os discentes coexistam em pé de igualdade com os docentes, no conceito tradicional de universidade, comunhão de alunos e professores, que objetivam um mesmo ideal;
- 3) Reivindicam uma assistência social digna, no seu sentido mais amplo, para que o universitário possa encontrar os meios materiais necessários ao atendimento das suas funções específicas;
- 4) Repelir, veementemente, tôdas as iniciativas que se não revistam da pureza com que devem ser cuidados os problemas do ensino secundário no país e tendentes a rebaixar o nível cultural do aluno ou colaborar para a deficiência de sua formação humanística;
- 5) Firmar a necessidade de um planejamento adequado da exploração de nossas riquezas e fontes de energia, bem como condenam os "trustes internacionais", embora aceitem, recomendando mesmo, a aplicação de capital estrangeiro, quando não leve a quaisquer aspectos de nossa soberania;
- 6) Manifestar seu repúdio ao sensacionalismo da imprensa corrupta, traíndo sua missão precípua de esclarecimento da opinião pública.
- 7) Reafirmar sua posição de combate aos desmandos governamentais, às negociações e à imoralidade administrativa, aplaudindo embora, as iniciativas honestas dos responsáveis pela administração pública;
- 8) Fazer sentir seu empenho na consecução do ideal democrático.

São Paulo, 30 de abril de 1954.

CONGRESSO DA U. E. E.

Quase duas centenas de representantes dos Centros Acadêmicos da Capital e do Interior se encontravam na sala Pandiá Calógeras da Universidade Mackenzie, entre 24 de abril e 10 de maio, a fim de debaterem os problemas do universitário em seus múltiplos aspectos; e o ensejo foi dado pela realização do 6.º Congresso da União Estadual dos Estudantes.

Em torno de um temário amplo que abrangia desde os problemas especificamente estudantis até os nacionais, giraram as teses e moções, bem como as discussões que esta suscitaram.

Não será exagero afirmar que os estudantes universitários de São Paulo deram uma vigorosa demonstração de maturidade intelectual nesta ocasião, como

bem o atestam as inúmeras teses discutidas com ponderação e discernimento, e após, conscientemente aprovadas.

Um dos aspectos que mais marcou o 6.º Congresso foi a unidade de pontos de vista em torno dos problemas apresentados; é bem verdade que por um momento as opiniões se dividiram, e isto ocorreu durante as eleições da nova Diretoria. No entanto, ultrapassada esta fase eleitoral, já voltava a reinar o ambiente de unidade que deve nortear os acadêmicos paulistas. E isto porque, desde que uma diretoria saiba se colocar em campo para resolver os problemas estudantis e defender os interesses nacionais, é ela termo de unidade para os estudantes paulistas.

Edith Politis

Serão estes os dirigentes estudantis no ano do IV Centenário

Presidente: Osvaldo Leite Ribeiro, C. A. da Fac. de Ec. Mackenzie.

1º Vice-Pres.: Edmundo de Freitas, C. A. Pereira Barreto.

2º Vice-Pres.: Carlos A. Manhães Barretos, C. A. da Esc. Luiz de Queiroz.

3º Vice-Pres.: Oscar Segall, D. A. da Fac. de Arq. Mackenzie.

4º Vice-Pres.: Luiz Gonzaga Salgado, C. A. 9 de Julho.

Secretário Geral: Augusto Ferreira Brandão, C. A. 22 de Agosto.

1º Secretário: Paulo H. A. Melo, C. A. da Fac. Eng. Industrial.

2º Secretário: Terezinha Fram, C. A. Sedes Sapientiae.

3º Secretário: José Silva Jr., C. A. da Criminologia.

1º Tesoureiro: Fernando R. Martins, C. A. Leão XII.

2º Tesoureiro: Munir Cury, C. A. Visconde de Cairu.

Cada exemplar de O BISTURÍ fica em Cr\$ 16,00 (Dezesseis cruzeiros) e custa também muito trabalho, dedicação e tempo.

PAGUE-O COM:

Leitura atenta, cuidado no manuseio, crítica construtiva.

DEPARTAMENTO MÉDICO DA U. E. E.

Nossa tese no VI Congresso

A "Folha da Tafde" de 6-5 comentou a tese apresentada por nossa bancada ao VI Congresso Estadual de Estudantes, bem como reproduziu as idéias principais que ela contém.

Julgamos oportuno transcrever esse comentário:

Como é sabido, nas Universidades Mackenzie e Católica e Escolas Superiores Independentes não existe nenhum serviço assistencial aos alunos. Somente a Reitoria da Universidade de São Paulo, proporciona através do Departamento de Assistência Social e Serviço de Inspeção de Saúde (SISU), algo nesse sentido, pois prevê consultas, exames laboratoriais, medicamentos e internação no Hospital das Clínicas, mas absolutamente insuficiente quanto ao número de estudantes que pode atender e tem atendido, em vista das verbas irrisórias a isso destinadas. Basta dizer que somente vinte e quatro mil cruzeiros são destinados anualmente para assistência domiciliar e de urgência, dois mil cruzeiros anuais para exames especializados de laboratório.

SITUAÇÃO IDEAL

Tendo em vista a precariedade da assistência médico-hospitalar ao universitário paulista, o C. A. «Osvaldo Cruz», da Faculdade de Medicina da U. S. P., apresentou no VI Congresso Estadual dos Estudantes, findo sábado último, um estudo detalhado, baseado em pesquisa estatística e sugerindo medidas para resolver o problema.

Nesse trabalho, que foi considerado pela comissão especial como a melhor tese apresentada àquela conclave, os estudantes da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, esquematicamente, imaginaram que a situação ideal que poderá preencher a lacuna existente é a seguinte:

«O estudante enfermo e, como a grande maioria, de posses modestas, dirige-se ao Departamento de Assistência Médica da União Estadual dos Estudantes, onde é atendido por acadêmicos de medicina encarregados da seção de triagem, onde é encaminhado ao clínico, cirurgião ou especialista mais adequado para a consulta, de acordo com a molestia e bairro onde reside o estudante. Se

Conclue na página 16

este for da Universidade de São Paulo procurará aproveitar os serviços existentes.

«Dada a apresentação pelo serviço de triagem, o universitário se di-

Bancada do C. A. O. C. ao VI Congresso

Luiz Baccalá
Armando A. Pupo
Wilhelm Kenzler
Domingos A. Meira
Edith Politis
Ellade
Adelôncio F. Sant'Ana
Enio O. Santos
Yoshitaka Okumura
Nelson Proença

Durante uma semana estes colegas dedicaram o máximo de seus esforços para bem representar o C.A.O.C. e colaborar na eficiência do Congresso, o que fizeram comparando seu excesso a tôdas as reuniões participando dos debates, integrando uma chapa às eleições votando conscientemente, e apresentando uma tese, aprovada com louvor e unanimidade.